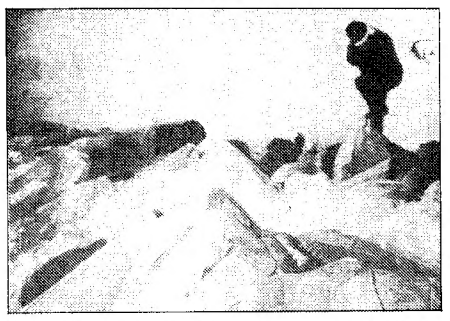
Cavaco Silva hoje na TV sem restrições de temas

O Cavaco Silva, que esta noite vai à Televisão na qualidade de líder do PSD, não colocou, aos seus entrevistadores, quaisquer restrições temáticas, não tendo também feito qualquer reivindicação quanto à obrigatoriedade de o programa ser transmitido em directo.

Pág. 2



Conclusão do trágico incidente no Golfo Pérsico

ESTADOS UNIDOS NÃO CONTROLAM EQUIPAMENTO MILITAR SOFISTICADO

O derrube, por um míssel, do «Airbus» comercial veio demonstrar, uma vez mais, que a marinha dos Estados Unidos não domina eficazmente o sofisticado equipamento de que dispõe em situações de «alerta vermelho». Na base do «trágico erro» esteve a incapacidade dos computadores em distinguírem entre um aparelho comercial e um avião de guerra. Resultado: 290 mortos. *(Na foto: cadáveres amontoados depois de retitrados das águas)* **Pág. 16**

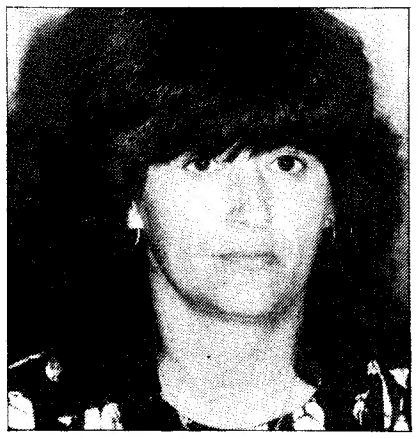
Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 705 Terça-feira, 5 de Julho de 1988 Preço 50$00

São mais do que aquilo que se pensa e não têm reconhecimento legal

UNIÃO DE FACTO

O casamento à margem da lei



ELISA DAMIÃO
(Comissão parlamentar da Condição Feminina)
«Muitas vezes a discriminação não está na lei, está na vida. A união de facto é como se não existisse para ninguém»

Enquanto se espera que o casamento e a união de facto tenham tratamentos jurídico e social iguais, os que optaram por «juntar–se» sem passarem previamente pelo Registo, pese embora as garantias que lhe são concedidas pelo Art. 36º da Constituição, continuam a ser alvo de discriminações. O problema é real, e ainda que em Portugal não assuma as proporções de outros países europeus, fontes contactadas pelo «DL» garantem que o número de casos existente é muito superior ao que se possa pensar.

Págs. 12 e 13

PEREIRA BAPTISTA
(Centro de Estudos Judiciários)
«É complicado discernir até que ponto é correcto fazer uma extensão, por analogia, da lei que vigora para as pessoas casadas»

TRANSPORTES PEDEM À UGT MAIS UMA GREVE GERAL

O SITRA, sindicato do sector de transportes ligado à UGT, vai pedir a esta central sindical que «marque uma nova greve geral, porque a situação que se vive no sector não diz respeito apenas àqueles trabalhadores mas a todo o país». Trata-se de uma proposta de radicalização ligada ao que o sindicato apelida de «tecto salarial» resultante da política seguida pelo Governo nas negociações com os sindicatos. Uma acha mais na fogueira da luta laboral em que hoje também estiveram envolvidos os bancários com uma greve de resultados superiores aos da mais recente paralisação. **Pág. 5**

O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio

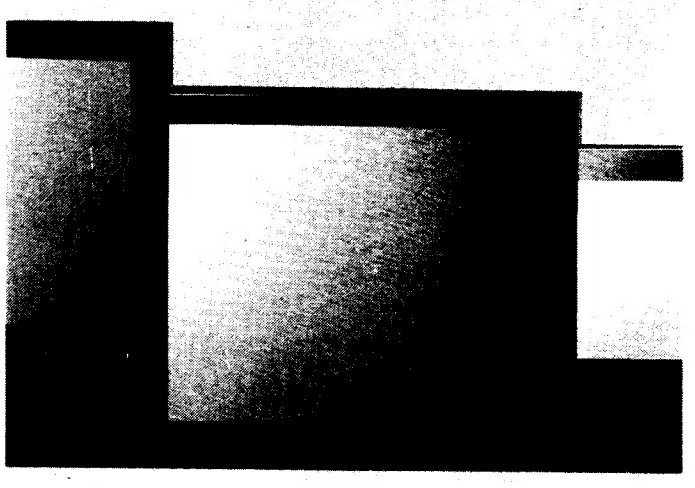
TOITORRES
TOITORRES AUTOMÓVEIS S.A. TORRES VEDRAS
O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE

Banix

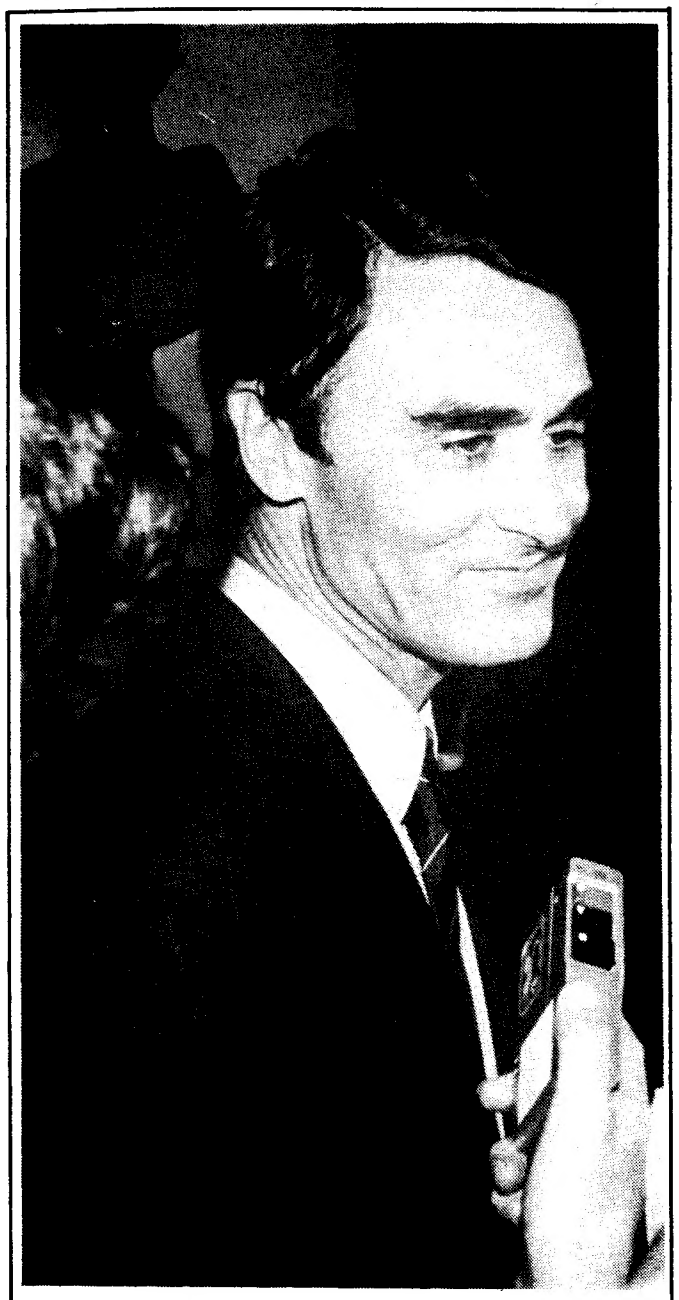
TOYOTA
uma FORÇA para o FUTURO

pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

LOEWE.



Representante Continente e Ilhas
PORTO Tel.: 951 50 03 SGO LISBOA Tel.: 77 78 24



Cavaco em directo esta noite na TV

Cavaco Silva estará esta noite no canal 1 da RTP para responder em directo às perguntas de Margarida Marante e Miguel Sousa Tavares, os entrevistadores do programa «Primeira Página».

Esta manhã Cavaco Silva participou normalmente na reunião do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos e a única preparação para a entrevista, que não terá qualquer restrição temática, foi o estudo de alguns dossiers sobre assuntos considerados mais polémicos que, de acordo com um membro do seu gabinete, «serão inevitavelmente abordados».

O Primeiro Ministro, que aparecerá nos ecrans na sua qualidade de lider do PSD, não fez qual quer exigência para que o programa fosse em directo - afirmou ao «DL» a mesma fonte, que lembrou ainda ter Cavaco Silva sido entrevistado em directo nas duas últimas vezes que foi à televisão.

ADESÃO DE PORTUGAL À UEO VOLTA À MESA DE NEGOCIAÇÕES AMANHÃ

William Gilman
Serviço Lusa/«DL« -

A adesão de Portugal e da Espanha à União Europeia Ocidental vai ser de novo discutida, sob a presidência da Grã-Bretanha, na reunião de amanhã em Londres. A presidência da UEO pela Grã-Bretanha durante os próximos seis meses, iniciada no dia 1 de Julho, quer tentar levar a cooperação de defesa europeia para além do estado embriário em que se encontra actualmente.

Mas o desejo de criar um genuíno grupo de defesa europeia, vigorosamente preconizado pela França e Alemanha Federal, é, porém, gravemente condicionado pela política tradicional britânica de não afectar a NATO ou ameaçar as obrigações de defesa da Europa pelos Estados Unidos.

A UEO foi criada pelo Tratado de Bruxelas, assinado em 17 de Março de 1984, uma aliança entre cinco Estados — Reino Unido, França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. A união alargou-se mais tarde para incluir a Itália e a Alemanha Federal.

«A UEO tem uma obrigação de defesa muito mais forte do que a NATO», afirmou Alfred Cahen, seu secretário-geral.

Cahen recorda que o artigo 5.º do Tratado de Bruxelas de 1984 diz que «no caso dum dos países contratantes ser objecto duma agressão armada na Europa, os outros lhe darão, conforme as disposições do artigo 51.º da carta das Nações Unidas, auxílio e apoio por todos os meios em seu poder, militares ou outros».

«A UEO não se aproveitou, a princípio, devidamente, das oportunidades, contentando-se em levar a cabo tarefas de natureza rotineira, que apesar de não serem insignificantes eram ofuscadas pela NATO», acrescentou Alfred Cahen.

Porém, a convite do governo italiano, os ministros dos Estrangeiros e da Defesa dos sete países membros reuniram-se numa sessão extraordinária, em Roma, a 26 e 27 de Outubro de 1984 para celebrar o trigésimo aniversário do Tratado de Bruxelas.

O objectivo era, também, fortalecer a paz e segurança, promover a unidade, e encorajar a progressiva integração da Europa, e uma mais estreita cooperação entre não só os membros como com outras organizações europeias.

«Tal reunião deu azo à reactivação da UEO, e a um verdadeiro renascimento daquela organização europeia», disse Cahen.

O governo britânico passou desde então a tomar uma atitude progressivamente mais positiva desde esse «renascimento».

Interessa-se em particular pelo facto da UEO ser a única organização, dentro da Comunidade Europeia, que se dedica inteiramente a problemas de defesa e de segurança, com a vantagem de incluir também a França que não faz parte da NATO.

Porém foi a plataforma sobre interesses europeus de segurança, adoptada na Haia, em 27 de Outubro de 1987, sob a presidência da Holanda, que finalmente deu um grande impulso à UEO.

A presidência britânica da UEO procurará dar prioridade aos princípios estabelecidos naquela plataforma e que incluem «defesa de qualquer país membro nas suas próprias fronteiras» e quer também alargar a UEO a Portugal e Espanha.

Portugal não causa problemas, devido à sua participação na NATO e associação com a CEE, mas a Espanha apresenta um caso mais difícil, dado a sua ausência da estrutura militar da Aliança.

Espera-se, porém, que tudo esteja resolvido para a reunião de Novembro dos ministros dos Estrangeiros e da Defesa da UEO, e que os sete passem então a ser nove.

A reactivação da UEO — diz Alfred Cahen — representa um factor de grande importância no fortalecimento da Aliança Atlântica, em três aspectos.

São eles a introdução progressiva de uma dimensão de segurança europeia, o desenvolvimento, dentro da Aliança, de um propósito europeu e o recomeço de um diálogo público e democrático, a nível de ministros dos Estrangeiros e de Defesa, sobre problemas de segurança que tomem em consideração as realidades existentes e as aspirações públicas.

Com o impulso dado à UEO durante a presidência britânica, existem esperanças de que os aliados europeus, mesmo sem sucessos inesperados, talvez consigam elevar as suas políticas conjuntas e a sua cooperação a um nível que permita à UEO, quando um novo presidente ocupar a Casa Branca, dar um verdadeiro apoio europeu à Aliança Atlântica.

Para preservar cultura Portuguesa

Macau propôs ao MNE suportar adidos culturais no oriente

A administração de Macau está disponível para suportar os encargos resultantes da nomeação de adidos culturais de Portugal em Pequim, Malaca, Banguecoque e Tóquio, refere a Lusa citando uma fonte próxima do Governo do território. O mesmo informador revelou que uma proposta nesse sentido foi feita pela administração de Macau ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa, mas que até ao momento ainda não é conhecida a posição do Governo da República sobre o assunto.

A iniciativa do governador Carlos Melancia vai de encontro ás aspirações das comunidades intelectuais daquelas quatro cidades, onde são ainda hoje visíveis os vestígios da cultura portuguesa ali deixada há quatro séculos.

Entretanto, falando no decorrer de uma reunião do Conselho de Educação, Carlos Melancia afirmou que, «ultrapassada que está a fase de consolidação das decisões quanto aos grandes empreendimentos no campo das infra-estruturas dos transportes e comunicações, a prioridade fundamental da administração de Macau é, neste momento, o desenvolvimento de acções tendentes á concretização de uma efectiva política de localização de quadros». Melancia acentuou que este objectivo é uma condição indispensável para a transferência da administração e um garante de que tal transferência se processará de forma tranquila e sem descontinuidades.

O Governador de Macau reconheceu contudo que este imperativo não é de execução fácil e muito menos poderá ser concretizado em termos eficazes se, desde já, não forem tomadas medidas articuladas em vários sectores.

Um dos obstáculos importantes na localização de quadros, segundo Carlos Melancia, situa-se na questão do reconhecimento das habilitações académicas, porque a legislação em vigor no território, ao fazer depender o reconhecimento das habilitações do estabelecimento de equivalências ao sistema de ensino português tem, na prática, condicionado uma mais ampla captação de quadros.

«E isto, prosseguiu, porque, por um lado, o conhecimento comprovado da língua portuguesa tem funcionado como requisito básico para a concessão de equivalências, no caso dos detentores de habilitações até ao nível do ensino secundário e, por outro lado, as habilitações de nível superior, obtidas, na maior parte dos casos, em Universidades da República Popular da China e de Taiwan, serem nã prática, de difícil e moroso reconhecimento pelas universidades portuguesas».

Na perspectiva de Carlos Melancia, impõ-se, por isso, «que seja concebido um modelo territorial que, sem relação obrigatória com o sistema de ensino vigente em Portugal, permita encontrar soluções adequadas para o reconhecimento dos graus académicos, obtidos fora do sistema de ensino oficial de língua veicular portuguesa».

O sistema preconizado assenta num princípio básico que tem que ver com a separação de dois problemas que não devem ser confundidos: as habilitações académicas, independentes da língua veiculiar com que são obtidas, e os conhecimentos de língua portuguesa.

«Visa-se, assim, possibilitar o reconhecimento de habilitações académicas, de qualquer nível de ensino, até ao grau de licenciatura, adquiridas fora de Macau ou nos diferentes sistemas de ensino,não oficiais, existentes no território, para efeitos do exercício de actividade profissional em Macau».

Carlos Melancia observou que se pretende com este modelo, «ao contrário do que hoje acontece», que o aproveitamento em língua portuguesa não condicione o percurso escolar do aluno, mas que, ao mesmo tempo, a sua frequência garanta o acesso a uma real credenciação naquela língua, que permita, de forma mais eficaz, responder ás necessiddaes de comunicação entre as duas comunidades de Macau.

«O sistema de ensino luso-chinês, disse o Governador de Macau, constituir-se-á, neste sentido, como uma alternativa séria e realista para os alunos e famílias que, pretendendo fazer a sua escolarização em língua chinesa, queiram adquirir conhecimentos em língua portuguesa que lhes permitam, nomeadamente, o acesso ao emprego público».

QUESTÕES DE NÍVEL

Lia Viegas

O mundo está bipartido, tripartido, repartido. Quadriculado, esquadrinhado, esquartejado, quadrilhado. De décima em milésima, de dízima em mínima, chegou-se ao máximo, ao quase nada, ao átomo. Ao núcleo do átomo, ao nada? À exploração, ao fim? Antes do fim, à beira do precipício, reuniu-se a alma ao corpo, o coração à cabeça e lucidamente alguém disse: «No mais ínfimo está o infinito; no pó, o universo; na fissuração do núcleo, a destruição do mundo. Por cima das cordilheiras da incomunicabilidade, dos fossos do desentendimento, dos pináculos do poder, estas palavras foram acolhidas com um acesso porque o guerreiro que as enviava depunha algumas armas no solo ainda não devastado.

E foi assim, depois de repetidos alguns daqueles gestos de inteligência e amor, que as partes começaram a reunir-se. Começaram as divergências a convergir. Os dois blocos opacos se aproximavam à medida que se aprofundava a mina que os apartava. Quanto mais cava é a divisão das vagas, mais rápido elas se unirão no mesmo mar. O risco da perdição conduz à salvação. No oceano da confusão e convulsão, nos finais da era astrológica dos Peixes, anos 1985-1986 depois de Cristo cruxificado, recomeçaram as reuniões a sério. Ditas cimeiras, porque ao alto nível. Gorbachev e Reagan, nada mais nem menos, ou seus lugares-tenentes. Negociações para a paz que cautelosamente são chamadas de desarmamento. Os mísseis de morte de médio e curto alcance começam a ser desmantelados. Ainda persistem os de longo alcance, ainda se prepara a Guerra das Estrelas. Como! Vinte anos após terem os seres humanos chegado à Lua e de lá se verem identificados com a Terra única e una de que fazem parte. Pelo diálogo, pelo reconhecimento das diversidades entre os sistemas e as regiões, chegaremos à paz total, diz Gorbachev. E os quatro Estados implicados nos conflitos da África Austral — África do Sul, Angola, Cuba, Estados Unidos — estão a negociar a paz. Que foi obtida no Afeganistão. Sê-lo-á na América Central? Na Palestina? Entre os irmãos do Iraque e do Irão? Ainda há quem pense hoje que os problemas políticos se resolvem com a guerra. Tal como o antigo regime português relativamente às colónias. Quando a voz do povo sacrificado se não podia ouvir. Muito erra quem governa com as orelhas moucas da arrogância. Quem não acede ao nível do espírito do seu povo. Ao nível dos interesses dos povos, das capacidades e necessidades dos seres humanos. Mas eis que ao mais alto nível, os representantes se juntam para falar de união. Descobriram que a lei universal da economia política é a interdependência entre os Estados. As fronteiras dificultam o progresso económico, dizem. Eis que a Comunidade Económica Europeia se reforça. Se projecta fundir com a EFTA. Eis que a CEE e o COMECON se reúnem pela primeira vez. Que felizes são os que podem viver lucidamente a esperança e o desmoronar das crenças feitas, para preparar a futura era que, dizem os astrólogos, será por volta do ano 2000, aquela em que a Humanidade será mais livre.

Nós parecemos antes escravos com carta de alforria. Ainda estamos divididos contra nós mesmos, alma e corpo contrários, trabalhados por forças dissonantes. Mas quem mais nos divide, acelera a junção. Só Cavaco Silva podia unir a CGTP e a UGT. Que também se vão sentar à mesa da reunião, representados ao mais alto nível. Quer dizer ao nível da união, com vista à unidade. De facto, o que separa e divide, o que guerreia e agride, é a falta de nível.

Ainda em Julho

CONFERÊNCIA EXTRAORDINÁRIA DO PCP PREPARATÓRIA DO XII CONGRESSO

— propõem comunistas da Marinha Grande

A convocação, ainda este mês, de uma Conferência Nacional do PCP, destinada a «preparar e a organizar o XII Congresso», no que toca à «calendarização e modo de preparação de documentos», à «apresentação, difusão e debate das propostas apresentadas pelos militantes, especialmente no concernente à eventual abertura no «Avante» de uma tribuna do congresso» e à «forma de eleição dos delegados, apresentação de candidatos e votação», foi pedida na passada semana ao Comité Central daquele partido por oito destacados militantes comunistas da Marinha Grande.

Entregue no passado dia 27 de Junho na comissão concelhia do PCP e remetida para publicação ao «Avante» e ao matutino «o diário», a proposta dos referidos militantes - dois ex-membros do CC, um vereador e cinco eleitos para a Assembleia Municipal - não obteve qualquer resposta ou divulgação.

Em carta dirigida ao «DL («jornal cuja linha editorial e longa tradição de combate pelas liberdades a Marinha Grande sempre respeitou e apreciou», sublinham) os signatários solicitam a divulgação do documento.

Os seus autores começam por invocar a resolução do CC do PCP de 24 de Fevereiro passado, que apelava às contribuições dos organismos e dos militantes (através de sugestões e opiniões) para a preparação do congresso e acentuam o carácter «construtivo» da proposta que «no seu modesto entender poderá constituir a saída democrática para ultrapassar, honrosamente, a situação de latente conflito existente no interior do Partido».

«Reconstruir a unidade»

«Na verdade - diz o documento - é hoje facto inquestionável que, marcadamente após o «caso Zita Seabra», existem e transparecem dissonâncias no seio do Partido, quanto à linha política seguida e a seguir, nas suas vertentes tácticas e estratégicas, quanto ao modo de constituir a futura Direcção, quanto à normas e estatutos a aprovar e sobretudo quanto à própria organização e regulamentação do Congresso».

Os referidos militantes comunistas da Marinha Grande frisam, por outro lado, que «tais divergências estão levando a sucessivas crispações, cada vez mais susceptíveis de pôr em causa a indispensável unidade do colectivo partidário» e que «se torna por isso imperioso e elementarmente sensato encontrar fórmulas e normas adequadas para garantir a reconstrução da unidade de objectivos e práticas no seio do Partido».

Acentuando que «tal só poderá suceder» se o XII Congresso se constituir num «amplo forum de debate democrático», regido por «normas de absoluta transparência», os signatários assinalam a importância de um Regulamento preparatório discutido e aprovado numa Conferência Nacional, «fórmula já consagrada no colectivo partidário».

«Transparência e democraticidade»

Nos considerandos da sua proposta, os signatários referem a «existência de pontos de vista diferentes por parte de inúmeros camaradas sobre a preparação do próximo congresso»; a «falta de consenso sobre a competência para a regulamentação do Congresso e as reservas levantadas a algumas das normas já recomendadas pelo CC»; a «necessidade de o XII Congresso ser assumido como um exemplo de transparência e democraticidade interna» e, ainda, que a sua «preparação e regulamentação deve visar a máxima garantia do direito à opinião com vista ao restabelecimento dos consensos necessários à unidade».

Os delegados à Conferência

Relativamente ainda à Conferência extrardinária (cuja proposta é já conhecida noutros sectores do PCP, onde está a colher importantes apoios), os militantes comunistas da Marinha Grande propõem que ela seja constituída por delegados eleitos segundo a representação proporcional das organizações, como vem sendo hábito, e que inclua como delegados natos os membros efectivos e suplentes do CC, todos os actuais deputados comunistas, todos os membros do PCP integrantes do secretariado da CGTP, todos os presidentes de câmara e de assembleia municipal comunistas e todos os membros do PCP que fizeram parte do Governo após o 25 de Abril ou de outros orgãos relevantes do aparelho de Estado, designadamente do Conselho de Estado, Mesa da Assembleia da República, Conselho do Plano, Comissão Nacional de Eleições, etc.

Os signatários

O documento é assinado por Osvaldo Castro, antigo membro do CC e actual presidente da Assembleia Municipal, Joaquim Carreira, vidreiro, militante histórico do PCP e membro da mesma Assembleia, Rodrigo Henriques, vendedor e membro do CC entre 1979/82, Armando Constâncio, vereador da câmara e principal responsável pelos êxitos da Feira de Actividades Económicas, Júlio Paiva, metalúrgico, membro da Comissão de Trabalhadores da Tomé Feteira e presidente da Assembleia de Freguesia de Vieira de Leiria, Armando Pedrosa, operário e dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos entre 1972 e 1987, Pedrosa Marques, vidreiro, ex-dirigente sindical e membro da comissão de freguesia de Vieira de Leiria e Estrela Diniz, funcionária sindical, secretária da Mesa da Assembleia Municipal da Marinha Grande.

Todos eles, recorde-se, manifestaram no princípio do ano apoio ao documento dos «seis» e, segundo apuramos, estão igualmente solidários com o «documento-Sara mago».

E.A.

Enviado de Israel visita Soares

PR apoia conferência para resolver questão israelo-palestiniana

Joseph Beilin, director-geral do ministério israelita dos negócios estrangeiros, afirmou ontem no final de um encontro com o Presidente Mário Soares, que o seu país não acredita numa solução militar para o levantamento palestiniano.

Referindo-se á iniciativa do secretário de Estado norte-americano, George Schultz, para a realização de uma conferência internacional capaz de resolver a questão israelo-palestiniana, Beilin disse que talvez após as eleições Israel possa dar início a este processo.

Sublinhou entretanto que até ao momento ainda não havia decisão do governo israelita sobre a proposta de Schultz e deu a entender que a sua visita se destinava a apurar a opinião do Chefe do Estado português acerca da iniciativa do secretário de Estado norte-americano para pôr termo aos conflitos entre palestinianos e israelitas.

O governo israelita parece estar a tenta saber como reagem as autoridades dos países ocidentais á proposta de Schultz, antes de se decidir apoiar essa alternativa que, ao contrário da Conferência Internacional de Paz sobre o Médio Oriente, promovida pelas Nações Unidas, e á qual Israel tem respondido negativamente, não prevê a participação de representantes da OLP.

De acordo com as declarações de Beilin, Mário Soares reafirmou o seu apoio á realização de uma conferência internacional de paz com a presença da OLP, sob os auspícios da ONU.

No decorrer do encontro com Soares foram igualmente abordadas as relações externas entre Portugal e Israel, bem como as hipóteses de desenvolver as relações conmerciais e de implementar a cooperação ao nível científicio e cultural.

Quanto ao problema da inexistência de uma embaixada portuguea em Telalvive, Beilin disse considerar que esse problema foi parcialmente resolvido com a indigitação de Rui Medina, representante diplomático de Portugal em Roma, com embaixador creditado, embora não residente, em Israel.

Soares vai descer o Douro

Com o objectivo de chamar a atenção para as potencialidades económicas e turísticas da região, Mário Soares vai descer o Rio Douro, a partir de Braca de Alva, com início no dia 20.

Um grupo numeroso de jornalistas portugueses e estrangeiros, bem como alguns convidados, acompanharão o Presidente da República nessa experiência de navigabilidade do Douro, que durará quatro dias, durante os quais Mário Soares manterá contactos com as populações de Alijó, Peso da Régua, Freixo de Espada á Cinta, Sabrosa e Baião.

Nesta descida serão utilizados diversos tipos de barcos, que terão o apoio da Marinha e da força Aérea. Mário Soares fez porém questão em fazer uma viagem num barco rabelo, as tradicionais embarcações que até há poucas décadas faziam o transporte do vinho do Porto até Vila Nova de Gaia.

Promover a componente turística, ainda pouco explorada naquela região, através da presença dos meios de comunicação, é um dos objectivos do Presidente da República.

ENSAIO DE RESPOSTA ÀS CONSIDERAÇÕES DE JOÃO MARIA DE FREITAS BRANCO

Manuel Joao Simoes Loureiro

No passado dia 20 deste mês apareceu neste jornal diário um artigo de João Maria de Freitas Branco no qual eram colocadas certas perguntas a Álvaro Cunhal. Já que o autor pretendia desse modo «apenas lançar um mdesto incitamento à problemática, na esperança de que o leitor se meta a reflectir sobre essas coisas» e de ter sido exactamente isso que me aconteceu ao ler o artigo, tomei a liberdade de ensaiar uma possível resposta.

JFB propõe-se analisar uma afirmação de Álvaro Cunhal que lhe parece ser justa, como ele diz, «tendo em consideração os princípios gerais da democracia e do funcionamento de um partido comunista». O motivo das suas «considerações» parece ser o contraste que ele verifica entre tal afirmação e a «súbita indisposição de todo um significativo conjunto de pessoas de indiscutível idoneidade política e moral». Em face de uma tão concreta colocação da questão fica o leitor na expectativa de uma igualmente concreta análise dos motivos reais que levaram as evocadas «pessoas de indiscutível idoneidade política e moral» a desencadear todo um «alvoroço» e a manifestar toda uma «insatisfação», os quais estariam no fim de contas igualmente na origem das «considerações» de JFB. Em vez, porém, de uma análise das razões «particulares e concretas» do referido acontecimento depara-se-nos uma colocação em questão dos «pressupostos» gerais à luz dos quais, como o próprio JFB diz, a afirmação de Álvaro Cunhal até lhe parece correcta. Estes «pressupostos» são na sua opinião os seguintes: o primeiro é que «estando consignados no texto estatuário os princípios da democracia» fica «o direito à crítica e... à diferença... assegurado **semper et ubique**». Por outras palavras: o que é contemplado formalmente passa também a ser realmente praticado. O segundo é expresso pela fórmula: a maioria tem sempre razão. E o terceiro resulta da aceitação do segundo e leva à proibição de fracções. Este último não é, porém, desenvolvido por JFB, sendo apenas apresentado como resultado de Lénine se ter «esquecido de considerar esta hipótese da maioria não ter razão». Utilizando o mesmo método de JFB ponderemos que pressupostos o terão levado a pôr em causa os pressupostos de Álvaro Cunhal.

1. Elitismo sergiano e suas causas

No âmbito do primeiro pressuposto pergunta JFB: «Será que a maioria dos homens tem o hábito de pensar pela sua própria cabeça»? A resposta negativa a esta pergunta parece-lhe ser tão evidente que ele se sente «dispensado de a transcrever». Seja-nos permitido duvidar. Estará a evidência de tal resposta tão patente na «história da humanidade» como JFB pressupõe? Ora, não nos mostra esta mesma história que a ausência de democracia ou o seu estrangulamento é que leva a que o homem deixe de «pensar pela sua própria cabeça»? Não será, por exemplo, exactamente com uma herança deste género que os soviéticos se vêem hoje confrontados? O «medievo princípio da autoridade» contra o qual JFB com toda a razão se insurge é um típico fenómeno resultante da degradação da democracia. E ele é não só resultante desta degradação como também substituinte das normas democráticas: já que a maioria não decide, tem alguém que decidir por ela. A maioria é levada a ratificar a decisão deste alguém mostrando o seu apoio ou comportando-se apaticamente, o que marca normalmente a última fase de um regime autocrático. Em todo o caso, passa esse alguém que decide **pela** maioria a decidir **em nome** da maioria.

JFB acentua o facto de o homem não ter o hábito de pensar pela própria cabeça e, por isso, ter de recorrer à autoridade de outros, que o façam por ele. Isto leva JFB a pôr em causa a possibilidade de, por simples decreto, se poder instituir democracia. Por muito verdadeira que seja a conclusão não deixemos de ponderar a sua premissa.

Já um outro intelectual português fez a mesma observação. Também António Sérgio verificou com desgosto que o hábito de pensar pela própria cabeça não era característica nacional e que o hábito de recorrer à autoridade tendia a substituí-lo. Além disso, via-se ele perante um regime que estimulava esta substituição ao máximo e se mantinha na base do autoritarismo. Por outro lado, ele verificou, igualmente, que aquele regime se entendia não como oposto à vontade da população, mas sim como representante legítimo não só da mairoia como, além disso, também da **totalidade** do povo português.

Sem conseguir encontrar na sociedade da época uma única força social real capaz de lutar por reformas, desenvolveu António Sérgio o seu intelectualismo elitista que pretendia transformar um pequeno número de intelectuais nessa desejada força motriz reformadora. Esta linha de pensamento e resistência antitotalitária, na qual António Sérgio representa apenas um dos maiores expoentes, culminou, realmente, no movimento de um pequeno grupo, não, porém, de puros intelectuais, mas sim de oficiais das Forças Armadas. O elitismo sergiano é resultado da reflexão de António Sérgio sobre a realidade portuguesa que o levou à, para a época, justa conclusão que a maioria é incapaz. A junção desta linha de pensamento e resistência à outra, que apostava com toda a energia num movimento de massas, teve lugar apenas no 25 de Abril de 1974.

JFB estará certamente de acordo que não é numa situação deste género que o «militante X» do PCP se encontra — mesmo quando esbarra «com uma autêntica muralha de incompreensão ao apresentar o seu pensamento no interior do respectivo organismo». Na vida política interna do PCP é notória a tendência para o autoritarismo e a desconfiança pela democracia parlamentar, mas não se esqueça JFB que é essa mesma democracia que, esperemos, irá permitir a reestruturação do PCP sem incidentes muito mais graves que os que o CC já provocou.

2. Democracia e ciência

Democracia não significa que a maioria tem sempre razão, se tomarmos a razão por propriedade de um espírito absoluto ou de um tribunal acima de qualquer defeito humano. Razão tem aqui de ser entendida no sentido em que nós falamos da razão de um evento, da sua causa, da sua origem. Democracia significa que a maioria dos cidadãos decide, que ela é a origem do poder de decisão e que esse poder é inalienável. Este é o problema fundamental da democracia desde que ela foi inventada pelo povo grego e com o qual se debate toda a humanidade desde que a burguesia europeia difundiu a sua ideia por todo o mundo.

Não é minha intenção defender aqui intransigentemente «a regra democrática», visto nem ser directamente contra ela que JFB polemiza. O seu pendor é, como o do seu mestre, para o «despertar a atenção para os seus limites», para o «incitamento à problemática», para a dúvida metódica e não para a negação. A sua dúvida pareceu-me, porém, estar no seu artigo argumentada de um modo desorientador. De facto, «não foram massas humanas», mas antes «cabeças singulares chamadas Copérnico e Galileu» que criaram teorias científicas com enormíssimo impacto na existência humana. Porém, não foram essas teorias desenvolvidas no intuito de as precaver do «exame de um grande colectivo», mas sim para serem divulgadas o mais possível entre os homens. Claro que, no tempo de Copérnico, Giordano Bruno e Galileu, a Igreja representava na Europa o maior colectivo espiritual e era por ela que todas as ideias inovadoras tinham de ser inevitavelmente examinadas. Mas, se Galileu escapou ao fogo purificador, não foi, de certeza, por no seu tempo os progressos da democracia serem menores do que nos de Giordano Bruno. Além disso, é do conhecimento geral os grandes cientistas sempre terem tido os seus problemas em situações não democráticas e sempre terem procurado os países que mais liberdade ofereciam à sua fantasia e talento.

3. Democracia e fraccionismo.

Não se pode proibir a cisão de um partido político. Pode-se, porém, tentar impedi-la. Era esse o objectivo de Lénine. Para isso, ele levou o CC do seu partido a aprovar uma resolução contra o fraccionismo. O objectivo era que uma possível radicalização de posições, que ele via iminente, não levasse à divisão do partido. Para que isso não acontecesse, era necessário que os grupos de opinião contrária se mantivessem em constante diálogo, se não fechassem um ao outro, organizando reuniões internas, um jornal próprio, etc.

O problema não consiste, portanto, em Lénine se ter esquecido «de considerar esta hipótese da maioria não ter razão». O que aconteceu foi Lénine ter visto o perigo que ameaçava o seu partido. Os dois últimos obstáculos (o segundo foi o seu testamento político) que ele erigiu contra este perigo foram utilizados por Estáline de uma maneira que nem mesmo Lénine, que bem o conhecia, podia imaginar. De facto, foi nesta base que Estáline difamou, isolou e por fim eliminou fisicamente os militantes bolcheviques que se lhe opunham, violando deste modo a ideia introduzida por Lénine, a tal extremo, que depois de ter transformado a sua fracção em CC a depurou até ao ponto de ficar apenas ele como autoridade única. E onde apenas um tem o direito de decidir, não precisam os outros, sequer, de pensar pela própria cabeça.

Do que foi dito, já pode o estimado JFB deduzir que mesmo Estáline, colocado na situação de ter de legitimar a sua política, enumeraria princípios e pressupostos invioláveis. A questão é se a sua acção política concreta teria algo a ver com tais princípios, ou se as suas análises da situação política concreta de algum modo se orientavam por eles.

Caso o seu credo seja amar mais a verdade que determinada concretização passageira da mesma, como já o fez o grande Aristóteles, então não tema e não se deixe enganar pelos muitos obstáculos reais e concretos que ainda existem à realização do princípio democrático.

Município de Lisboa

AVISO

Avisam-se todos os interessados, que no próximo dia 18 de Agosto de 1988, pelas 15 horas, se realizará no Pavilhão Carlos Lopes (antigo Pavilhão dos Desportos) ao Parque Eduardo VII, a Praça para arrematação de locais de venda na Feira da Luz, que terá duração de 22 dias, que vai de 4 a 25 de Setembro.

Para mais esclarecimentos, deverão os interessados contactar a Direcção dos Serviços de Abastecimento, na Rua do Machadinho n.° 20.

Lisboa, 1988/06/23

Pel'Director dos Serviços de Abastecimento

Maria Helena Folgodo

Regionalização: Casa do Douro

A Imprensa trouxe há dias a voz da Casa do Douro que, em queixume (aliás legítimo, de lamentar em Estado democrático e de direito) de que soubera que o governo estava a proceder à elaboração de uns seus estatutos sem sequer a ter ouvido. Efectivamente, ou a política nacional, mesmo sob os mesmos poderes dominantes, anda aos ziguezagues, a jogar à cabra-cega, ou nada mais se pode concluir, além do inteiro regresso ao passado. Com efeito a regionalização foi boca cheia e tem continuado a sê-lo, embora depois das últimas eleições tivesse caído um pouco no esquecimento. Parece, no entanto, que o tema não foi posto de parte nem oficial nem oficiosamente, devendo ser aproveitadas todas as ocasiões para que cada região tome consciência de si própria e saiba ou aprenda a zelar os seus interesses, pois não haja dúvida que a regionalização não pode ter outro objectivo que não seja o de melhor integração do indivíduo no local onde vive para seu inteiro domínio. Para tanto, é indispensável que os indivíduos participem naquilo que é fundamental na região. No Douro, dada a quase exclusiva actividade vitivinícola, é fundamental e do maior interesse a Casa do Douro. Esta deveria, assim, ser ouvida e convidada a participar activamente na elaboração dos seus estatutos e regulamentos. E a participação não ficaria numas conversinhas com a direcção da Casa do Douro, pois que esta deveria dialogar com todos os seus órgãos, que, por sua vez, ouviriam os seus representados, isto é, os vitivinicultores. Tal não aconteceu, segundo o queixume da Casa do Douro e eis que o governo se põe a projectar os estatutos e o regulamento eleitoral sem ouvir os interessados.

Nada é mais contrário não só à democracia como à regionalização, se é que pode estabelecer-se alguma linha divisória entre regionalização e democracia.

Sem entrarmos na necessidade ou desnecessidade de nova regulamentação da Casa do Douro, duas vezes extinta e duas vezes renascida, qual dupla Fénix, dir-se-á que o Douro tem o direito de exigir do Poder Central muito mais do que regulmentos que lhe venham a ser impostos, excluída a sua colaboração, para que a região demarcada do Douro possa ser a grande fonte de receita que o vinho do Porto poderia constituir para os vitivinicultores e factor de equilíbrio da balança de pagamentos.

Não se conhece ainda o teor do projecto de estatuto da Casa do Douro que se alinhava no Terreiro do Paço, ou lá por Coimbra, mas calcula-se que venha a ser mais uma decalcação masturbada do que está mais que regulamentado, esquecendo-se o problema fundamental da região demarcada do Douro que é o desenvolvimento do «marketing» do vinho do Porto por forma a que toda a região possa produzi-lo com colocação nos mercados onde o vinho do Porto é amostra e símbolo e a mercadoria, as falsificações. Se o Governo quisesse incidir toda a sua atenção e acção sobre esse problema de exploração de uma região que naturalmente está dotada para a produção de um vinho que é único no mundo, que tem nome e mercado (este a medir-se pela grande quantidade de vinho vendido como do Porto e fabricado por todo esse mundo fora, desde Espanha à África do Sul, à Austrália, etc.) melhor faria e de um tal alcance que o governo, se tivesse firmeza para dirigir e impor directivas às multinacionais da exportação do vinho do Porto, ficaria com nome único na história depois do de Marquês de Pombal. Mas é mais fácil e não cria problemas com os grandes do comércio das bebidas fazer projectos de estatutos daquilo que está mais que estatuído desde o Decreto 7934, de 1921, ao Decreto 21 883, de 1932, ao Regulamento de 486/82.

E assim continuamos com os grandes problemas por resolver, o Governo a projectar e o Douro e o País a sofrer.

Luís de Carvalho e Oliveira

Responsabilidade do impasse recai cada vez mais sobre o Governo

GREVES DOS BANCÁRIOS ESTÃO EM CRESCENDO MAS HÁ "DIFICULDADES" NO CASO DA CARRIS

A paralisação dos bancários regista adesões superiores à de dia 27 do mês passado, e os sindicatos esperam que amanhã seja ainda maior. No sector dos transportes a greve de 24 horas decretada pelos sindicatos teve adesões diferentes nas três empresas: no Metropolitano de Lisboa os trabalhadores pararam a 100 por cento, na Rodoviária Nacional houve zonas onde não circulou nenhuma carreira, mas na generalidade do país a adesão foi na ordem dos 95 por cento. Na Carris, a «situação dramática», segundo as estruturas sindicais, que se verificou às seis horas da manhã, com metade dos autocarros na rua, melhorou e, da frota de 880 viaturas, ao fim da manhã só 380 funcionavam, enquanto dos 180 eléctricos apenas circularam 82. Face a estes resultados o SITRA vai «propor à UGT que marque uma nova greve geral, porque a situação que se vive no sector dos transportes não diz respeito apenas àqueles trabalhadores, mas a todo o país. As centrais sindicais que assumam uma posição mais activa, porque são elas que estão no Conselho Permanente de Concertação Social», afirmou ao «DL» José Brandão.

A greve no sector dos transportes que decorre durante o dia de hoje teve índices de adesão surpreendentes em relação às anteriores paralisações: enquanto os trabalhadores do Metro responderam com idêntica incidência, fazendo parar todos os comboios, na Rodoviária a greve regista índices superiores à última paralisação.

Mas na Carris, onde o impasse negocial mais cedo produziu os seus efeitos, a adesão dos trabalhadores a mais uma paralisação foi inferior às anteriormente registadas, quedando-se pelos 80 por cento no sector oficianal e 50 por cento no pessoal do movimento.

«A situação inicialmente dramática na Carris melhorou, e a adesão é agora maior: dos 880 autocarros circulam 380, enquanto os eléctricos, dos 180 apenas estão a funcionar 82», disse José Brandão, sindicalista do SITRA, sindicato afecto à UGT.

Amável Alves, da FESTRU (CGTP), confirmou esta situação e os dois sindicalistas são unânimes em afirmar que «houve pessoal que se preparou para fazer derrotar esta luta, por intenções políticas».

«Um elemento dos TSD da Carris foi visto à porta da estação de Cabo Ruivo a transportar pessoal para outra estação, no seu próprio carro», afirmou José Brandão.

Amável Alves, por sua vez, afirmou que «houve empenhamento de pessoas da área política do Governo para que não houvesse greve».

Para aquele sindicalista, outras duas razões se prendem com a menor adesão dos funcionários da Carris: o «empenhamento das chefias, que fizeram contactos pessoais com os trabalhadores para levá-los ao compromisso de não fazerem greve» e, por outro lado, «pessoal que estava mais inseguro, depois de ver autocarros a circular, pensou que a greve não tinha resultado, e acabou também por trabalhar».

No entanto, segundo dados dos sindicatos, na estação da Pontinha, dos 220 autocarros apenas 14 sairam para as ruas, deixando toda a zona de Benfica, Larajeiras e Pontinha praticamente sem transporte, o mesmo acontecendo com outras áreas da capital.

O Metro fechou as suas portas, em função da adesão de 100 por cento dos trabalhadores, não tendo circulado um único comboio.

Na Rodoviária Nacional, os trabalhadores aderiram à greve numa percentagem maior do que na última paralisação. Os sindicatos afirmam que 95 por cento do pessoal da empresa não está a trabalhar, enquanto a administração afirma que 30 por cento da frota está a circular, e apenas 48 por cento dos trabalhadores aderiu à greve.

As zonas mais afectadas pela paralisação desta empresa são as dos acessos Norte e Oeste de Lisboa, as zonas suburbanas da capital e o Baixo Alentejo. Na zona de Faro, a adesão é de praticamente 100 por cento, segundo fontes sindicais.

Menos de meio por cento

A greve prende-se com reivindicações salariais e com a redução do horário de trabalho. Os trabalhadores da Carris estão a receber, por acto de gestão, um aumento de 6,9 por cento, e os do Metro, também por acto de grestão, 6,8 por cento. As negociações estão paradas. Na Rodoviária, as negociações com o Conselho de Gerência prosseguem, mas na mesa estão aumentos salariais de 5 por cento, que os sindicatos não aceitam.

José Brandão, do SITRA, afirmou ao «DL» que o seu sindicato, através da UGT, propôs ontem ao Ministério da tutela suspender a greve de hoje «se a empresa se dispusesse a substituir o acto de gestão que aplica unilateralmente por valores que já apresentou à mesa de negociações a quando da requisição civil: 7,63 por cento per capita».

«Por menos de um por cento, que representa 45 mil contos para sete mil trabalhadores, não aceitaram. Não se tratava de fechar as negociações, mas da administração da Carris mostrar boa vontade negocial, e as negociações pederiam prosseguir nas outras empresas», acrescentou.

Segundo o mesmo sindicalista, outras formas há de mobilizar os trabalhadores, e estes resultados não significam o fim da conflitualidade na empresa. «A contratação está esgotada, mas os trabalhadores voltarão a responder quando se tratar de aplicar o novo decreto-regulamentar», disse.

SITRA porpõe nova greve geral

O resultado da greve na Carris «obriga o SITRA a refletir sobre a situação», disse José Brandão, acrescentando: «Se estas greves fossem assumidas pelas centrais sindicais, os resultados seriam outros».

«Os sindicatos não podem ser laboratórios de ensaio das centrais sindicais. Elas que assumam um papel activo de intervenção nos conflitos laborais, mostrando maior empenho. Os sindicatos sozinhos não podem resolver estas coisas», afirmou José Brandão, explicando:

«Os bloqueios na contratação colectiva no sector dos transportes tem necessariamente a ver com os acordos feitos no Conselho Permanente de Concertação Social, com a imposição de tectos salariais. Não são os sindicatos que lá estão, mas as centrais sindicais. Por isso, o que está a acontecer obriga-as a tomarem uma posição».

Por esse motivo, segundo afirmou ao «DL» aquele sindicalista, «o SITRA vai propor à UGT uma nova greve geral, porque entende que o bloqueio da contratação coletiva e as greves do sector dos transportes não dizem respeito apenas àqueles trabalhadores, mas a todo o país. Por os sindicatos lutarem isoladamente é que as coisas estão nesta situação».

Bancários: adesão à greve de 90%

A greve dos trabalhadores bancários regista 90 por cento de adesões, sendo maior do que a realizada a 27 do mês passado, segundo uma fonte do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas (SBSI).

«A câmara de compensação está novamente fechada, bem como o mercado de câmbios e os postos de câmbio do Aeroporto, que desde as 19 horas de ontem se encontram encerrados», afirmou ao «DL» Barbosa de Oliveira, presidente do SBSI.

Na área da Grande Lisboa, segundo o mesmo sindicalista, a maior parte dos balcões estão encerrados e os que se encontram abertos estão a funcionar em condições deficientes.

Como exemplo, Barbosa de Oliveira citou os casos do Banco Fonsecas e Burney, onde 24 balcões estão encerrados, com uma percentagem de adesão na ordem dos 90 por cento. No Banco de Portugal a adesão é de 70 por cento e o Banco Pinto e Sottomayor tem todos os balcões fechados.

Em Angra do Heroísmo e em Portimão os índices de paralisação são de 90 por cento, e em Beja, dos 37 balcões existentes, 32 estão fechados. No Funchal, dos 15 balcões, apenas 2 estão abertos. Santarém regista o pior índice, onde apenas 50 por cento dos trabalhadores fizeram greve.

No Norte a adesão mostra-se idêntico, onde a maioria dos balcões se encontram encerrados, segundo o Sindicato dos Bancários do Norte.

«A greve de hoje tem uma adesão e efeitos de desgaste nas instituições de crédito superiores à anterior, porque conseguiu encerrar mais balcões», disse ao «DL» Barbosa de Oliveira, acrescentando:

«Potencia-se para amanhã adesões ainda maiores. Mas o grupo negociador representante das instituições de crédito continua fechado na sua concha».

Recorde de absentismo

TLP: 10 por cento de faltas por dia

«Quando num dia normal de trabalho -- mesmo numa grande empresa, com mais de 11 mil efectivos -- se verifica a ausência de 1200 trabalhadores (sem contar com os que estão de férias), é natural que algo de grave aconteceu naquele dia. Quando isto se passa, em média, todos os dias ao longo do ano, deve pensar-se que algo de grave acontece naquela empresa». O desabafo e a caracterização da situação aparecem na última edição do jornal dos CTT/TLP, e a empresa em causa é a componente TLP.

Segundo um documento elaborado por Joaquim Russinho, responsável pelos recursos humanos desta empresa pública, a taxa de absentismo nos TLP atingiu os 10,5 por cento o ano passado, «sendo ainda muito elevada em relação à média nacional».

Traduzida a percentagem em números, em qualquer dia normal de trabalho de 1987 cerca de 1200 trabalhadores dos TLP faltaram ao serviço.

Este número não inclui ausências justificadas pelo gozo de férias, que correspondem a 22 dias úteis por ano, superando-as mesmo ligeiramente: a média anual de faltas por tabalhador, justificadas ou não, atinge cerca de 25 dias trabalháveis.

Segundo o jornal dos CTT/TLP, esta situação «preocupa a empresa, que suporta custos financeiros directos, calculados em função dos dias de ausência, e também custos indirectos, traduzidos em trabalho que fica por fazer, na quebra de ritmo de actividade, no tempo que o trabalhador demora a readaptar-se às suas funções, etc.

Quanto aos motivos invocados para o absentismo, 73,9 por cento são alegadamente por doença, 16,6 por cento por motivos não especificados, 7,1 por cento por assuntos familiares e 2,4 por cento por acidentes.

O estudo nota um problema que vem agravar ainda mais o absentismo nos TLP: cerca de 23 por cento do total das faltas ao serviço é da responsabilidade de funcionários que faltam mais de 30 dias por ano -- está-se perante um «absentismo de longa duração».

Tarefeiros judiciais exigem integração no quadro de pessoal

Os tarefeiros do Centro de Identificação Civil e Criminal reivindicam a integração no quadro de pessoal e o desbloqueio dos resultados dos concursos efectuados em 1987, acunsando os responsáveis do Ministério da Justiça de «guardarem cartas na gaveta».

Num documentó que explana a sua situação, os 104 tarefeiros, repartidos pelas divisões civil e criminal, referem que têm um contrato sem qualquer validade jurídica, pois não está visado pelo Tribunal de Contas.

A maior parte dos tarefeiros entrou para aquele Centro em 1982, e os restantes foram contratados antes de 1987.

A integração nos quadros de pessoal reivindicada, nomeadamente na qualidade de agentes, nunca foi satisfeita, havendo por isso, segundo afirmam, «uma grande disparidade de vencimentos entre os tarefeiros a exercerem as mesmas funções, que variam entre 28 e 35 contos».

Esta situação, segundo os tarefeiros, foi já denunciadaa diferentes responsáveis do Ministério da Justiça e ao ministro da Justiça, acusando os referidos trabalhadores o chefe de gabinete do ministro de «guardar as cartas na gaveta».

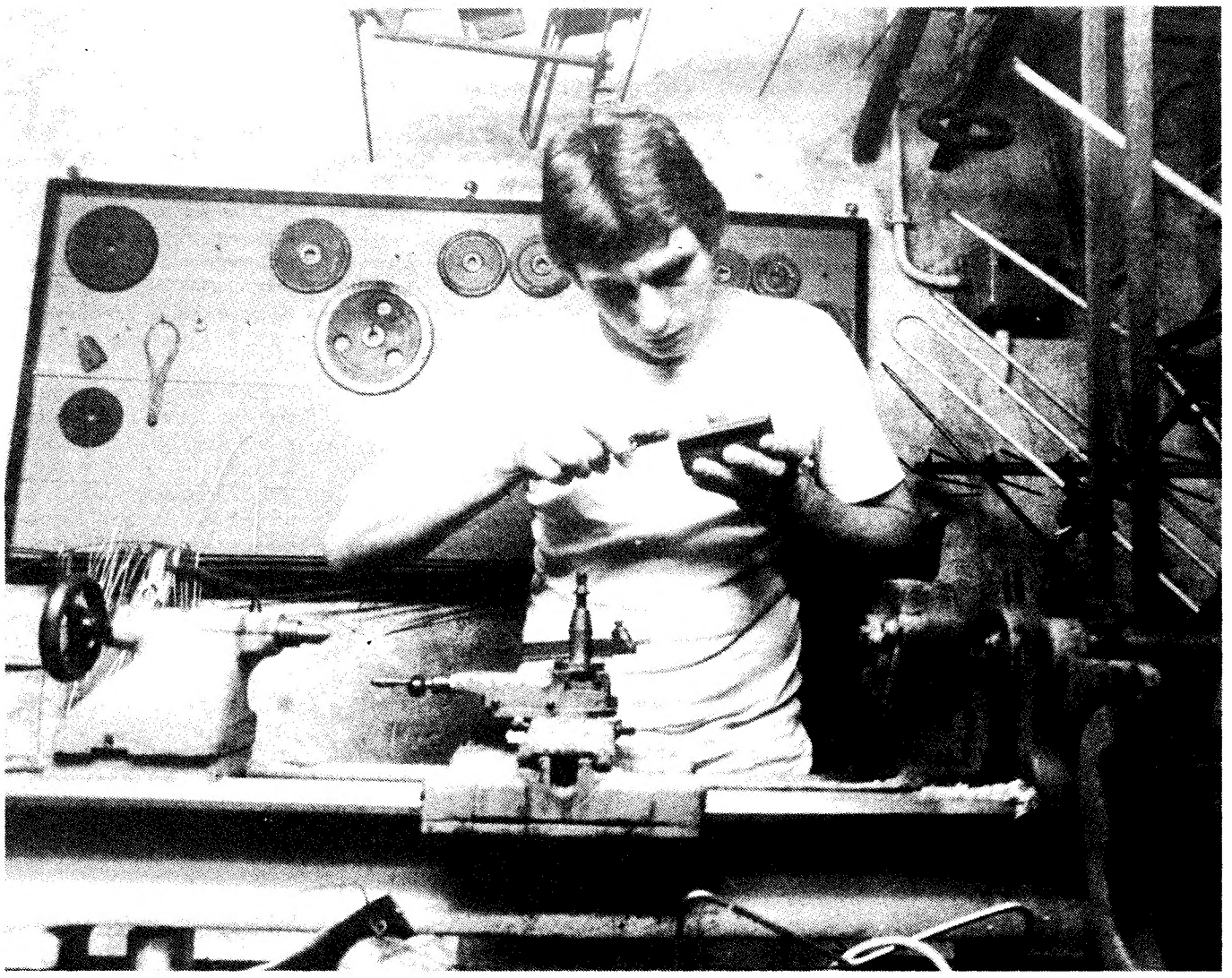
Os tarefeiros do Centro de Identificação Civil e Criminal pretendem a entrada automática dos restantes tarefeiros contratados antes de 1987 e que não puderam candidatar-se aos concursos do quadro do Ministério da Justiça, na qualidade de agentes.

Exigem ainda a actualização dos vencimentos de todos os tarefeiros do Centro, com efeitos retroactivos a partir de Janeiro desse ano, com o reconhecimento de todos os direitos e regalias.

ALEMÃO TAUISTA ENSINA AIKIDO E REPARA TUDO EM 24 HORAS

Maria Joao Barreto
Fotos Hernando Domingues

O autoclismo avariou-se. A torneira pinga cada vez mais impetuosamente. A prateleira dos livros soçobrou ao seu peso. Que fazer quando a casa está de pantanas? SOS, especialistas em reparações! Mas nenhum canalizador, nem carpinteiro, ou outros respondem ao apelo. Terão ido todos passar férias ao Algarve, ou não têm mãos a medir? Não sabemos. No entanto, o certo é que vamos ter que esperar muitas semanas, até que algum deles apareça. E aí surge o «herói», Peter, 35 anos, alemão. Distribui folhetos de autopromoção, promete reparações, atende a qualquer hora, e tudo com a «qualidade alemã».



«Rapidez, exactidão, serviço» são os termos utilizados por Peter para definir o índice de qualidade — alemã — que oferece, nos seus folhetos, aos clientes que soclicitem os seus préstimos.

Peter, na realidade chama-se Detlev Paul Metzmacher, mas recusou o seu nome de baptismo por, segundo ele, ter Detlev, juntamente com Helmut, um carácter perjorativo. Isto naturalmente, na Alemanha Federal, Francoforte, cidade onde nasceu, e de onde se escapou quando se apaixonou por Portugal, como tantos outros estrangeiros que nos visitam.

Veio até cá pela primeira vez, há cinco anos, tinha ele trinta de idade. Na altura percorreu o país de lés a lés. «Senti» a aventura neste país, do Minho ao Algarve é tudo bonito, o que mais gostei foi perceber què em Portugal existe uma grande harmonia com a Natureza.»

«Compreende-se melhor estas impressões se recordarmos que Peter veio de Francoforte, cidade extremamente industrializada.

Aquilo que o trouxe a Portugal foi um dos frequentes estágios que os praticantes de Aikidô, uma arte marcial, costumam realizar com alguma periodicidade pelo mundo fora. Ele é cinturão preto, terceiro Dan. Trata-se, aliás, de uma das facetas da personalidade deste homem louro, olhos azuis, trinta e cinco anos de idade.

Ao longo da conversa vamos-lhe descobrindo outras polivalências: fisioterapia e conhecimentos das técnicas da massagem shiatsu, japonesa, que segue os princípios da acupuntura, a qual também não tem segredos para ele.

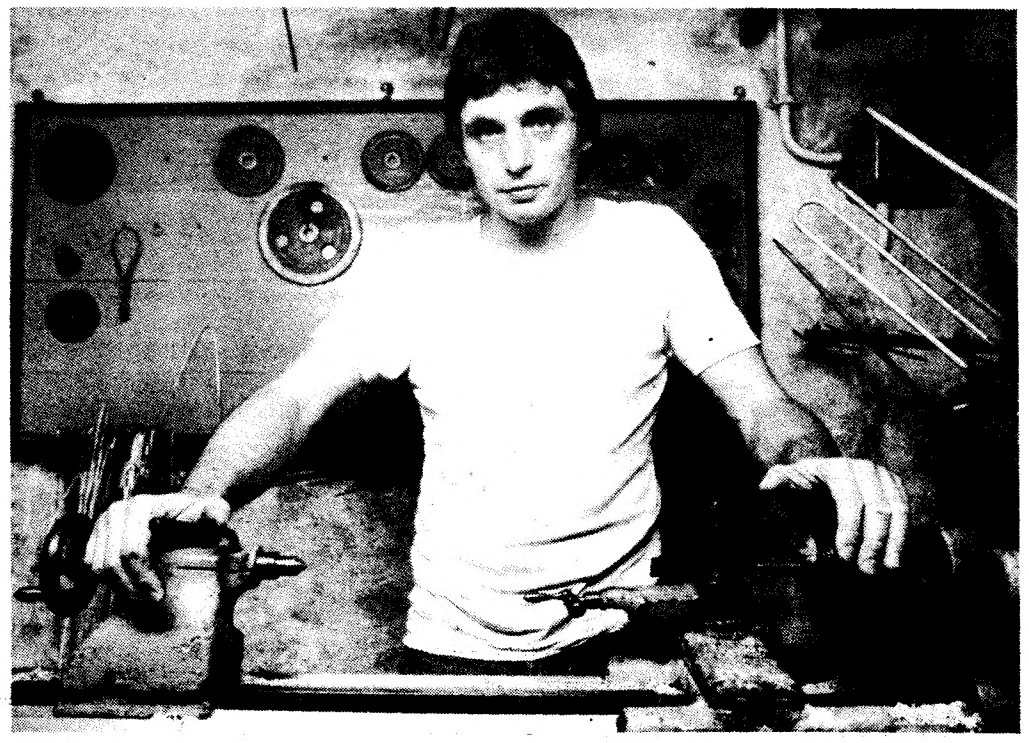
«Não penso, faço»

Peter decidiu viver em Portugal, percebeu que há uma forma de se poder aqui sobreviver: «Quero montar uma sociedade com um amigo meu na Alemanha, no ramo das reparações. Comecei agora. Sou um trabalhador, não penso, faço. Vi que aqui existe um grande atraso, em termos de tecnologia de ferramentas. Eu tenho cá instrumentos que só existem na Alemanha. Pretendo utilizá-los no meu trabalho, e oferecer um serviço de reparações rápido, imediato.» Ao contrário do que é habitual no nosso país, afinal.

Peter é, por enquanto, o único «operário» desta «empresa». Com a continuação afirma, projecta aceitar candidatos portugueses e formá-los na Alemanha, com tudo pago por ele: estadia, alimentação...

Apesar disto, afirma: «Não quero concorrer com os portugueses, quero é dar qualidade e ensinar novos técnicos num ofício para o qual é preciso competência e entrega, ou seja trabalhar e não fazer esperar.»

A firma de reparações e instalações caseiras tem cerca de dois meses de vida. Rendeu o mês passado, Junho, setenta e quatro mil escudos. O objectivo, a curto prazo, afirma — «é servir a população de Lisboa, estrangeiros e portugueses». Com estes últimos, Peter terá dificuldade em explicar que leva mil escudos por pequenas reparações segundo diz, incluindo o material e a deslocação. Afinal, ele ainda não domina a nossa língua, vai misturando algumas palavras portuguesas a um inglês macarrónico.



Um tauista no Bairro Alto

Peter vive no Bairro Alto, na Rua de S. Marçal. A sua casa reflecte, é evidente, a polivalência descrita. Numa das divisões tem a oficina. As paredes estão cobertas de ferramentas: é a chave de parafusos, o berbequim, o ferro de soldar... «Vocês cá utilizam técnicas antiquadas e morosas. Ainda fazem mobiliário à martelada. Eu não, eu uso tudo o que de mais moderno existe em utensílios, o que faz parte da tal qualidade alemã.»

A sua faceta orientalista traduz-se na decoração: budas; no trajo: uma blusa com caracteres orientais, nos livros acerca do Oriente. Além disso, Peter autodenomina-se tauista, uma das religões mais antigas da China. Assenta no culto dos antepassados e da natureza.

É esta mistura de pensamento oriental com a capacidade técnica teutónica (um chavão desgastado, mas definidor de homens como Peter), que torna este estrangeiro, radicado em Portugal, uma pessoa que fascina quem o conhece.

Quem não gostaria de ter nas suas relações um mestre de Aikidô, que diagnosticasse os nossos mal-estares e os curasse, e ainda por cima resolvesse todos os nossos problemas domésticos?

Mesmo assim, ele diz: «Quando eu mostro o folheto de propaganda» — «Repara, qualidade alemã, instalações caseiras, executamos todo o tipo de reparações caseiras, atendimento em 24 horas, electricidades, canalizações, carpintarias, reparações caseiras em electrodomésticos, lindas estantes em madeira por medida — as pessoas não gostam, não confiam no que lêem. Em Portugal, só acreditam em peritos, em especialistas, não entregam trabalho de responsabilidade a quem diga que sabe fazer de tudo. Mas eu, se há alguma coisa que não funciona e me chamam, eu vou logo, e arranjo tudo em meia hora. E se me encomendarem um armário, ele fica bem feito. Sou competente no que me proponho fazer.»

Verdade ou mentira? Os seus clientes que o digam!

Incontestável é que não há por aí muitos Peters...

"Processo imoral" para constituir conselhos de administração

MÉDICOS DO HOSPITAL CURRY CABRAL RECUSAM INDICAR NOMES PARA CARGO DE DIRECTOR CLÍNICO

O Conselho Médico do Hospital Curry Cabral recusou-se a indicar candidatos para os cargos de director clínico e seus assessores por considerar «imoral» o actual processo de constituição dos Conselhos de Administração dos hospitais.

Ao Conselho Médico fora solicitado pelo novo presidente do Conselho de Administração que indicasse médicos para aqueles cargos.

Segundo uma moção aprovada por unanimidade e aclamação, a que a Lusa teve acesso, várias dezenas de membros do corpo clínico do Curry Cabral rejeitaram essa possibilidade para não sujeitar nenhum dos seus membros «à aceitação de um compromisso eticamente criticável».

«O modo como está sendo implementada a referida lei (Lei 3/88) assume aspectos que consideramos imorais», diz a moção.

Num texto justificativo da moção, critica-se a forma como é escolhida a hierarquia médica hospitalar. «A própria escolha dos directores de serviço obedece a escolha pelos órgãos de gestão» e contestam-se os critérios de remuneração.

«As vultosas diferenças verificadas entre os vencimentos dos membros do Conselho de Administração e os profissionais de carreira só se justifica como técnica de aliciamento», diz o texto que considera ainda que as altas remunerações propostas para o cargo de director clínico (299 contos mensais, mais 59,8 contos de despesas de representação, para além do direito a viatura própria) somadas à anunciada permissão do exercício de clínica privada constituem «uma forma de sedução que raia as fronteiras do suborno».

«Se pensarmos que o Conselho de Administração do Hospital Curry Cabral é constituído por quatro elementos com vencimentos iguais ou superiores ao referido, atingimos uma verba superior a 20 mil contos anuais só para pagar ao Conselho de Administração. E se tentarmos calcular quanto custa a 'nova perspectiva de gestão' dos 70 hospitais contemplados atingiremos verbas de várias centenas de milhares de contos», diz o texto anexo à moção, que está a ser endereçado à hierarquia hospitalar.

A integração de directores clínicos nos órgãos de gestão hospitalar tem ocorrido de forma diferente de hospital para hospital.

Enquanto que num hospital do Porto o titular foi escolhido por eleição, noutros foi designado pela administração e noutro caso, pelo menos, o cargo está a ser exercido em acumulação com o de presidente do Conselho de Administração, disse à Lusa fonte médica do Hospital Curry Cabral.

Segundo a mesma fonte, «há indicações de que o Tribunal de Contas poderá vir a contestar os elevados ordenados previstos para o cargo, superiores ao de juiz-conselheiro do Supremo ou a professor catedrático».

Fundação Calouste Gulbenkian esclarece concessão de bolsas aos novos Estados africanos

Da Fundação Calouste Gulbenkian, através do seu serviço para a cooperação com os novos Estados africanos, recebemos a carta que a seguir transcrevemos:

«Em referência à nota inserta no 'Diário de Lisboa', de 25 de Junho p.p. e relativa à visita do administrador dr. Victor de Sá Machado a Cabo Verde, a Fundação Gulbenkian esclarece que não suspende qualquer das bolsas que atribuiu a estudantes nacionais dos países africanos de língua oficial portuguesa, as quais serão renovadas nos termos regulamentares normais.

A Fundação limita-se a não abrir concurso para atribuição de novas bolsas para o ensino superior, em 1988/89, com excepção das contempladas em acordos e convénios de cooperação com instituições ou relacionadas com projectos em execução ou negociação. Além disso, a Fundação continua a atribuir as bolsas com carácter profissionalizante — destinadas a técnicos médios —, bem como as bolsas de especialização, reciclagem ou pós-graduação, e que constituem a parte mais significativa do seu programa de bolsas.

Ao decidir uma interrupção, que se espera temporária, na concessão de novas bolsas em apenas um, de resto, dos segmentos contemplados no seu programa, a Fundação considera que tal interrupção é necessária para um repensar, que se impõe, das condições em que os estudantes africanos vivem em Portugal. A este propósito, a Fundação informa que continuará a desenvolver o seu importante programa de criação de residências para estudantes junto das Universidades portuguesas, que envolve já encargos da ordem das muitas centenas de milhares de contos e em cujas lotações são reservadas, por força dos contratos de doação estabelecidos pela Fundação com as Universidades, quotas destinadas a estudantes africanos que variam de 20 a 40% da respectiva capacidade de alojamento.»

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Conflito em Castelo Branco devido a problemas rodoviários

Em Bairradas, Castelo Branco, forças da GNR carregaram sobre populares que se manifestavam contra as recentes alterações verificadas nas ligações rodoviárias com outras localidades, e sobretudo com a capital do distrito, consideradas lesivas para os interesses locais.

A actuação da GNR, oriunda de Cernache do Bom Jardim, Ferreira de Zêzeze e Figueiró dos Vinhos, provocou alguns feridos, que tiveram de receber tratamento no Hospital de Cernache do Bom Jardim.

Enquanto isto, a CP informou que já começaram a chegar à estação da Campanhã, no Porto, os primeiros comboio especiais com emigrantes, saídos de Paris.

Os três comboios vinham com meia lotação e transportavam passageiros, muitos dos quais se foram apeando em estações intermédias, tais como Aveiro, Espinho e Vila Nova de Gaia.

Outros comboios do mesmo tipo são esperados na capital nortenha nos próximos dias 10, 17, 23 e 24 de Julho, à média de um por dia. Mas no dia 30 chegarão quatro e no dia 31 seis, enquanto nos dias 1, 2 e 7 de Agosto está previsto mais um por dia.

De acordo com a CP, prevê-se a chegada, até 7 de Agosto, de cerca de 20 comboios, também.

O regresso dos emigrantes portugueses à capital francesa está marcado para o período de 13 de Agosto a 4 de Setembro.

Os dois acidentes ocorridos na manhã de ontem na já fatídica baixa de Corroios, na auto-estrada do Sul, acabaram por causar um morto e quatro feridos graves. Segundo um porta-voz da Brigada de Trânsito da GNR, o primeiro destes acidentes teve na sua origem o despiste de um camião que depois de galgar o separador da via foi colidir frontalmente com dois automóveis. Pouco depois, uma carrinha «Bedford» atravessou-se na estrada, tendo sido abalroada por um camião de transporte de leite, cujo motorista sofreu a amputação dos pés e o ajudante morreu.

Em Coimbra, um automóvel despistou-se devido a excesso de velocidade, tendo ficado partido em dois ao embater num poste de iluminação. O condutor, Carlos da Silva Cruz, de 21 anos, teve morte imediata e ficaram feridos Fernando Oliveira Pereira, 18 anos, Jorge Humberto Machado, de 23 e António Gabriel Pereira, de 16.

Na estrada que liga Odemira e Vila Nova de Milfontes, duas pessoas morreram quando o carro em que viajavam foi embater num eucalipto. Trata-se de Francisco Manuel Camacho, de 66 anos, agricultor, e do seu sobrinho António Jacinto Porfírio Franco, de 44.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

Mário Soares presidiu esta manhã a desfile na Praça do Império

EXPOSIÇÃO NO MONUMENTO DAS DESCOBERTAS NAS COMEMORAÇÕES DOS 121 ANOS DA PSP

Numa cerimónia presidida pelo comandante-geral, general Amílcar Morgado, a PSP iniciou anteontem as comemorações do seu 121.º aniversário, com a inauguração de uma exposição no Monumento das Descobertas, em Belém.

A exposição que estará patente ao público até ao próximo dia 10 é uma mostra de diversos documentos e fotografias relativos à história e à vida actual da PSP, encontrando-se igualmente patente diverso material e equipamento usado naquela instituição, para o «bom cumprimento da sua missão de segurança e de manutenção da ordem pública».

As celebrações da efeméride serão ainda preenchidas com uma missa no Mosteiro dos Jerónimos e uma [illegible]rada e desfile, na Praça do Império, realizadas esta manhã com a presença do Presidente da República, e um Concerto de Gala no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, pela Banda de Música da PSP, no dia 7, pelas 21 e 30.

Um aspecto da exposição quando era inaugurada pelo comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado

Soldado da GNR matou a mulher e suicidou-se em seguida

Um soldado da GNR, a prestar serviço em Évora, José Luís Ferreira Pereira, de 31 anos, assassinou a mulher com um tiro de pistola, suicidando-se em seguida, tendo os dois corpos sido encontrados por um agricultor num local ermo, em Travanca do Monte, concelho de Amarante, no interior do automóvel do casal.

José Luís Pereira, que em tempos esteve internado num hospital psiquiátrico de Lisboa, era um indivíduo muito ciumento, afirmando inclusive, em público que o filho de três anos não era dele.

O crime ocorreu na tarde de sábado, mas já na manhã de quinta-feira, segundo familiares do casal, o praça da GNR tentara convencer a mulher, Joaquina Maria de Sousa Monteiro, de 27 anos, a acompanhá-lo no passeio a um rio próximo de Travanca do Monte, tendo esta recusado, ao argumentar que tinha muito trabalho doméstico para fazer.

Dadores de sangue mobilizados por apelo de Santa Marta

Um apelo via rádio, lançado ontem à noite, devido à urgência numa intervenção de cirurgia cardíaca, no Hospital de Santa Marta, levou quarenta pessoas a darem sangue no Hospital de São José.

Uma fonte deste estabelecimento referiu que a falta de sangue continua a ser um «drama» com que os hospitais se debatem, mas o problema surgido em Santa Marta foi resolvido devido à rapidez com que os dadores acorreram.

Cerca de 100 tiveram de receber assistência hospitalar

Estudantes da Universidade de Évora intoxicados por bacalhau à Brás

Doze estudantes da Universidade de Évora só ao princípio desta manhã tiveram alta do hospital local, na sequência de uma intoxicação alimentar que durante a noite de sábado afectou cerca de 100 alunos da Universidade daquela cidade alentejana.

Uma fonte da Associação de Estudantes referiu, com base em informações clínicas, que a intoxicação terá resultado do jantar servido na cantina da Universidade (uma sopa de legumes, bacalhau à Brás e uvas), tudo indicando que terão sido salmonelas existentes nos ovos as causadoras do problema.

Os primeiros alunos atingidos pela maleita deram entrada no hospital por volta das 23 horas de sábado, tendo os seguintes recorrido a tratamento no domingo, e mesmo ontem.

Protestando contra o sucedido (a segunda intoxicação alimentar nos últimos anos), a Associação divulgou um comunicado, exigindo um amplo esclarecimento sobre a ocorrência, por parte da Reitoria, delegado de Saúde de Évora e Serviços Sociais da Universidade, entidade responsável pela alimentação facultada aos alunos na cantina daquele estabelecimento.

Tinha consultório e levava quatro contos a cada doente

Falso médico prestou serviço no Miguel Bombarda e Júlio de Matos

A Polícia Judiciária anunciou a detenção de um falso médico, quando, no passado dia 29 de Junho, o mesmo se preparava para atender mais um cliente no consultório que tinha em Lisboa de parceria com um colega, este médico de facto.

Segundo revela a PJ, o «dr. Ferreira Coelho», de 49 anos, que confessou não possuir diploma de Medicina, exerceu actividade durante vários anos, na especialidade de «Psicoterapia Comportamental», cobrando actualmente quatro mil escudos por consulta.

Os investigadores apuraram, também, que o falso médico chegou a assistir, entre Janeiro de 1985 e Fevereiro último, a consultas de várias especialidades num hospital psiquiátrico, onde apresentou um requerimento intitulando-se clínico, e prestou serviço num outro estabelecimento hospitalar. Os dois hospitais seriam, ao que apurámos, o Miguel Bombarda e o Júlio de Matos.

O «dr. Ferreira Coelho» fez igualmente constar ter-se especializado na universidade francesa da Sorbonne, o que levantou, naqueles estabelecimentos hospitalares, a suspeição da sua falsa qualidade profissional.

No acto da detenção do falso «dr. Ferreira Coelho», a PJ apreendeu no seu escritório fichas de doentes, guias de tratamento, agendas para marcações de consultas e receituário clínico.

GNR apreendeu em Maio 55 armas de fogo

A GNR afirma ter apreendido, durante o passado mês de Maio, 55 armas de vários tipos e calibres e detido 684 indivíduos, 388 dos quais em flagrante delito.

Nesse período, a força comandada pelo general Francisco Cabral Couto tomou conta de 4449 delitos, dos quais merecem destaque 40 casos de injúrias, violência, resistência e desobediência à autoridade, 183 ofensas corporais, 1674 roubos, e nove casos de posse, tráfico ou consumo de droga.

A GNR recuperou 322 viaturas das 518 que haviam sido furtadas.

Agricultores de todo o País pedem auxílio

MAU TEMPO OBRIGARÁ A IMPORTAR MAIS CERIAIS

Os efeitos dos temporais que se têm registado desde Maio vão obrigar a importar mais cereais e sementes do que se esperava, afirmou ontem o director dos serviços regionais da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC), Silva Isabel. Em declarações prestadas à agência Lusa aquele técnico explicou que o mau tempo das últimas semanas veio agravar os problemas que as chuvas de Novembro e Dezembro já tinham causado nas sementeiras, e que já faziam prever fracas colheitas cerealíferas .

"Agravada por estes dois contratempos, a importação tem necessariamente de ser mais elevada, pois a pouca colheita que se fizer não deve ter condições para ser utilizada, além de que não haverá sementes para a próxima campanha", disse Silva Isabel.

As consequências do mau tempo têm entretanto feito afluir aos serviços do Ministério da Agricultura um número significativo de pedidos de auxílio apresentados por associações de agricultores de diferentes regiões do país. De acordo com o chefe de gabinete do Ministro da Agricultura, Luis Alvito, os problemas mais graves parecem localizar-se no Ribatejo e no Alentejo, estando os serviços a acompanhar o evoluir da situação com "muito cuidado".

No Alentejo a chuva e o granizo já prejudicaram mais de 50% da produção de cereais e, de acordo com o próprio chefe de Gabinete de Álvaro Barreto, as culturas de tomate, melão, milho, trigo, batata e azeitona são consideradas praticamente perdidas.

No distrito da Guarda, a federação de agricultores do distrito e diversas organizações da lavoura indicam igualmente que o mau tempo já provocou uma redução drástica da produção de amendoas, enquanto que o granizo provocou graves prejuizos nos pomares e nas vinhas.

"O próprio ministro está a fazer contactos pessoais no sentido de elaborar o mais rapidamente um relatório a ser apresentado num dos próximos conselhos de ministros para determinar as medidas a adoptar", acrescentou Luís Alvito.

Turismo também sofre

Apesar do número de turistas que têm desembarcado no aeroporto de Faro ser ligeiramente superior ao do ano passado e de as fronteiras terrestres apresentarem um movimento normal, o turismo também está a sentir os efeitos da instabilidade climatérica que se tem feito sentir. No Algarve, afirma o correspondente da agência Lusa, ainda não foi possível encontrar um dia de Julho que pudesse ser comparado ao mesmo período do ano passado.

Os hotéis queixam-se de ter menos turistas, nomeadamente ingleses, cujo número desceu nalguns casos para menos 30% que em Julho de 1987. "No ano passado por esta altura tinhamos uma ocupação de 95% e este ano estamos apenas com 60%, embora se preveja uma melhoria a partir do dia 15", afirmou um responsável de uma unidade hoteleita da zona de Albufeira.

Na zona norte, e designadamente na cidade do Porto, o habitual movimento de veraneantes também ainda não se faz sentir e os comerciantes ligados à actividade balnear queixam-se de que o negócio ainda não começou. "Este Verão apenas vendi 4 fatos de banho, quando no ano passado por esta

altura já tinmha vendido mais de 400", disse à Lusa o proprietário de uma loja de modas no centro do Porto. Nas praisa da região vai-se vendo alguém da parte da tarde, mas a afluência é mínima perante as raras espreitadelas do sol e os permanentes ameaços de aguaceiros. "Este ano o negócio é o pior de que tenho memória e se algumas barracas estão alugadas isso deve-se a clientes habituais que alugam todos os anos", afirou José Queiroz, concessionário de um espaço para alugar barracas em Leça da Palmeira. De igual modo se queixam os vendedores de gelados e os proprietários de cafés, cervejarias e restaurantes que, muitas vezes, empregam pessoal suplementar para fazer face ao acréscimo de negócio da época estival. "Nos outros anos não tinha uma mesa vazia a partir das 9 da manhã, agora nem à hora de almoço consigo encher meia casa", garantiu o dono de um café na Foz.

Chuvas ultrapassam médias de 30 anos

Os valores da precipitação caídos nas últimas semanas têm ultrapassado significativamente os valores médios registados ao longo dos últimos trinta anos, apurou o "DL" junto do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. De acordo com a mesma fonte a precipitação verificada de 11 a 20 e de 21 a 30 do mês passado foi superior à normal em todas as estações meteorológicas da rede do INMG e, só no Fundão (zona em que a produção de cereja foi gravemente atingida) a quantidade de chuva caída de 11 a 20 de Junho foi superior em 108,4 mm à precipitação normal.

Quanto aos primeiros dias deste mês, e apesar de ainda não estarem disponíveis os números globais e comparados, também já não restam dúvidas de que as quantidades de precipitação caídas assumem valores excepcionais.

No que se refere à evolução do tempo - e passado que foi este fim de semana em que os bombeiros se viram obrigados a acorrer, em vários pontos do país, a numerosas inundações em vez de serem chamados a apagara fogos, como é habitual nesta época - o INMG admite que a situação venha a tender para a normalidade a partir de quinta ou sexta feira. Não se trata de nenhuma certeza, informaram-nos no INMG, mas "com os dados disponíveis neste momento pensamos que a tendência a partir do dia 6 ou 7 apontará para o restabelecimento de uma tendência mais conforme com o que é habitual no mêas de Julho".

Quanto às previsões longo prazo (as famosas americanas) que nos auguram um verão outonal, senão invernoso, até à chegada do Outono oficial, os técnicos do INMG continuam a pôr em causa o seu carácter científico e a sua credibilidade. Trata-se de previsões elaboradas por organismos privados dos EUA, com base em informção essencialmente estatística, que tanto podem acertar como não acertar. "É uma questão de probabilidades", disse ao "DL uma técnica daquele instituto. Internacionalmente não são consideradas como credíveis e cientificamente fundamentadas as previsões de tendências do tempo que excedem o prazo de dez dias. "Ainda agora se estão a dar os primeiros passos para que esse prazo possa ser alargado com alguma segurança até aos 30 dias, quanto mais fazer previsões detalhadas para locais definidos a meses de distância", afirmou a mesma técnica, contestando a natureza cientffica de tais previsões

Com ligação às "auto-estradas electrónicas"

Portugal terá telecomunicações mais rápidas com o estrangeiro dentro de dois anos

Telecomunicações mais rápidas e mais fáceis com o estrangeiro serão possíveis daqui a dois anos, com as primeiras ligações às «auto-estradas electrónicas» europeias. A informação foi dada por Oliveira Martins, secretário de Estado dos Transportes e Telecomunicações, quando falava no primeiro Conselho formal dos ministros das Telecomunicações da CEE, reunido no Luxemburgo.

As ligações de Portugal com a França e a Espanha (designadamente Leiria/Cáceres) estão previstas para 1990, enquanto que para 1994 nova ligação com a Espanha está agendada, desta feita com Salamanca.

As «auto-estradas electrónicas», refira-se, são constituídas, à semelhança do que acontece com as grandes redes rodoviárias e ferroviárias na Europa, por forma a permitirem um descongestionamento do tráfego de telecomunicações, não só através de grandes linhas como também pela utilização de sofisticado material de comunicações.

Segundo aquele governante, os custos do programa não estão ainda estimados. Entretanto, os Doze decidiram já prosseguir estudos sobre o «número comunitário de urgência», depois de a Grã-Bretanha ter levantado as reservas que tinha sobre a matéria. Trata-se de determinar um número único, a nível comunitário, para serviços de urgência, o que permitirá que qualquer cidadão que se desloque a outro país membro da Comunidade o conheça previamente.

Os ministros decidiram ainda aumentar a investigação e os estudos sobre «a televisão de alta-definição», com o objectivo de obterem uma solução alternativa à tecnologia japonesa. Este aparelho é um receptor de grande aperfeiçoamento técnico com uma clareza de imagem superior à dos televisores vulgarmente comercializados.

Orquestra Sinfónica da RDP

RDP

TEMPORADA 87/88
RUÍNAS DO CARMO
Dia 5 de Julho de 1988
21.30 h

MAESTRO
Manuel Teixeira

SOLISTA
Pedro Teixeira da Silva (violino)

1.ª PARTE

Coriolano, op. 62 - Abertura
Beethoven
Allegro con brio

Romance para violino e orquestra, op. 50
Beethoven

Árias Bohémias para violino e orquestra
Sarasate

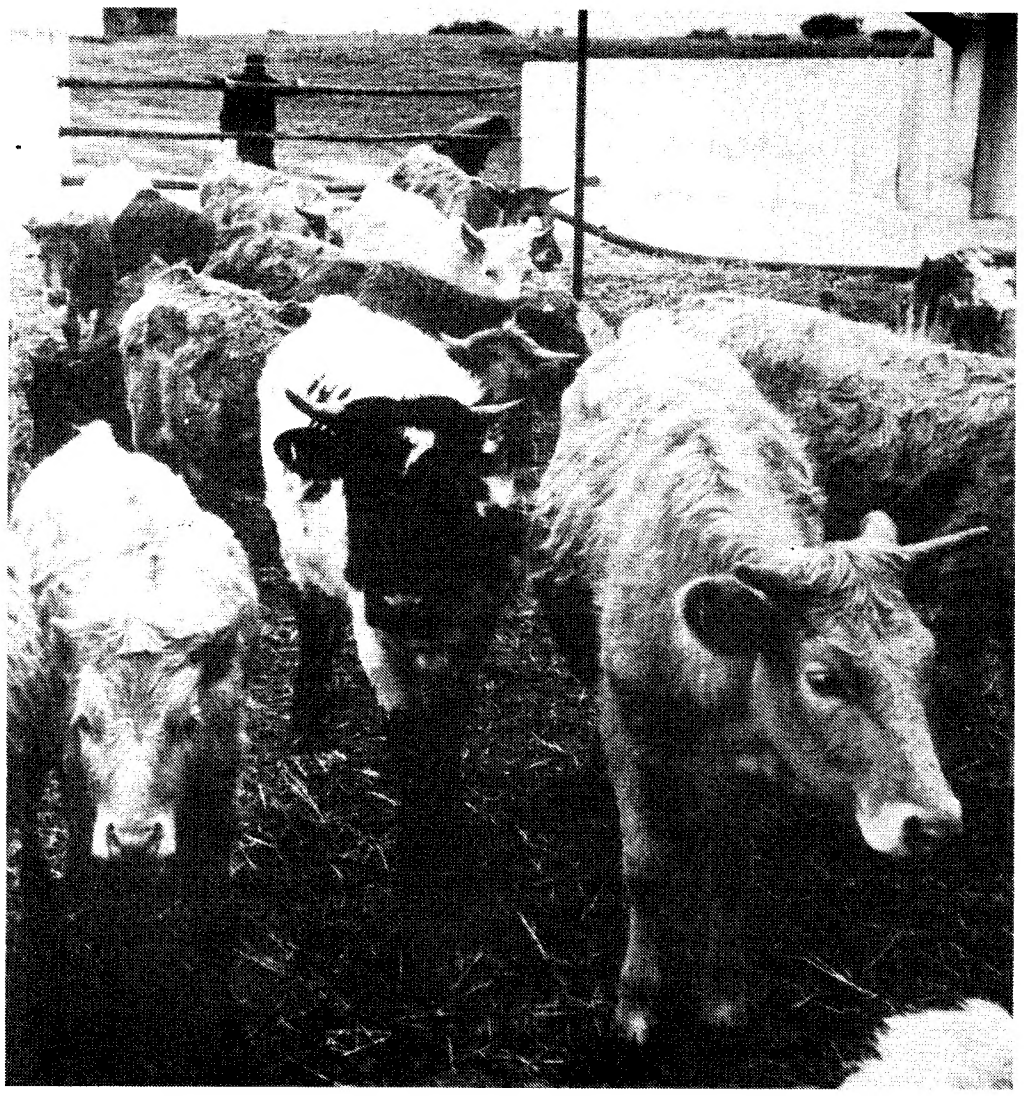
2.ª PARTE

Sinfonia n.º 9, op. 95 - «Novo mundo»
Dvorak
I — Adagio - Allegro molto
II — Largo
III — Scherzo: Molto vivace
IV — Allegro con fuoco

ENTRADA LIVRE

COLABORAÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

AGARRE-SE Á ESTRADA
Veja o estado dos pneus
PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



BOVINOS! QUE POLÍTICA É ESTA?

José Frazão

A recente movimentação da CAP, a propósito da importação maciça de bovinos e carne dos mesmos, para ser melhor compreendida, necessita de alguns esclarecimentos resultantes de uma curta reflexão sobre a legislação do sector face à CEE, elementos dimanados das autoridades comunitárias, estatísticas do INE, Serviço de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA) e da própria Confederação dos Agricultores de Portugal.

O Governo português legislou para o período de transição que visa a protecção da produção nacional, seguindo no cálculo dos diferentes preços os moldes usados na CEE para a protecção da produção comunitária e que consistem, em duas palavras, em nivelar os preços das importações com os do mercado nacional. Assim, «é determinado mensalmente um direito niveladador de base específico que corresponde à diferença entre o preço de orientação e o preço médio de mercado constatado na comunidade, acrescido dos direitos aduaneiros aplicáveis».

É lógico mas não é verdade

Não obstante o preço médio de mercado da Comunidade ser substancialmente inferior ao praticado no produtor português e divulgado pelo SIMA, o Governo português decretou em 31 de Dezembro de 1987 a suspensão temporária da cobrança dos direitos de importação (niveladores e aduaneiros), sob a alegação de que «a carne de bovino procedente da Comunidade está ainda sujeita a direitos niveladores, o que implica o agravamento dos preços no consumidor». Isto é afirmar, por outras palavras, que o preço dos bovinos e da respectiva carne na CEE estavam a atingir os preços praticados em Portugal no produtor, pelo que sujeitar as importações a impostos seria agravar os preços no consumo. Nada mais lógico, só que não é verdade.

Relatórios da Comissão Europeia desmistificam os fundamentos desta política. Assim, no último publicado, pode ler-se: «No início do ano de 1987 o preço médio do mercado dos bovinos adultos situava-se em 141,6 ECU por 100 quilos de peso vivo (69% do preço de orientação); nos fins de Maio os preços atingiram o nível mais elevado (144,6 ECU), enquanto em meados de Julho os mesmos se encontravam no seu nível mais baixo, 138,5 ECU. Dada fraqueza do mercado em 1987, os operadores recorreram, de um modo mais importante, à intervenção pública...»

Quem ganha com esta política?

Os direitos de importação estão suspensos. Mas quem ganha e quem perde com esta medida governamental? É óbvio que o Estado perde o montante dos dois direitos, mas a favor de que entidade? Não seguramente em benefício do consumidor porque nesta instância os preços não conheceram qualquer descida. Alás, os preços no consumidor e os preços ao produtor nacional são solidários, como se constituíssem as duas faces da mesma moeda, o que facilmente se demonstra pelas estatísticas, e como se na formação dos preços não entrasse outra qualquer variável, por estar assegurado o abastecimento do mercado sem recurso à importação. Seria assim em circunstâncias normais porque o direito nivelador tem exactamente por finalidade igualar os preços internos e externos. Mas o Governo, como vimos atrás, tratou de bloquear o mecanismo, dando de bandeja gordos lucros ao importador. Em nome de quê? Do mercado livre, é claro. **Viva a livre iniciativa.**

Não pense o leitor que foi pouca a carne e o gado bovino que nos vieram em 1987 dos países da CEE. Efectivamente, entre 1986 e 1987 as quantidades de carne importada cresceram 40% e o seu valor 109%. Em valor absoluto o incremento da factura da importação de carne foi de 5,25 milhões de contos. No que concerne à importação de animais vivos, o número de cabeças nestes dois anos subiu de 13 380 para 24 680, ou seja 84%, enquanto o seu valor aumentou apenas 58%.

Em 1987 o preço médio das rezes desceu, mas em contrapartida, o preço da carne subiu desmesuradamente. Isto terá algum fundamento na realidade dos factos ou é apenas obra de sobrefacturação, visando, para além do mais, arranjar justificação para a suspensão da cobrança dos direitos de importação? Enquanto não houver um esclarecimento da questão, por parte dos responsáveis, manteremos a hipótese, cuja verosimilhança é reforçada se tivermos presente o citado relatório das autoridades comunitárias e as estatísticas do INE, quanto à descida do preço do gado importado da CEE.

Maioria em fase de estudos prévios

Estão em curso 73 planos directores municipais

Estão em curso em Portugal 73 planos directores municipais (PDM's), situando-se o maior número de PDM's em execução no Norte (26), a maioria dos quais em fase de estudos prévios, segundo informação da Secretaria de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território.

Os PDM's, planos integrados e polivalentes de desenvolvimento, abrangem os concelhos de Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Esposende, Fafe, Guimarães, Famalicão, Vila Verde, Amarante, Baião, Porto, Santo Tirso, Vila Nova de Gaia, Vila do Conde, Chaves, Castelo de Paiva, Espinho e Feira.

Ainda no Norte existem em estudo dois PDM's integrados como programas intermunicipais - um que integra Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Mirandela e Vila Flor, e outro em Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso.

Na região Centro estão em curso os estudos de 22 PDM's, grande parte na fase de estudos prévios, embora outros já estejam concluídos ou aprovados. Murtosa, Vagos, Coimbra e Soure possuem PDM's, havendo ainda agrupamentos de concelhos com o plano em estudo (Lousa, Miranda do Corvo, Penela e Vila Nova de Poiares - Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei -, Santa Comba Dão, Tondela, Carregal do Sal, Mortágua e Tábua).

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, os 16 PDM's em curso encontram-se na sua maioria em fase preliminar e de estudos prévios. No distrito de Lisboa há PDM's para os concelhos de Alenquer, Amadora, Azambuja, Cadaval, Cascais, Loures, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sintra e Torres Vedras. No distrito de Setúbal estão previstos PDM's no Barreiro e Setúbal, no distrito de Santarém em Abrantes e Benavente e em Peniche (Leiria).

Na região do Alentejo, entre seis planos directores municipais existem já dois projectos aprovados, encontrando-se os restantes numa fase preliminar ou de estudos prévios. No distrito de Beja há três concelhos (Beja, Odemira e Serpa) com PDM's, distribuindo-se os restantes por Setúbal (Grândola, Santiago do Cacém e Sines).

Na região do Algarve, estão em curso os estudos para três planos directores municipais, um deles (Vila Real de Santo António) já com projecto de plano, e outros dois em Lagos e Loulé.

Este balanço corresponde aos quatro primeiros meses deste ano.

Curso de formação começou ontem

Estudos de impacto ambiental terão lei dentro em breve

Os grandes empreendimentos públicos e privados ficam, a partir de agora, sujeitos a uma avaliação das implicações ambientais da sua realização e em caso manifestamente negativo não deverão ser levados por diante, podendo no entanto ser alterados nas suas características e localização - informa uma nota da Secretaria de Estado do Ambiente.

Com a finalidade de formar técnicos que procedam a tais avaliações, decorre desde ontem nas instalações da Direcção-Geral dos Recursos Naturais um curso internacional sobre estudos de impacte ambiental, com a participação de uma centena de especialistas.

Segundo o mesmo comunicado, proveniente do Gabinete de Macário Correia, refere-se que por determinação da directiva comunitária 337/8 da Lei de Bases do Ambiente está para sair um decreto-lei específico, esperando-se da sua aplicação «que os atropelos e aberrações que têm destruído parte da nossa paisagem fiquem a partir de agora preventivamente controlados».

O documento salienta que a apresentação do estudo de impacte ambiental cabe ao proponente e que para além de avaliação por uma equipa de especialistas é também sujeito a inquérito público. «O ambiente - diz o comunicado -, tal como a cultura, são os valores qualitativos do nosso futuro comum e são a nossa identidade nacional numa Europa cada vez mais aberta.»

Teotónio Pereira eleito presidente de coordenadora

Arquitectos da CEE defendem fecho da profissão a estranhos

A arquitectura deve ser exercida apenas por arquitectos, segundo defenderam os presidentes das associações de arquitectos dos Estados-membros da CEE, que realizaram em Lisboa o seu primeiro encontro, no qual aprovaram uma declaração contendo as conclusões da reunião. Nuno Teotónio Pereira foi eleito presidente de um organismo de coordenação.

O fecho da arquitectura aos não especializados é, para Pedro Fontes, da Associação de Arquitectos Portugueses, a conclusão mais importante, no caso de Portugal, uma vez que aqui «há técnicos que desempenham as funções de arquitectos sem que estejam habilitados para tal, como é o caso dos desenhadores, dos agentes técnicos e dos engenheiros civis».

Outro ponto aprovado foi a defesa da identidade cultural de cada país no que toca à arquitectura, importante também para Portugal, segundo Pedro Fontes, pois verifica-se «uma invasão de modelos estrangeiros».

Por outro lado, os presidentes das associações de arquitectos da CEE decidiram ainda formar um orgão de coordenação que permita defender princípios básicos e criar e manter códigos comuns na profissão, que será, simultaneamente, seu representante junto dos organismos das comunidades. A presidencia deste organismo foi confiada a Nuno Teotónio Pereira, até à proxima reunião, prevista para o final do ano.

Este organismo tem também por objectivo, segundo Pedro Fontes, a criação de condições mais homogéneas para o exercício da profissão, nomeadamente ao nível da formação e da deontologia, com garantias de independencia, bem como à responsabilidade do arquitecto

Garantia dada pelo ministro da Educação

UNIVERSIDADE DO ALGARVE INDEPENDENTE DO POLITÉCNICO

Não haverá fusão da Universidade do Algarve e o Instituto Politécnico de Faro. A informação foi divulgada pelo presidente do Movimento da Região e Progresso do Algarve, José Vitorino, após reunião com o ministro da Educação, e difundida pela agência Lusa.

José Vitorino liderava a delegação do MRA que apresentou ontem a Roberto Carneiro as conclusões do seminário sobre Educação recentemente realizado naquela província por iniciativa do Movimento.

José Vitorino afirmou ainda que «vai ser dada prioridade à região do Algarve no que diz respeito à educação pré-escolar, pois aquela zona sofre carências da ordem dos 90 por cento».

Um dos problemas debatidos no seminário foi, de facto, a educação pré-escolar na região algarvia, tendo-se mesmo afirmado que apenas 1450 das 16 mil crianças em idade pré-escolar frequentam jardins-de-infância.

Ainda de acordo com Vitorino, o ministro garantiu que, logo que se crie a Região Administrativa do Algarve, a província terá a sua Direcção Regional de Educação.

Segundo o MRA, a Direcção Regional de Educação sediada em Évora não pode acompanhar devidamente os problemas da zona algarvia, justificando-se a criação de outra Direcção Regional em Faro.

O presidente do Movimento afirmou também que muito em breve aquela província vai ter uma escola de hotelaria e turismo.

O seminário, intitulado «Melhor educação mais futuro», salientou a elevada taxa de insucesso escolar da zona algarvia nos diversos graus de ensino não superior, com particular incidência no primeiro ciclo do ensino básico, em que se chegou a atingir os 40 por cento.

A criação de cantinas, a saúde escolar, degradação das escolas, estatuto da carreira docente do ensino não superior, a criação de cursos de pós-graduação, foram outros temas abordados na reunião, que contou com a presença de mais de 400 participantes, entre os quais Veiga Simão, Britado Rodrigues, Marçalo Grilo e Carlos Chagas.

Faltam verbas nas universidades

Os cortes orçamentais que têm sido feitos às universidades poderão deixar funcionários sem vencimentos no próximo ano lectivo, se não houver aumentos. A preocupação foi ontem manifestada por uma delegação do conselho de reitores à Comissão Parlamentar da Educação, em reunião para análise das questões relacionadas com a vida das universidades. Na reunião foram também analisados os diversos projectos de lei sobre autonomia universitária.

Uma fonte da oposição afirmou à agência Lusa que na opinião dos reitores o projecto de autonomia do Governo altera radicalmente a proposta do conselho de reitores em pontos considerados essenciais, como sejam a tutela na homolgação do reitor, aprovação dos estatutos, nomeação formal dos vice-reitores e aprovação dos orçamentos privativos das universidades.

Directores escolares descontentes

Os directores e subdirectores escolares do ensino primário estão descontentes com os efeitos produzidos na sua carreira pelo Decreto-Lei 100/86, de 17 de Maio, que proporcionou a sexta fase aos professores, mas discriminou os directores escolares e subdirectores porque não foram considerados docentes no activo. Os directores e subdirectores escolares eram abonados com vencimentos correspondentes respectivamente a três e duas letras acima do topo da carreira docente.

Dúvidas da JS

A Juventude Socialista duvida que as vagas criadas no próximo ano lectivo no ensino superior permitam a entrada na universidade de 90 por cento dos candidatos, como afirmou o director-geral do Ensino Superior. Tendo as vagas até hoje coberto cerca de 50 por cento dos candidatos, a JS diz não compreender como poderá a abertura de mais dez por cento do número de vagas habitual permitir satisfazer 90 por cento dos candidatos. Por outro lado, os jovens socialistas manifestaram o seu «apoio de princípio» ao programa de desenvolvimento estratégico de médio prazo da educação portuguesa (PRODEP) e tencionam pedir uma audiência urgente a Roberto Carneiro para conhecerem em pormenor o programa.

Lunettes optiques

YVES SAINT LAURENT

Lunettes solaires

JL jean lempereur

SONIA RYKIEL

Chris Verley

REPRESENTAÇÕES EM EXCLUSIVO DE:

MODEXPORT

SEDE: Rua Coelho da Rocha, 9 – 1.º Tel. 60 33 56
TELEX 42638 1200 LISBOA

FILIAL: RUA ALEXANDRE HERCULANO, 90 - 4.º – TEL.: 31 81 87
4000 PORTO

Comunhão de vidas em união de facto

DA DESPROTECÇÃO JURÍDICA À INCOMPREENSÃO SOCIAL

Maria Antonia Martinho

Enquanto forma de viver estável entre homem e mulher, a união de facto constitui, no plano sociológico, uma realidade inegável. Actualmente um número significativo de pessoas opta pelo «juntar-se» como projecto de vida, sem que, contudo, lhe seja dado (devido) reconhecimento legal. As vicissitudes políticas a que o tratamento jurídico destas situações tem estado sujeito são geradoras de graves injustiças e ambiguidades, num claro desrespeito pelo princípio da igualdade entre os cidadãos, consagrado na Constituição da República.

Do assumir de filosofias pessoais de postura e comportamento existencial, a factores económicos e a indefinições jurídicas de situações anteriormente criadas - principalmente divórcios e questões de poder paternal - muitas são as razões que levam homens e mulheres a optar e a manter relações estáveis, sem que a aceitação do casamento legalmente reconhecido seja a base e o princípio regulador da constituição dessas famílias.

Ainda que em Portugal a união de facto não atinja os valores dos outros países da Europa, o universo que ela abrange, de acordo com as diversas fontes contactadas pelo «DL», é muito superior ao que se possa pensar. Não existem números disponíveis, mas tudo indica que a tendência para o crescimento das uniões de facto seja hoje mais significativa do que aquilo que as estatísticas revelam, apesar dos índices dos casamentos ocorridos nos últimos anos terem também sofrido um ligeiro aumento.

O artigo 36º da Constituição, genericamente apontado como garante dessa situação, dá saída a alterações legislativas que visem uma maior protecção jurídica das uniões de facto. No entanto, estas mudanças não deixariam de suscitar reacções por parte dos defensores da «moral estabelecida», uma vez que, sendo esta uma questão essencialmente de filosofia política, joga com os princípios instituídos do direito de família.

Uma história

Personagens dum amor não esclarecido: Joaquim S., 76 anos, casado; Ana T., 74 anos, solteira.

Com dezassete anos duma existência sem meninice, povoada pela servidão aos campos secos e áridos dum Alentejo de miséria, Joaquim S. é pai. Um casamento sem festa. Uma cara de mulher que arrastará consigo uma outra situação civil. A obrigação dum registo que se quer perpetuado e com que se irá pagar para todo o sempre um momento de juventude «irreflectida». Chamemos-lhe L. Ela será a esposa que nunca foi, a mulher do homem que afinal nunca foi seu, a amante dum amor que não existiu.

Joaquim S., 25 anos, casado. Um corpo que já se verga às durezas da vida, à fome, ao abandono da mulher que, dizem as línguas do seu pequeno mundo, abalou para França numa noite em que, clandestinamente, atravessava a fronteira um grupo de contrabandistas. Levou consigo a pequenita mais o estado civil a que Joaquim estará, para sempre, preso.

Joaquim S., 26 anos. A ida para a grande cidade. O sonho de condição mais digna. O imaginá-la no salário de miséria de operário.

Joaquim S., 28 anos, casado. Ana T., 26 anos, solteira. Amaram-se na grande cidade. E com a naturalidade de quem ama um homem que quase sem o (a)perceber é casado, Ana T. assumiu a coragem de não ver perder o que mais queria na sua vida por um registo que existia mal sabia onde.

A união foi de facto a festa sem casamento. A filha de Joaquim S. nunca recordou a cara do pai que não teve. Ana T. não conheceu a maternidade, numa existência que dedicou inteiramente à assistência do lar.

Joaquim S., 76 anos, casado, morrerá em breve. Uma morte anónima na cama dum hospital da grande cidade. Ana T., 74 anos, solteira, viúva duma viuvez sem data. Um traço risca e apaga cinquenta anos duma união que o mundo do instituído persistiu em não querer assumir.

Mulheres: principais vítimas das uniões de facto

Se a opção deliberada e consciente pela situação da união de facto abrange principalmente uma nova geração, intelectual e culturalmente «protegida» dos preconceitos ideológicos em relação ao casamento e oriunda de classes sociais de maior poder económico, por outro lado inúmeros são os casos de que Joaquim S. e Ana T. são exemplos paradigmáticos.

Elisa Damião, deputada do P.S. e vice-presidente da Comissão Parlamentar da Condição Feminina fez notar ao «DL» essa situação de injustiça e desprotecção cujas vítimas são, na sua grande maioria, mulheres: «a união de facto, muitas vezes, é como se não existisse para ninguém; quantos e quantos casamentos não se mantêm por razões de propriedade quando, de facto, se vive com outra pessoa?!... quantas mulheres não são atiradas para uma vivência clandestina quando na realidade têm todo o direito a assumila?!...».

Que futuro para Ana T., após cinquenta anos duma união profunda e verdadeira, de total entrega aos «deveres» tradicionais da mulher no lar, à qual faltou o instante da assinatura que legalmente a reconhecesse, numa situação extrema de impossibilidade para tal?

«Na maior parte dos casos, as pessoas que por circunstâncias várias tenham vivido em união de facto vêem-se condenadas a uma total e completa desprotecção, quer pela morte de um dos membros do casal, quer mesmo no caso de uma separação após anos de vida em comum», referiu-nos Mª Odete dos Santos, deputada do P.C.P. e uma das subscritoras de um projecto de decreto-lei apresentado pelo grupo parlamentar daquele partido que visa a alteração de várias disposições que regulamentam a atribuição de pensões de sobrevivência e o direito de arrendamento para pessoas que vivam em união de facto.

No entender desta organização partidária, e de acordo com o referido projecto, «o artº 36º da Constituição da República, ao distinguir e diferenciar claramente o direito de contrair casamento, bem como de proibir qualquer discriminação entre filhos nascidos dentro e fora dele, veio reconhecer a todos os cidadãos o direito à protecção legal quando a família que hajam constituído não se funde no casamento, mas em união de facto».

No entanto, o princípio da relevância das uniões de facto, que encontrou acolhimento na reforma do Código Civil de 1977 (decreto-lei nº 496/77 de 25 de Novembro), «não foi além de um esboço julgado ética e socialmente justificado, dado que para obtenção de alguns benefícios foi fixado um conjunto apertado de requisitos». «Ainda hoje, ser ou não ser beneficiário de um determinado sistema de segurança social - afirma o projecto do P.C.P. - é condição para se ser beneficiário de prestações a que se deveria ter direito em qualquer caso».

Finalmente, Mª Odete dos Santos referiu também que «são as mulheres as mais afectadas no actual quadro legal, uma vez que, por morte do companheiro que na maior parte dos casos é o único a contribuir para os rendimentos da família, ficam sem quaisquer meios de subsistência, só lhes restando o acesso à pensão social, o que, todavia só é possível se tiverem pelo menos 65 anos ou forem incapazes para o trabalho».

«Família sim... mas de todos os tipos»

Se na sociedade portuguesa são ainda recentes os mecanismos de liberalização do divórcio, não é de admirar que estes ainda não sejam completamente aceites pela população. Quer pelo seu carácter moroso e complicado, quer por muitos preconceitos que ainda subsistem ao nível das mentalidades e da aceitação social de determinadas situações - um número elevado de casamentos é um «mau currículo» e no caso de uma mulher muitas vezes bastam dois - não é de admirar, na opinião de Elisa Damião, que «o aumento do número de divórcios não seja acompanhado por idêntico aumento do número de casamentos». «Atente-se a que o divórcio é uma característica da sociedade moderna e, como todas as transformações, leva tempo a ser completamente aceite por largas franjas da população. Por outro lado, as questões económicas de instabilidade profissional, os problemas da habitação, etc, são obstáculos para a assunção da responsabilidade da legalização de situações que já o são de facto».

Opção ou não pelo direito à liberdade total do indivíduo, a situação de união de facto como relação estável e duradoura entre homem e mulher é passível de interpretação, à luz da Constituição, como base de uma família por direito, ainda que socialmente seja alvo de críticas e juridicamente, tal como afirmou o Dr. Pereira Baptista, do Centro de Estudos Judiciários, «não exista uma definição específica de família».

«Existe uma regulação do poder paternal, e é relevante, por parte dos tribunais em situações de separação, a preocupação justa em torno do filhos, independentemente dos pais serem ou não casados». Contudo, verificam-se também muitos factores de conflitualidade que estão na génese de situações de união de facto e que podem levar à pouca aceitação social.

Por outro lado, sustentou ainda Pereira Baptista, «se no caso da atribuição de pensões há uma certa uniformidade nas decisões dos tribunais, o mesmo já não acontece nos casos de acções de despejo e de questões que se prendem com a habitação, em relação às pessoas que vivem em união de facto».

Se as interpretações da lei dependem de dois critérios, a saber, os que presidem à sua génese, e os que têm a ver com as circunstâncias do momento em que é aplicada, em relação a estas situações levanta-se uma questão importante, em virtude da não existência de legislação específica e de a união de facto ter um tratamento analógico, em determinados casos, em relação às pessoas que contraíram matrimónio.

«É de facto complicado discernir até que ponto é correcto fazer uma extensão, por analogia, da lei que vigora para as pessoas casadas às pessoas que vivem em união de facto e que, à partida, negaram esse aspecto legal do casamento. Além disso, os preceitos excepcionais não devem ser usados por analogia». Este aspecto, que pode conduzir também a tratamentos desiguais de cidadãos que se encontrem na mesma situação, é mais um motivo para que, no parecer do Dr. Pereira Baptista, se justifique a existência de uma legislação específica que regulamente as uniões de facto.

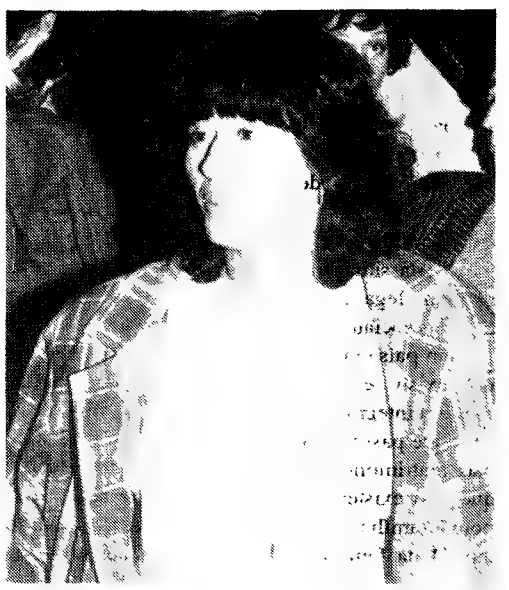
Dinâmica legislativa *versus* dinâmica social

Em 1978, quando o Código Civil foi revisto e conferiu à união de facto algumas prerrogativas jurídicas, fruto de uma «abertura» conjuntural, poder-se-ia pensar que a legislação ía além da realidade sociológica. No entanto, e a avaliar pelas palavras do Dr. Pereira Baptista, especialista na matéria, «hoje em dia, ao nível da protecção destas situações, já se faz sentir a falta de legislação específica e, quer do ponto de vista social, quer do político, seria positivo a existência duma determinação nesse sentido».

Ainda que a legislação do direito de família seja geralmente considerada avançada, mesmo em comparação com os outros países da Europa, para Mª Odete dos Santos, em relação á união de facto, «ficou-se aquém das necessidades».

«Se bem que nos encontremos

Na opinião do Dr. Pereira Baptista, «a união de facto é um exemplo típico duma situação que é mais um problema político que jurídico»



Elisa Damião: «Família sim... mas de todos os tipos»

Noivas de Sto António: um ritual obsoleto. Indício de outras formas de encarar o casamento?

Artº 36º da Constituição:

1. Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade.

4. Os filhos nascidos fora do casamento não podem ser objecto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação.

Artº 1911º do Código Civil:

3. Se os progenitores conviverem maritalmente, o exercício do poder paternal pertence a ambos quando declararem, perante o funcionário do registo civil, ser essa a sua vontade; é aplicável, neste caso, com as necessárias adaptações, o disposto nos artigos 1901º a 1904º (os artigos que regulam o poder paternal na constância do matrimónio, os actos praticados por um dos pais, o impedimento do exercício desse poder por um dos pais e a viuvez, respectivamente).

Artº 2020º do Código Civil: (União de facto)

1. Aquele que, no momento da morte de pessoa não casada ou separada judicialmente de pessoas e bens, vivia com ela há mais de dois anos em condições análogas às dos cônjuges têm direito a exigir alimentos da herança do falecido, se os não puder obter nos termos das alíneas a) a d) do artº 2009º (artigo que define as pessoas obrigadas a alimentos: o cônjuge ou o ex-cônjuge; os descendentes; os ascendentes; os irmãos, respectivamente).

Artº 2196º do Código Civil: (Cúmplice do testador complementar)

1. É nula a disposição a favor da pessoa com quem o testador casado cometeu adultério.

(neste artigo é salvaguardada a situação em que o casamento já estava dissolvido, ou os cônjuges separados judicialmente de pessoas e bens ou separados de facto há mais de seis anos à data da abertura da sucessão, e ainda se a disposição se limitar a assegurar alimentos ao beneficiário)

num momento propício a retrocessos, o importante, apesar de tudo, é manter o que já foi conquistado e resolver as questões pontuais que se colocam... e são muitas, sobretudo ao nível da jurisprudência».

Segundo Elisa Damião, para quem «a Constituição dá saída nesta matériá, não vendo, portanto, necessidade de a reformular». uma das principais questões que se levantam é a do desajuste entre a legislação e o social: «fruto duma elite social de pensamento culturalmente mais 'avançado' , a legislação anda muito à frente dos fenómenos sociais, da realidade dos cidadãos».

«Muitas vezes a discriminação não está na lei, está na vida!», sublinhou a deputada socialista.

«A Revolução abriu as mentalidades; as mulheres, sobretudo as mulheres, puseram tudo em causa...note-se que actualmente são elas que mais divórcios requerem e que é enorme o número de pessoas a divorciar-se com mais de quarenta anos... No entanto, continuam a existir muitíssimos preconceitos sociais em relação às uniões de facto, que decorrem dum determinado posicionamento ideológico em relação ao casamento e duma situação difícil de pobreza. As pessoas continuam a sofrer discriminações, pressões, e até os seus filhos as podem sofrer na escola. E mais uma vez são ainda as mulheres as maiores vítimas desta situação: têm direitos no plano legal mas são depois atingidas socialmente por isso».

Num país em que continuam a não existir esquemas de apoio para a reintegração social de pessoas que passaram por experiências matrimoniais violentas, em que não existem serviços de apoio à família, de apoio legal, de terapia da família, etc, em que, como salientou Elisa Damião, «a família média portuguesa ainda gasta, só com a alimentação, 45% do seu rendimento mensal... fora tudo o resto», não se podem esperar rápidas alterações e mudanças no campo socio-cultural.

«A realidade, essa, só se muda nas escolas, mudando o sistema de ensino, incrementando o associativismo entre os cidadãos, melhorando o nível de vida da população».

União de facto *versus* casamento

Apesar da evolução recente das mentalidades, em Portugal, no entender de Mª Odete dos Santos, «continua a existir um certo misticismo em relação ao casamento, sobretudo da parte dos jovens que pensam assim substituir as frustações que sentem quanto ao seu futuro, no clima de instabilidade que se vive».

Mas esta é uma situação que, segundo aquela deputada, «esgotar-se-à». E se o número de casamentos entre os jovens tem aumentado «dever-se-à perguntar se este é um fenómeno verdadeiramente autêntico».

Para Elisa Damião, «em Portugal vive-se ainda a ideia de que 'o que há sempre a salvar é a instituição' para não pôr em causa a ordem estabelecida».

«Se, por um lado, a ideia antiga do 'padrasto' e da 'madrasta' desapareceu, por outro continua-se a fazer a apologia da estrutura tradicional e religiosa do casamento. Os processos de divórcio, pondo em causa o próprio direito de exercer a liberdade, continuam a provocar sentimentos de culpa nas pessoas, até pelo modo como são tratadas durante o período em que decorrem. Todo este conjunto de situações leva a que, muitas vezes, se mantenham relações paralelas que perpetuam o sentimento de desrespeito e desaprovação social por elas».

Outra história

Ivete M., 25 anos, enfermeira. Duarte P., 28 anos, arquitecto. Das preocupações comuns pelos tempos agitados dum país que despertara, à amizade profunda que os uniu nas esperanças que criaram, o enamoramento apelou ao desejo de partilhar uma nova vida.

Ivete M. e Duarte P., naturalmente respeitaram o único sentido possível a dar às suas vidas jovens: o compartilhar do espaço que permitisse, a dois, enraizar o que de mais bonito se tinham a oferecer. O respeito dum amor sério, assumido e palpitante, que nenhum papel iria , por si , alterar.

Para Carla Tato Diogo, deputada do P.S.D. e secretária da Comissão Parlamentar da Condição Feminina, «a maior parte das uniões de facto resultam de opções deliberadas pelo não casamento, o que revela que ele é posto em causa como fenómeno social e como instituição». «Quando não há certezas, quando tudo se questiona, não se opta pelo casamento. Se nas duas ou três gerações acima dos 30/40 anos era quase 'obrigatória' a existência da relação paralela por parte dos homens, em que este acabava por procurar fora do casamento a mulher no seu papel total, ou seja, na sua própria sexualidade, agora, com o novo assumir do lar, da família, da maternidade por parte da mulher casada, a situação alterou-se».

Sensibilizada para as grandes desprotecções e injustiças que sofrem as pessoas que se encontram em situação de união de facto, sobretudo ao nível das pensões por morte ou acidente do companheiro, Carla Diogo defendeu «um tratamento legislativo idêntico para a união de facto e para o casamento, com iguais obrigações e direitos, nomeadamente no campo dos impostos e dos créditos bancários».

	F.Pública	Seg. Social
Assistência médica e medicamentosa	Possibilidade de inscrição na ADSE de quem viva c/ os titulares reconhecidos pelo ofício circular n.º 11391, 8/4/1980, da ADSE, transmitido através da circular n.º 718-B, 6/5/1980 da Dir. – Geral Contabilidade Pública. Retirado pelo despacho de 5/4/82, publicado D. República de 23/4, II série pelo Secretário de Estado Finanças.	Prevista atribuição de prestações em igualdade com os cônjuges desde despacho de 29/12/74, mesmo após morte do trabalhador que determinava aquele direito (despacho de 30/7/76).
Subsídio de funeral	Recebe quem provar ter feito o funeral — Dec. Lei n.º 271/77, 17/5, e Dec. Regulamentar n.º 20/80, de 27/5.	— O mesmo. Porém, se o companheiro que morre não é trabalhador, **contrariamente ao que acontece se for cônjuge,** o subsídio de funeral não é atribuído.
Subsídio por morte	Pago apenas a parentes.	Subsídio pode ser pago a herdeiro universal designado em testamento, na falta de cônjuge, descendentes ou ascendentes (Dec. Reg. n.º 22/79, de 15 Maio), logo, verificadas as condições referidas, o companheiro pode receber.
Pensão de preço de sangue	Situação idêntica à registada quanto às pensões por morte resultante de acidente de trabalho ou doença profissional.	
Pensões de sobrevivência	Dec. Lei n.º 191-B/79 de 25 de Junho: Reconhecido o direito de pensão de sobrevivência em condições próximas das previstas p/os cônjuges.	Não é prevista a atribuição a pessoas em união de facto, despacho de 23/12/70, publicado no D. República, II série, de 26/1/71.
Pensões por morte resultante de acidente de trabalho ou doença profissional	Não é prevista.	Não é prevista.

A ADSE e os serviços da segurança social tratam de maneira distinta os "companheiros" dos seus beneficiários.

Casamento: o papel que se oferece à família?

«A nova geração, a dos 20 anos, nasceu nas nossas mudanças, com uma nova educação, uma nova cultura, de algum modo até uma nova escola, em que a relação com o sexo oposto não é feita de uma forma violenta. E, ainda que lhes não tenhamos transmitido apoios estáveis, esta é uma geração que não conhece a luta, a necessidade da luta, da conquista: é a geração do sucesso, dum sucesso entre a selva da instabilidade, e daí a regressão dos jovens em relação à geração anterior em muitos aspectos». Nas palavras sentidas de Elisa Damião quase trespassa algum desgosto «pelo vôo ancorado da sua geração».

E para quem, apesar de se ter casado, colocou a hipótese de viver em união de facto sem a passagem pelo registo legal da opção duma vida a dois, como Carla Diogo, o casamento pouco mais significa que o papel que se oferece à família.

Apesar dos tratamentos desiguais, as fontes contactadas pelo «DL» foram unânimes em afirmar a sua convicção de que «um dia se espera que casamento e união de facto tenham tratamentos jurídicos e sociais semelhantes, permitindo assim ao indivíduo opções que não venham a ser discriminadas no exercer da sua total liberdade».

Realidade social demasiado evidente e a necessitar de legislação específica que a proteja juridicamente, para uns: situação inaceitável e socialmente reprovável para quem ideologicamente entende a família no sentido tradicional, isto é, assente no casamento, a união de facto é uma situação controversa no seio da sociedade portuguesa.

Designada por Campanha Democrática para a Paz

ORGANIZAÇÃO CLANDESTINA ANGOLANA APOIA REFUGIADOS EM PORTUGAL

Rui Eduardo Paes

Desertores, refractários e objectores de consciência angolanos têm procurado Portugal para fugir à guerra que envolve o Governo de Luanda e os rebeldes da UNITA. Centenas de jovens vêm «de férias», integrados em comitivas desportivas ou para fazerem cursos e acabam por ficar, casos havendo de refugiados que o Governo português recambia para Angola. Um grupo político clandestino, formado por personalidades de prestígio com funções no próprio Estado angolano, tem em Lisboa um núcleo particularmente activo que vem ajudando materialmente aqueles que chegam em apuros, escapados aos recrutamentos forçados de ambos os lados do conflito. Trata-se do Cadepa, nome surgido a partir das iniciais de Campanha Democrática para a Paz em Angola, movimento com organização horizontal cujos militantes afirmam ser uma «iniciativa cívica independente».

Muitos destes refugiados, disseram ao «DL» fontes contactadas no Cadepa, acabam por encarar a capital portuguesa apenas como ponto de paragem numa escala que os leva a Espanha ou à Holanda, onde encontram mais facilidades na obtenção de documentos e no apoio oficial do que em Portugal, já que o Governo de Cavaco Silva tem feito todos os possíveis para não prejudicar as relações entre os dois Estados, à semelhança do que se passa com as restantes ex-colónias. O Cadepa, esse, é claro nas suas posições: é oposição ao regime instalado em Angola, mas apresenta-se como alternativa, pacífica e não-violenta, à UNITA.

Rui Berkemeier, dirigente da Associação Livre dos Objectores e Objectoras de Consciência em Portugal, fez a apresentação internacional do novo movimento político angolano antiguerra quando da sua participação, há uma semana, na 19ª Trienal da War Resisters International, organização que congrega as associações não-violentas e antimilitaristas de todo o planeta. No painel dedicado à situação do Terceiro Mundo, aquele objector de consciência confrontou-se, segundo relatou ao «DL», com a incredulidade de quantos desconheciam o que se passa naquele país em termos de violação dos direitos humanos.

A sua intervenção na trienal, que decorreu na Finlândia, contribuiu decisivamente para uma decisão de fundo que vai enformar as futuras actuações da War Resisters International - as posições do movimento não-violento referentes à África Austral terão doravante em conta que não importa somente ver o fim do apartheid na África do Sul, mas que também é indispensável uma profunda transformação do que se passa em países como Angola e Moçambique, onde se instalou, dizem-no os elementos do Cadepa, uma «psicose da violência».

«Situação angolana está mitificada»

Segundo um elemento activo da Campanha Democrática para a Paz em Angola - que não podemos identificar devido às viagens frequentes que faz àquele país transportando material de formação e propaganda não-violenta -, uma das dificuldades que este grupo político tem enfrentado é a incompreensão do que acontece em Angola: «O movimento de libertação teve muitos apoiantes por todo o mundo, que depois foram levados a mitificar a situação angolana, obrigando a vícios que impedem de ver que o regime vigente no meu país é ditatorial. O Cadepa formou-se, precisamente, para informar dentro e fora de Angola aquilo que verdadeiramente se passa», disse-nos a propósito.

A organização teve a sua origem no conjunto difuso de personalidades a que se convencionou chamar, em Angola, de Democratas Independentes, na maior parte dos casos intelectuais e quadros médios e superiores que, pertencendo ao MPLA, se foram desiludindo à medida que a euforia da descolonização e da formação de um governo negro deu lugar a um regime duro e militarizado «assistido» por cubanos e soviéticos, e à medida, também, que o ambiente de guerra civil se foi agravando, sem solução à vista.

Na pré-história da Campanha Democrática para a Paz em Angola, esteve o chamado Grupo das Fotocópias. De acordo com as nossas fontes esse grupo era formado por um «conjunto de pequenos colectivos que se dedicavam à reprodução de documentos através dos quais foram denunciados os atentados aos direitos do homem tanto da parte do Poder como das forças oposicionistas».

Esses documentos divulgavam ainda material da Amnistia Internacional e outro sobre a filosofia e a prática da não-violência e da desobediência civil, nomeadamente escritos de Gandhi e de Thoreau.

Correio Democrático

A prática mantém-se, com a introdução recente de uma outra fórmula de comunicação escrita - a distribuição do «Correio Democrático de Angola», pequenas folhas contendo informações concretas sobre a evolução da guerra. «Em preparação está o início de um trabalho formativo de não-violência junto de camponeses, de modo a preparar estes para uma resistência contra as forças em litígio, no caso de tanto o Governo do MPLA como a UNITA os recrutarem à força para uma guerra que lhes é alheia», afirmou uma daquelas fontes.

De facto, há povos no território angolano, como os Mamuilas, que não aderiram a nenhum dos lados e querem continuar assim.

Os camponeses, disse o nosso interlocutor, «não têm nada a perder porque perdem sempre» e é com eles que conta o Cadepa, grupo que reafirma não visar «a tomada do Poder» mas apenas «a criação de condições para que este seja exercido democraticamente». As populações das aldeias do interior, na realidade, são as principais vítimas da guerra. A organização, caracterizada pelo seu carácter libertário, sem hierarquias, acusa designadamente a UNITA de proceder a violentos raptos de jovens para aumentar as suas fileiras.

Mas também o Estado angolano é objecto de crítica, neste capítulo, por parte dos militantes do Cadepa: «Há gente que se recusa a mandar os filhos à escola porque recebem aí formação militar para depois os enviarem em combate. Ora, isto também é uma forma de rapto», disse uma fonte ao «DL». Segundo as informações que recolhemos, são milhares os refugiados angolanos nos países vizinhos de Angola, sobretudo no Zaire, e na cidade de Luanda aumenta o número de clandestinos, jovens refractários que, devido à sua situação, não dispõem das senhas de alimentação que são distribuídas pelas autoridades, pelo que, esfomeados, acabam por se refugiar no mato.

Há violência por toda a parte

A violência está instalada por toda a parte em Angola, dizem as fontes contactadas pelo «DL», e «nem as próprias autoridades conseguem já controlá-la, pois o que se vê não é apenas violência política, é pior». Ainda recentemente, contam-nos, um soldado regressado havia pouco de campanha pretendeu entrar numa loja reservada, por se julgar com direito a tal. Foi-lhe vedado o acesso e o homem resolveu a questão à granada. Noutra altura, um segundo militar vindo do mato, com a farda rasgada, foi interpelado pelo oficial de uma patrulha das FAPLA. O oficial foi morto com uma rajada de metralhadora e o soldado continuou o seu caminho sem que ninguém procurasse detê-lo.

Não há muito tempo, também, acrescentam as mesmas fontes que foi assassinada a tiro uma criança que cometeu o crime de subir a uma árvore no jardim de uma figura grada do MPLA para... roubar fruta; e ainda há poucos meses a Igreja Católica de Angola (com a qual o Cadepa tem, aliás, colaborado) denunciava casos de gente queimada por «feitiçaria» em território ocupado pela UNITA.

Os objectores de consciência religiosos, principalmente Testemunhas de Jeová e Toquistas (seguidores de Simon Toco, um «profeta» que também foi perseguido pelas autoridades portuguesas no tempo do colonialismo), esses, desaparecem frequentemente sem deixar rasto, depois de presos.

Com a apresentação mundial do Cadepa na trienal da War Resisters International e a vinda a lume, na Imprensa, da existência deste movimento cívico, os seus integrantes sabem que mais dia menos dia terão de mostrar a cara, já que é uma nova fase que se inicia para a sua intervenção política. Por enquanto, o Governo angolano tem-se mostrado alheado da actividade do grupo, pensando-se que esta atitude mudará brevemente.

Seja como for, as nossas fontes sublinharam que as pessoas que fazem parte da iniciativa «são política e moralmente inatacáveis e muito bem vistas ao nível das estruturas do Poder», de maneira que será «muito difícil para o Governo atacá-las».

Proposto um gabinete de vigilância

A UNITA também ainda não se manifestou, com palavras ou actos, sobre o Cadepa, mas sabe-se que algumas das suas figuras tentaram, infrutiferamente, o «encosto». Também nesta área, aliás, a Campanha Democrática para a Paz em Angola captou dissidentes, pelo que nos foi dito. Ora, é como organização de pessoas independentes em relação às duas forças em conflito que o Cadepa se propõe intervir de futuro, para «garantir a formação de um gabinete de vigilância dos direitos humanos e democráticos durante o período de reconciliação», como foi adiantado ao «DL».

Na verdade, o Cadepa acredita nas tréguas entre o MPLA e a UNITA e nelas aposta como a única forma de, ultrapassada a situação presente, ser possível a formação de um Governo democraticamente legitimado. Por isso, refere num comunicado com a data de 29 de Junho que se regozija «pelo prosseguimento das negociações internacionais sobre o fim da guerra». Nesse documento condena ainda «os recentes combates envolvendo forças estrangeiras no Sul de Angola» e apela para o início do processo de democratização interna, «única via para se conseguir uma paz justa e estável», o que considera que passa pela libertação dos prisioneiros de ambos os lados, pela cessação dos ataques contra alvos civis e pela abertura de um debate livre «para discussão dos grandes temas nacionais».

Os membros da Campanha Democrática para a Paz consideram-se preparados para, como independentes, «poderem vir a ser úteis na gestão de estruturas que transitoriamente nenhuma das partes do confronto quer ver nas mãos da outra» durante as negociações, casos da barragem de Colueca ou do caminho-de-ferro de Benguela. Competência técnica para o fazer, dizem-nos, têm-na.

EQUILÍBRIO MANTÉM-SE NA BOLSA

O mercado oficial accionista da Bolsa de Valores de Lisboa voltou hoje a ter uma sessão marcada pela estagnação, expressa no grande número de «não efectuados», e por uma tendência de queda das cotações, ainda que ligeira. Desfaz-se assim a impressão positiva causada pelo mercado ontem, quando tinha conseguido averbar quase três valorizações por cada desvalorização.

O saldo global da jornada de hoje exprime-se em apenas 28 cotações melhoradas (pouco mais de metade das 53 subidas de ontem), contra 35 quedas (quase o dobro das 18 descidas da sessão precedente). Os títulos que não lograram motivar qualquer operação foram hoje em número de 59 — mais dez casos que os 49 ontem ocorridos. Os «não efectuados» voltam assim a assumir uma expressão bastante forte, tendo hoje representado mais de 37% do total de espécies accionistas admitidas à cotação oficial. A igualar os seus mais recentes preços, estiveram hoje 39 títulos. Na sessão de hoje, há também a assinalar a entrada no mercado das acções da Rações Progado, que, no entanto, não foram alvo de qualquer ordem, de compra ou de venda.

A generalidade das variações de preços hoje ocorridas foram de dimensão modesta, tendo ocorrido apenas duas subidas e outras tantas descidas com amplitude igual ou superior a 10%. Foram os casos da Sicel (a ganhar 29,6% face ao seu último preço, que datava de 23 deste mês), da Alco (com mais 10% que ontem), da Vasco da Gama (a perder 27,8% face à cotação de terça-feira) e da Veldec (que recuou 14,9% face à sua cotação anterior, que provinha já de 31 de Maio último).

Facto curioso da sessão de hoje, é o ocorrido com a Beira Vouga que, mais uma vez, desceu abaixo do seu valor nominal. A coincidência desta queda com o grande número de unidades transaccionadas (nada menos que três mil) é bem indicativa da descrença dos investidores face às potencialidades da Beira Vouga no mercado mobiliário.

A tendência de equilíbrio observada na globalidade do mercado foi também observada entre os 13 títulos que movimentaram mais de mil unidades. Seis deles subiram de cotação (Triunfo, Madeirense de Tabacos, D. Pedro, Inapa, Lusotur, e Citibank portador), enquanto cinco desceram (Mabor, Caima, CISF, Estoril Sol portador e Beira Vouga) e dois mantiveram as cotações mais recentes (Manufacturers Hanover portador e Marconi portador).

Subidas

SICEL - 3.500$ (transaccionadas 200 unidades; preço anterior: 2.700$); CURIA - 2.900$ (20; 2.800$); TRIUNFO - 1.350$ (2.888; 1.340$); MADEIRENSE TABACOS - 4.500$ (1.780; 4.400$); SUMOLIS - 6.000$ (100; 5.900$); ALCO - 550$ (50; 500$); AVEIRENSE MOAGENS - 1.600$ (20; 1.540$); SOMAGUE - 5.500$ (270; 5.350$); A. GAUDÊNCIO - 1.720$ (590; 1.700$); LAMEIRINHO - 5.000$ (300; 4.960$); NOVOPAN - 4.500$ (60; 4.400$); D. PEDRO - 2.300$ (1.620; 2.280$); LITHO FORMAS - 2.920$ (50; 2.900$); PENINA - 2.900$ (420; 2.800$); P. CAVALEIROS - 2.800$ (750; 2.680$); B. C. I. (port.) - 6.800$ (10; 6.700$); B. C. P. (nom.) - 72.500$ (105; 71.800$); MUNDICENTER - 8.450$ (50; 8.400$); INAPA - 20.400$ (1.380; 20.100$); LUSOTUR - 6.400$ (3.070; 6.350$); ISAR RAKOLL - 4.240$ (20; 4.200$); HELLER - 6.400$ (15; 6.300$); CITIBANBK (port.) - 8.200$ (1.530; 8.150$); LEASINVEST - 16.550$ (50; 16.500$); O TRABALHO - 14.400$ (90; 14.300$); S. P. SEGUROS - 13.550$ (105; 13.300$); CRISAL - 3.600$ (610; 3.580$); LUZOSTELA - 2.000$ (170; 1.900$).

Descidas

FINAGRA - 1.800$ (transaccionadas 20 unidades; preço anterior: 1.950$); VIDAGO - 2.300$ (190; 2.340$); PROALIMENTAR - 2.240$ (60; 2.280$); RAÇÕES VALOURO - 3.000$ (20; 3.300$); VILA FRANCA - 1.100$ (10; 1.200$); VELDEC - 4.000$ (100; 4.700$); VASCO DA GAMA - 6.500$ (10; 9.000$); MOTA E Cª - 5.200$ (340; 5.350$); EMPOR - 2.500$ (70; 2.540$); A. C. SANTOS - 2.100$ (50; 2.200$); BORDALIMA - 1.740$ (100; 1.780$); ARBORFIL - 3.120$ (800; 3.200$); LUÍS CORREIA - 4.080$ (60; 4.100$); HOTELAGOS - 1.510$ (120; 1.550$); TRANSBEL - 1.480$ (40; 1.500$); CONTENTORES - 2.500$ (50; 2.600$); MARCONI (nom.) - 10.000$ (270; 10.100$); CORTICEIRA AMORIM - 4.300$ (100; 4.360$); CAIMA - 13.450$ (2.340; 13.500$); MABOR - 4.960$ (1.241; 5.000$); CISF - 33.950$ (1.074; 34.100$); FISIPE - 5.400$ (441; 5.500$); SONAE - 11.950$ (555; 12.450$); CIRES - 7.200$ (570; 7.400$); ESTORIL SOL (port.) - 2.200$ (1.070; 2.340$); GRÃO-PARÁ - 2.280$ (150; 2.300$); HIDROPROJECTO - 1.180$ (10; 1.200$); BEIRA VOUGA - 980$ (3.000; 1.000$); SONAGI - 3.200$ (120; 3.300$); CIPAN - 4.000$ (172; 4.060$); POLIMAIA - 2.420$ (20; 2.500$); CINCA - 5.500$ (590; 5.950$); Cª P. COBRE - 13.000$ (550; 13.250$); S. CAETANO - 6.250$ (30; 6.300$); CEL-CAT - 3.200$ (890; 3.300$); SOPOL - 1.700$ (20; 1.710$).

Preços repetidos

G. A. P. - 1.800$ (transaccionadas 150 unidades); F. N. MARGARINAS - 2.800$ (60); SOJA - 6.300$ (221); SOPRAGOL - 3.100$ (70); CARNES NOBRE - 2.400$ (450); TORRES NOVAS - 2.240$ (100); SOMEC - 2.600$ (190); SOARES COSTA - 2.200$ (305); PAPELARIA FERNANDES - 2.040$ (460); FITOR - 2.200$ (140); SOPONATA (port.) - 2.540$ (50); OREY ANTUNES - 1.500$ (275); TERNOR - 1.400$ (100); TERTIR - 2.600$ (250); MARCONI (port.) - 12.500$ (3.383); LOCAPOR - 6.300$ (80); IMOLEASING - 6.200$ (100); NOVEMBAL - 3.100$ (155); COPIDATA - 2.500$ (30); SOFINLOC - 12.900$ (151); LUSOLEASING - 17.000$ (130); MANUFACTURERS HANOVER (port.) - 6.450$ (2.520); B. C. P. (port.) - 95.000$ (46); FOSFOREIRA - 3.000$ (15); SOPETE (port.) - 4.440$ (170); LUSOMUNDO - 5.500$ (110); I. T. I. (port.) - 1.880$ (710); FENALU - 4.000$ (50); COMPTA - 10.100$ (80); IBERFAR - 4.000$ (500); EUROLEASING - 10.900$ (110); ESPÍRITO SANTO - 7.400$ (810); CEREXPORT - 2.480$ (200); FERREIRINHAS - 1.100$ (110); EFACEC - 5.350$ (170); LISNAVE - 2.400$ (110); SOLIDAL - 5.500$ (60); MAGUE - 3.240$ (340); B. P. I. (nom.) - 9.450$ (500).

Não transaccionadas

A. H. SERRANO, REFRIGE, MACEDO COELHO, COFACO, EMASA, PERSUÍNOS, COPAM, AMIEIROS VERDES, FEPSA, GREGÓRIO, ERG, TÂMEGA, ENGIL, SABEL, S. G. O., J. S. CORREIA, INFORGAL, MUNDINTER, SOMIL, INÔ, TRANSMOTOR, MOURA MATOS, ESTAMPARIA IMPÉRIO, FIACO, SIAF, ORBITUR, JÚPITER, TUROPA, SOPONATA (nom.), TRANSINSULAR (port.), TRANSINSULAR (nom.), B. P. I. (port.), AMORIM E IRMÃOS, IPOCORK, PROEMBA, MANUFACTURERS HANOVER (nom.), B. C. I. (nom.), Cª P. HIGIENE, PROADEC, SOPETE (nom.), ESTORIL SOL (nom.), I. T. I. (nom.), FIGUEIRA PRAIA, SOLVERDE, TELECINE MORO, TIME SHARING, REDITUS, CITIBANK (nom.), GARANTIA, COTAPO, INDASA, VISTA ALEGRE, F. RAMADA, P. M. ALFA, CABELTE, S. T. E., ARISTON, RAÇÕES PROGADO.

CEE "manda" 1,8 milhões para agricultura

A Comissão Europeia aprovou cerca de 1,8 milhões de contos de ajudas comunitárias destinadas a 33 projectos portugueses de transformação e comercialização de produtos agrícolas, foi anunciado em Bruxelas.

Os projectos inserem-se no âmbito do regulamento 355 e fazem parte de um pacote de 404 para os 12 países membros, no montante global de ajudas de 136 683 mil ecus.

Dos 33 projectos portugueses, cinco destinam-se ao sector da pesca, dois ao da carne, quatro aos dos produtos lácteos, quatro ao dos cereais, um ao do azeite, 12 ao do vinho e cinco ao das frutas e legumes.

Para as pescas, foram atribuídos 120 138 contos de ajudas comunitárias: racionalização de duas unidades de transformação (Ribatejo Oeste e Beira Interior), modernização e extensão de instalações (Ribatejo Oeste), reconversão (Beira Litoral) e nova construção de uma unidade industrial (Trás-os-Montes).

Cerca de 515 mil contos de ajudas comunitárias foram concedidas a dois projectos do sector «carnes» — um matadouro polivalente na zona do Ribatejo Oeste e modernização de uma unidade de transformação entre Douro e Minho.

Canalizados para o sector produtos lácteos, foram cerca de 205 mil contos: três projectos de racionalização da rede de recolha do leite (um no Alentejo e dois nos Açores) e construção de uma unidade de produção de queijos de cabra e ovelha na Beira Litoral.

Para a modernização de um lagar de azeite no Algarve foram atribuídos cerca de 20 mil contos.

O sector do vinho vai ter cerca de 517 mil contos para sete projectos destinados à modernização e racionalização (três no Ribatejo Oeste, três na Beira Litoral e um na Beira Interior), dois para instalações de armazenamento e envelhecimento (Trás-os-Montes e Entre Douro e Minho) e três para linhas de engarrafamento (Entre Douro e Minho, Beira Litoral e Ribatejo Oeste).

Cinco projectos do sector das frutas e legumes vão receber cerca de 135 mil contos de ajudas comunitárias: três projectos de construção de unidades de transformação (Beira Interior, Ribatejo Oeste e Entre Douro e Minho) e dois de modernização de unidades de transformação de frutos secos (Trás-os-Montes e Ribatejo).

EMPRESAS

Dirigentes da Moulinex visitam Portugal

Três responsáveis da Moulinex Internacional, entre eles o presidente do comité directivo, chegam a Lisboa na próxima semana, para anunciarem uma bolsa de estudos destinada aos jornalistas e manter contactos com os clientes da empresa.

Os três responsáveis são Roland Darneau e Gilbert Torrelli, do comité directivo da Moulinex Internacional, e Joan Girat, presidente ibérico da empresa.

É a primeira visita a Portugal de responsáveis da Moulinex desde que nos anos 50 começaram a ser comercializados produtos daquela marca no mercado nacional — sublinhou Oliveira Rocha, director-geral da Moulinex portuguesa.

A visita dos três dirigentes da transnacional francesa, que efectuarão duas reuniões com clientes do Centro e Sul, em Lisboa, e do Norte, no Porto, surge pouco tempo depois de uma profunda reestruturação na Moulinex portuguesa.

Reclamando uma posição líder no mercado nacional em 16 pequenos electrodomésticos, a Moulinex portuguesa procedeu, em Maio, a um aumento de capital por incorporação de reservas (de 102 000 para 175 000 contos) e fechou a sua fábrica em Santarém, a única que possuía em Portugal.

Oliveira Rocha explicou que as instalações de Santarém assemelhavam-se mais a uma unidade de montagem do que a uma fábrica de grande dimensão.

Essa «unidade de montagem» existia desde 1982 e empregava cerca de 100 pessoas. O director-geral da Moulinex garantiu que o encerramento das instalações não envolveu conflitos laborais, já que os trabalhadores aceitaram voluntariamente as indemnizações.

Oliveira Rocha observou que a fábrica de Santarém de nacional só tinha os moldes que trabalhava.

No entanto, revelou que a Moulinex Internacional compra todos os seus moldes no mercado português, nas zonas de Leiria e Marinha Grande, que são frequentemente visitadas por técnicos da empresa francesa.

O levantamento das restrições às importações fez repensar a estrutura da Moulinex portuguesa, que descobriu ser mais dispendioso produzir em Portugal do que importar de França ou de Espanha.

«Importar é mais barato, permite-nos ter modelos mais actualizados e produtos verdadeiramente europeus» — comentou Oliveira Rocha.

A Moulinex Portugal, SA é uma empresa com cerca de 28 pessoas, que sucedeu, em Maio de 1988, à Jolinex (criada em 1981).

Os principais accionistas são a Moulinex francesa (51 por cento) e a Moulinex espanhola (44 por cento), estando o resto do capital em poder de cinco accionistas portugueses.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$40	58$40
ALEMANHA FED. (marco)	80$60	81$80
ÁUSTRIA (xelim)	11$45	11$65
BÉLGICA (franco)	3$653	3$903
BRASIL (cruzado)	$440	$740
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120$60	123$10
(notas de 5 a 1000)	121$10	123$60
DINAMARCA (coroa)	21$25	21$65
ESPANHA (peseta)	1$177	1$297
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$00	150$50
(notas de 5 a 1000)	147$50	151$00
FINLÂNDIA (marka)	33$80	34$40
FRANÇA (franco)	23$95	24$65
HOLANDA (florim)	71$55	72$65
IRLANDA (libra)	217$30	221$30
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	1$057	1$112
NORUEGA (coroa)	22$05	22$55
REINO UNIDO (libra)	249$30	253$80
SUÉCIA (coroa)	23$35	23$85
SUÍÇA (franco)	97$10	98$60
VENEZUELA (bolívar)	3$957	4$957

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Polícia de choque e manifestantes em confronto perto da embaixada dos EUA em Manila, durante uma manifestação de protesto contra as bases norte-americanas nas Filipinas.

...Mississipi e... temperaturas acima dos 40 graus e os meteorologistas preveniram já as autoridades do Estado de Arkansas, onde a temperatura e a humidade poderão vitimar crianças de tenra idade e idosos. Os meteorologistas prevêm apenas alguns chuviscos em algumas zonas, insuficientes para melhorar a situação dos agricultores. Analistas afirmam que o milho estará condenado caso as condições climatéricas não se alterem nas próximas duas semanas. No Canadá a situação é igualmente preocupante, estando a ser gravemente prejudicadas as culturas do trigo e de frutas.

Chegada de uma delegação soviética de prit... aérea norte-americana de Rhine Main, na Alemanh...

Defendido governo de coligação no Afeganistão

«Não há outro caminho para solucionar a crise, senão formar um governo de coligação com todas as forças políticas existentes no país», disse ontem o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Afeganistão. Numa declaração divulgada em Cabul, com o objectivo de clarificar interpretações contraditórias em torno da formação de um governo de coligação no país, o Ministério afegão dos Negócios Estrangeiros refere que há 18 meses o governo e o Partido Democrático Popular declararam estar dispostos a negociar. O governo afegão estabeleceu contactos com os comandantes dos grupos oposicionistas, no interior do país, e com representantes da oposição, no estrangeiro, encontros que deram resultados positivos, acrescenta a nota do Ministério. Essa política de diálogo praticada pelo governo deu origem a que 13 províncias e grande número de distritos e regiões sejam governados por aqueles que anteriormente se encontravam na oposição e, no governo central, 19 lugares são desempenhados por elementos da oposição, acrescentou o Ministério. A ideia de criar uma ampla coligação foi apoiada, em Genebra, por líderes da República do Afeganistão, União Soviética, Estados Unidos, Paquistão e pelo secretário-geral das Nações Unidas através do seu representante pessoal, nas conversações de paz, Diego Cordovez. Na declaração é sublinhada a necessidade de acabar com as operações bélicas para se dar início ao diálogo que leve à criação de um governo de coligação. Durante as conversações de Genebra foi apoiada a ideia de regularizar a situação em torno do Afeganistão e procurar a reconciliação nacional. No entanto, o facto de a oposição ter intensificado as operações militares fez com que esta ideia não passasse de uma intenção, refere a nota do MNE afegão que acusa o Paquistão e os Estados Unidos de não cumprirem os acordos de Genebra.

México: candidato presidencial denuncia "assassínios políticos"

O candidato presidencial da Frente Democrática Nacional (FDN), Cuauhtemoc Cardenas, qualificou segunda-feira de «assassínios políticos» a morte de dois seus colaboradores. As eleições presidenciais mexicanas realizam-se quarta-feira e, nos últimos 60 anos, o Partido Revolucionário Institucional (PRI) tem ganho todos os sufrágios. Cardenas reuniu-se segunda-feira com o secretário da governação (Interior), Manuel Barttlet Diaz, para lhe expressar preocupação pelos assassínios de Francisco Xavier Ovando e Roman Gil Heraldez, ocorridos sábado num bairro do centro da capital mexicana. O candidato presidencial da FDN considerou a morte dos seus colaboradores um acto intimidatório contra as forças democráticas e que os autores do duplo assassínio pretendem «criar um clima de violência e agitação social». Cardenas disse que Ovando era uma pessoa-chave na coordenação da campanha presidencial e que um crime político desta envergadura já não se verificava há muitas décadas no México. Acrescentou que as forças mais reaccionárias e obscurantistas do México são as responsáveis pela colocação de propaganda contra a coligação de partidos que o apoia e as que também orquestraram campanhas na Imprensa e televisão opostas à sua candidatura. Enquanto decorria a reunião de Cardenas com Barttlet na sede da secretaria da governação, cerca de mil manifestantes de esquerda gritavam palavras de ordem contra o governo mexicano e exigiam justiça.

"Pravda" diz que foi um "acto terrorista"

DERRUBE DE AVIÃO NO GOLFO PÉRSICO RELANÇA POLÉMICA SOBRE SEGURANÇA

O derrube, no domingo, de um avião comercial iraniano com 290 pessoas a bordo, vem relançar a polémica sobre as garantias de segurança oferecidas pela alta tecnologia militar. O cruzador «Vincennes» que disparou os dois mísseis que abateram o Airbus-300 das linhas aéreas iranianas, está equipado com a mais sofisticada tecnologia de radar e é considerado pela marinha dos Estados Unidos como uma das unidades de combate mais avançadas de que dispõem. E, no entanto, segundo a versão oficial, não conseguiu distinguir um pequeno caça F-14 de um aparelho comercial com capacidade para 300 pessoas.

Em conferência de imprensa realizada ontem no Pentágono, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas norte-americanas, almirante William Crowe, admitiu implicitamente que a tecnologia existente não permite identificar com precisão o tipo de aparelho detectado pelos radares.

Um coronel da Força Aérea na reforma afirmou, contudo, a uma estação de televisão norte-americana, ser incompreensível que a tripulação do navio que disparou os mísseis não tenha sido capaz de distinguir entre um avião civil de passageiros e um caça F-14, que são tão diferentes no seu sinal de radar, quer pelo seu volume, quer pela sua velocidade.

No mesmo sentido se pronunciaram especialistas citados pela cadeia de televisão CBS. «O cruzador está apetrechado com equipamento electrónico do mais sofisticado destinado à identificação de alvos aéreos e no ecran de radar as duas imagens diferem completamente uma da outra. Além disso, um caça voa a velocidades supersónicas, cerca de duas vezes superiores à do avião de carreira. Durante um ataque um caça voaria a pique bruso c não subiria, como estava a fazer o avião, que acabara de deslocar do aeroporto», afirmou ontem a CBS.

Outras fontes falam de uma decisão precipitada, tomada talvez pela lembrança do ataque à fragata U.S. Stark, atingida em Maio de 1987 por um míssil iraquiano, que porvocou a morte de 37 marines». Na altura em que o avião civil foi localizado, o cruzador «Vincennes», em conjunto com a fragata Elmer Montgomery, estava em combate com três lanchas rápidas iranianas.

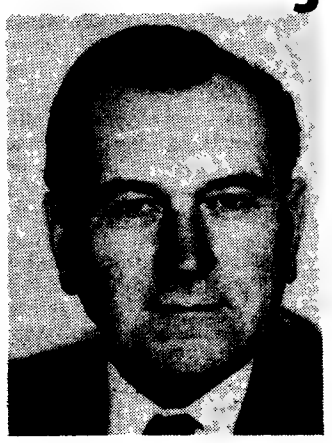
Mas na conferência de impresna realizada ontem no Pentágono, o almirante Crowe foi peremptório ao afirmar que as informações de que dispunha indicavam que os oficiais do «Vincennes» tiveram razões para pensar que iam ser alvo de um ataque. O incidente vai, contudo, ser investigado por uma equipa de peritos norte-americanos que hoje chega ao golfo Pérsico.

Eis o relato do incidente feito por Crowe: «eram 10.47 locais e o avião aproximava-se a grande velocidade e fora do corredor destinado a voos comerciais. Às 10.49 o avião não respondeu aos sinais que se fizeram e pensou-se que era um F-14, uma vez que nos últimos dias foram detectados váris destes aparelhos na região. às 10.51 foi declarado hostil e às 10-54, quando se encontrava a 9 milhas de distância, o Vincennes disparou dois mísseis».

Crowe disse ainda que o «Vincennes» chamou por três vezes o avião na frequência civil e outras quatro na frequência militar, mas que não obteve resposta e indicou que os sinais electricos recebidos levaram a tripulação a acreditar que se tratava de um caça F-14.

Entretanto, o comandante do «Vincennes» declarou ser o único responsável pelo sucedido, mas acrescentou que fez «o que devia no sentido de proteger o

Grosz em Moscovo para discutir com Gorbachev o diferendo entre a Hungria e a Roménia



O líder do Partido Comunista húngaro e Primeiro-Ministro Karoly Grosz, encontra-se desde ontem em Moscovo para se encontrar com o dirigente do Kremlin, Mikhail Gorbachev.

Grosz, na sua primeira visita oficial desde que substituiu Janos Kadar em Maio, centrará as conversações sobre a situação internacional, as relações bilaterais e a produção económica.

Referindo-se à importância da última conferência do PCUS para as demais nações do bloco de Leste, Grosz disse querer determinar o lugar da Hungria nas "grandes mudanças" do bloco económico Comecon, orientado pela União Soviética.

No entanto, para os diplomatas Ocidentais e, embora o líder do PC húngaro pareça desprezar o assunto, a disputa pública entre o seu país e a Roménia será certamente o ponto alto das conversações com Gorbachev.

"Creio que tudo é apenas uma situação passageira", disse Grosz no domingo, numa entrevista à televisão húngara.

"Para solucionar esta questão, nada pode ser deixado ao acaso", frisou.

"Para tal temos de dialogar. Devemos inteirar-nos da realidade dos nossos vizinhos romenos", afirmou, adiantando que planeia visitar Bucareste este ano, sem mencionar datas.

"Acredito que se prepararmos isto bem, podemos avançar um passo significativo directo à eliminação ou suavização desta tensão".

Polícia de choque e manifestantes em confronto perto da embaixada dos EUA em Manila, durante uma manifestação de protesto contra as bases norte-americanas nas Filipinas.

de cereais e de fru... Mississipi estão pre... raturas acima dos 40 graus e os meteorologistas preveniram já as autoridades do Estado de Arkansas, onde a temperatura e a humidade poderão vitimar crianças de tenra idade e idosos. Os meteorologistas prevêm apenas alguns chuviscos em algumas zonas, insuficientes para melhorar a situação dos agricultores. Analistas afirmam que o milho estará condenado caso as condições climatéricas não se alterem nas próximas duas semanas. No Canadá a situação é igualmente preocupante, estando a ser gravemente prejudicadas as culturas do trigo e de frutas.

Chegada de uma delegação soviética de peritos ... aérea norte-americana de Rhine Main, na Alemanha F...

Defendido governo de coligação no Afeganistão

«Não há outro caminho para solucionar a crise, senão formar um governo de coligação com todas as forças políticas existentes no país», disse ontem o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Afeganistão. Numa declaração divulgada em Cabul, com o objectivo de clarificar interpretações contraditórias em torno da formação de um governo de coligação no país, o Ministério afegão dos Negócios Estrangeiros refere que há 18 meses o governo e o Partido Democrático Popular declararam estar dispostos a negociar. O governo afegão estabeleceu contactos com os comandantes dos grupos oposicionistas, no interior do país, e com representantes da oposição, no estrangeiro, encontros que deram resultados positivos, acrescenta a nota do Ministério. Essa política de diálogo praticada pelo governo deu origem a que 13 províncias e grande número de distritos e regiões sejam governados por aqueles que anteriormente se encontravam na oposição e, no governo central, 19 lugares são desempenhados por elementos da oposição, acrescentou o Ministério. A ideia de criar uma ampla coligação foi apoiada, em Genebra, por líderes da República do Afeganistão, União Soviética, Estados Unidos, Paquistão e pelo secretário-geral das Nações Unidas através do seu representante pessoal, nas conversações de paz, Diego Cordovez. Na declaração é sublinhada a necessidade de acabar com as operações bélicas para se dar início ao diálogo que leve à criação de um governo de coligação. Durante as conversações de Genebra foi apoiada a ideia de regularizar a situação em torno do Afeganistão e procurar a reconciliação nacional. No entanto, o facto de a oposição ter intensificado as operações militares fez com que esta ideia não passasse de uma intenção, refere a nota do MNE afegão que acusa o Paquistão e os Estados Unidos de não cumprirem os acordos de Genebra.

México: candidato presidencial denuncia "assassínios políticos"

O candidato presidencial da Frente Democrática Nacional (FDN), Cuauhtemoc Cardenas, qualificou segunda-feira de «assassínios políticos» a morte de dois seus colaboradores. As eleições presidenciais mexicanas realizam-se quarta-feira e, nos últimos 60 anos, o Partido Revolucionário Institucional (PRI) tem ganho todos os sufrágios. Cardenas reuniu-se segunda-feira com o secretário da governação (Interior), Manuel Barttlet Diaz, para lhe expressar preocupação pelos assassínios de Francisco Xavier Ovando e Roman Gil Heraldez, ocorridos sábado num bairro do centro da capital mexicana. O candidato presidencial da FDN considerou a morte dos seus colaboradores um acto intimidatório contra as forças democráticas e que os autores do duplo assassínio pretendem «criar um clima de violência e agitação social». Cardenas disse que Ovando era uma pessoa-chave na coordenação da campanha presidencial e que um crime político desta envergadura já não se verificava há muitas décadas no México. Acrescentou que as forças mais reaccionárias e obscurantistas do México são as responsáveis pela colocação de propaganda contra a coligação de partidos que o apoia e as que também orquestraram campanhas na Imprensa e televisão opostas à sua candidatura. Enquanto decorria a reunião de Cardenas com Barttlet na sede da secretaria da governação, cerca de mil manifestantes de esquerda gritavam palavras de ordem contra o governo mexicano e exigiam justiça.

"Pravda" diz que foi um "acto terrorista"

DERRUBE DE AVIÃO NO GOLFO PÉRSICO RELANÇA POLÉMICA SOBRE SEGURANÇA

O derrube, no domingo, de um avião comercial iraniano com 290 pessoas a bordo, vem relançar a polémica sobre as garantias de segurança oferecidas pela alta tecnologia militar. O cruzador «Vincennes» que disparou os dois mísseis que abateram o Airbus-300 das linhas aéreas iranianas, está equipado com a mais sofisticada tecnologia de radar e é considerado pela marinha dos Estados Unidos como uma das unidades de combate mais avançadas de que dispõem. E, no entanto, segundo a versão oficial, não conseguiu distinguir um pequeno caça F-14 de um aparelho comercial com capacidade para 300 pessoas.

Em conferência de imprensa realizada ontem no Pentágono, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas norte-americanas, almirante William Crowe, admitiu implicitamente que a tecnologia existente não permite identificar com precisão o tipo de aparelho detectado pelos radares.

Um coronel da Força Aérea na reforma afirmou, contudo, a uma estação de televisão norte-americana, ser incompreensível que a tripulação do navio que disparou os mísseis não tenha sido capaz de distinguir entre um avião civil de passageiros e um caça F-14, que são tão diferentes no seu sinal de radar, quer pelo seu volume, quer pela sua velocidade.

No mesmo sentido se pronunciaram especialistas citados pela cadeia de televisão CBS. «O cruzador está apetrechado com equipamento electrónico do mais sofisticado destinado à identificação de alvos aéreos e no ecran de radar as duas imagens diferem completamente uma da outra. Além disso, um caça voa a velocidades supersónicas, cerca de duas vezes superiores à do avião de carreira. Durante um ataque um caça voaria a pique bruso c não subiria, como estava a fazer o avião, que acabara de deslocar do aeroporto», afirmou ontem a CBS.

Outras fontes falam de uma decisão precipitada, tomada talvez pela lembrança do ataque à fragata U.S. Stark, atingida em Maio de 1987 por um míssil iraquiano, que porvocou a morte de 37 marines». Na altura em que o avião civil foi localizado, o cruzador «Vincennes», em conjunto com a fragata Elmer Montgomery, estava em combate com três lanchas rápidas iranianas.

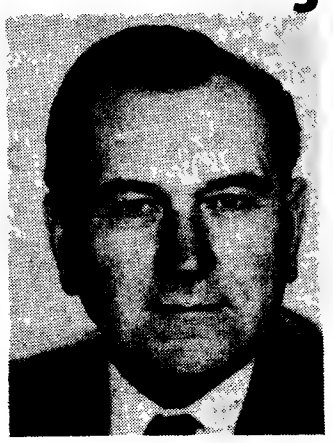
Mas na conferência de impresna realizada ontem no Pentágono, o almirante Crowe foi peremptório ao afirmar que as informações de que dispunha indicavam que os oficiais do «Vincennes» tiveram razões para pensar que iam ser alvo de um ataque. O incidente vai, contudo, ser investigado por uma equipa de peritos norte-americanos que hoje chega ao golfo Pérsico.

Eis o relato do incidente feito por Crowe: «eram 10.47 locais e o avião aproximava-se a grande velocidade e fora do corredor destinado a voos comerciais. Às 10.49 o avião não respondeu aos sinais que se fizeram e pensou-se que era um F-14, uma vez que nos últimos dias foram detectados váris destes aparelhos na região. às 10.51 foi declarado hostil e às 10-54, quando se encontrava a 9 milhas de distância, o Vincennes disparou dois mísseis».

Crowe disse ainda que o «Vincennes» chamou por três vezes o avião na frequência civil e outras quatro na frequência militar, mas que não obteve resposta e indicou que os sinais electricos recebidos levaram a tripulação a acreditar que se tratava de um caça F-14.

Entretanto, o comandante do «Vincennes» declarou ser o único responsável pelo sucedido, mas acrescentou que fez «o que devia no sentido de proteger o

Grosz em Moscovo para discutir com Gorbachev o diferendo entre a Hungria e a Roménia



O líder do Partido Comunista húngaro e Primeiro-Ministro Karoly Grosz, encontra-se desde ontem em Moscovo para se encontrar com o dirigente do Kremlin, Mikhail Gorbachev.

Grosz, na sua primeira visita oficial desde que substituiu Janos Kadar em Maio, centrará as conversações sobre a situação internacional, as relações bilaterais e a produção económica.

Referindo-se à importância da última conferência do PCUS para as demais nações do bloco de Leste, Grosz disse querer determinar o lugar da Hungria nas "grandes mudanças" do bloco económico Comecon, orientado pela União Soviética.

No entanto, para os diplomatas Ocidentais e, embora o líder do PC húngaro pareça desprezar o assunto, a disputa pública entre o seu país e a Roménia será certamente o ponto alto das conversações com Gorbachev.

"Creio que tudo é apenas uma situação passageira", disse Grosz no domingo, numa entrevista à televisão húngara.

"Para solucionar esta questão, nada pode ser deixado ao acaso", frisou.

"Para tal temos de dialogar. Devemos inteirar-nos da realidade dos nossos vizinhos romenos", afirmou, adiantando que planeia visitar Bucareste este ano, sem mencionar datas.

"Acredito que se prepararmos isto bem, podemos avançar um passo significativo directo à eliminação ou suavização desta tensão".

PESSOAS E FACTOS

Clearblue é um novo teste de gravidez

«Clearblue» é um novo método de diagnóstico precoce de gravidez, lançado recentemente no mercado português. Azul e branco são as cores da sua embalagem: azul para o sim, branco para o não.

Entre as vantagens que oferece destaca-se a possibilidade de se obter um diagnóstico logo no primeiro dia de falha menstrual, o que elimina a necessidade de aguardar vários dias antes de se proceder ao exame. Por outro lado a recolha e manipulação da urina com reagentes foi substituída por uma simples vareta que recolhe, analisa e fornece o resultado. Outra vantagem é a inclusão de dois testes por embalagem, que permite a reconfirmação dos resultados, exigência que é comum à maioria das mulheres.

Império cria concurso "Os Jovens e a Poupança"

A **Companhia de Seguros Império** promove, de novo, o concurso de criatividade juvenil, nas modalidades de desenho e texto, destinado a jovens dos 10 aos 18 anos, intitulado **«Os Jovens e a Poupança»,** para que seja realçado o valor económico e social dos seguros no círculo das famlias e dos negócios. Com o **apoio da TAP,** o **concurso «Os Jovens e a Poupança»** realiza-se nos seguintes moldes: Os concorrentes aos prémios de Desenho serão divididos em dois grupos: Grupo A, que abrange o escalão etário entre os 10 e os 14 anos; e o Grupo B para as idades entre os 15 e os 18 anos; a modalidade de Texto compreende um único grupo de concorrentes entre os 14 e os 18 anos.

Os trabalhos de desenho podem ser apresentados em qualquer material gráfico, segundo a imaginação dos concorrentes, incluindo colagens. Os textos para este concurso poderão ser em prosa ou em verso, mas são limitados ao máximo de três páginas dactilografadas a dois espaços. A recepção dos trabalhos termina no dia 10 de Outubro próximo.

Os prémios, atribuídos por um júri expressamente convidado, serão anunciados no **Dia Mundial da Poupança,** a 31 de Outubro e entregues em sessão especial. A **TAP patrocina** esta iniciativa, cujos prémios incluem viagens de 4 dias à Região Autónoma da Madeira para os jovens premiados e respectivos acompanhantes.

Air Atlantis aumenta a sua frota

Foi assinado no passado dia 20 de Junho entre as administrações da **Air Atlantis** e da **Bavaria Fluggesellshaft,** representadas, respectivamente, pelos **srs. dr. João Medeiros Norte e dr. R. Dirkman,** um contrato para o «lease», por um período de 10 anos, de um avião **Boeing 737/300.** A entrada ao serviço desta nova unidade, que será a primeira do seu tipo a integrar a frota de uma companhia portuguesa, enquadra-se nos planos de expansão da **Air Atlantis** e permitir-lhe-á aumentar a sua participação no mercado «charter» de/para Portugal.

O **Boeing 737/300** é um moderno avião com capacidade para 149 passageiros, dotado da mais avançada tecnologia em meios aviónicos e aerodinâmicos, e com uma autonomia muito melhorada o que lhe possibilitará efectuar operações de mais longa duração, como, por exemplo, entre o Funchal e o Norte da Europa.

CONFECOOP

Na sequência de actividades na área do desenvolvimento local e regional e a exemplo de outros encontros, já efectuados ou cuja realização se avizinha, o Confecoop, em conjunto com a **Associação dos Municípios do Distrito de Évora,** o Inscoop — **Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo** e o **Secretariado das UCP's —, Cooperativas do Distrito de Évora,** promove, no próximo dia 9 de Julho, a partir das 9.30 horas, no Palácio D. Manuel, naquela cidade, um encontro sobre **«O Papel das Cooperativas no Desenvolvimento do Distrito de Évora».** O encontro debruçar-se-á sobre a realidade actual do sector cooperativo no distrito e as suas potencialidades de desenvolvimento e expansão, como forma de dar resposta às carências existentes na região.

Gestores na Marconi

Cerca de trinta administradores e directores de empresa, que recentemente concluíram um «Programa de Alta Direcção de Empresa» (PADE), organizado pela Associação de Estudos Superiores de Empresa (AESE), realizaram uma visita às instalações do Centro de Comunicações Via Satélite em Sintra da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, e ainda à sua estação de cabos submarinos em Sesimbra. Esta visita, feita a convite do Conselho de Administração da Marconi, constituiu uma oportunidade para dar a conhecer a actividade da companhia ao serviço das telecomunicações do País. Proporcionou ensejo, ainda, de aqueles gestores tomarem contacto com as mutações técnicas e tecnológicas que o sector das telecomunicações internacionais a cargo da empresa tem conhecido, na década de 80, a nível dos meios de transmissão, nomeadamente nos cabos submarinos e nos satélites especiais.

TWA no Estoril

Segundo Ed Hayek, director comercial da **TWA,** é pela quarta vez nos últimos dois anos que a única companhia aérea norte-americana a operar em Portugal escolhe o nosso país para realizar um importante congresso. Com efeito, nos passados dias 2 e 3 de Junho, no Hotel Atlântico do Estoril, o **congresso internacional da TWA sobre carga aérea** reuniu os respectivos directores de todo o mundo sob a presidência de **Charles A. Adams,** vice-presidente sénior da **Divisão Internacional da TWA.** Entretanto foi anunciado que a **TWA** foi eleita, pelo conjunto dos transitários britânicos, a companhia aérea do ano para os Estados Unidos.

Turismo no Algarve

O **Posto de Turismno de Faro** foi o que maior movimento registou no Algarve, nos primeiros quatro meses deste ano, seguindo-se os de **Portimão e Albufeira.** No decurso do mês de Abril os 15 postos de turismo, dependentes da **Região de Turismo do Algarve** e situados em **Monte Gordo,** Tavira, **Olhão,** Faro, **São Brás de Alportel,** Loulé, **Quarteira,** Albufeira, **Armação de Pêra,** Carvoeiro, **Silves,** Praia da Rocha, **Portimão,** Lagos e **Algezur,** registaram um movimento de 71 421 visitantes, dos quais 64 232 estrangeiros. Em relação a nacionalidades e movimento foi o seguinte: Inglaterra — 23 628 (32,9%); Alemanha — 9265 (12,9%); Espanha — 8727 (12,2%); Portugal — 7189 (10,06%); Holanda — 6328 (8,8%) e França — 4191 (5,8%).

Lisgráfica comemora 15 anos de êxitos

A **Lisgráfica** festejou recentemente o seu 15.º aniversário, tendo, na ocasião, recebido a visita do Presidente da República. A inauguração de uma rotativa **Harris 850** foi pretexto para se recordar o historial da empresa, já que foi com o modelo **Harris 1000** que a **Lisgráfica** começou a sua laboração quando, em 1974, optou definitivamente pela especialização em Web Offset. Desde então e após o período algo conturbado que se seguiu ao 25 de Abril, a **Lisgráfica** apostou na sua reestruturação, vindo, em 1987, a iniciar uma nova fase de investimento, com um plano de 3,5 milhões de contos.

Celebra, entretanto, o maior contrato de leasing industrial jamais feito em Portugal e aumenta o capital social para 504 mil contos, esperando atingir, nos próximos dois anos, o milhão de contos. Das 500 toneladas de papel que a empresa imprimia em 1974 passou-se para uma previsão da ordem das 20 000, em 1988. No mesmo espaço de tempo atingiu-se uma capacidade de 2,5 milhões de revistas por semana, em contraponto às 50 000 de 1974. Finalmente, o valor acrescentado por trabalhador, que em 1974 era de 320 contos por ano, passou para 11 000 contos, o que indica que, na base destes excelentes resultados da **Lisgráfica** está o entusiasmo, a boa tecnologia e um grupo de trabalho bem preparado e bem motivado, «receita» que a empresa vai firmemente manter, como garantia de evolução constante.

Maggi lançam em Portugal mais duas sopas e uma maionese

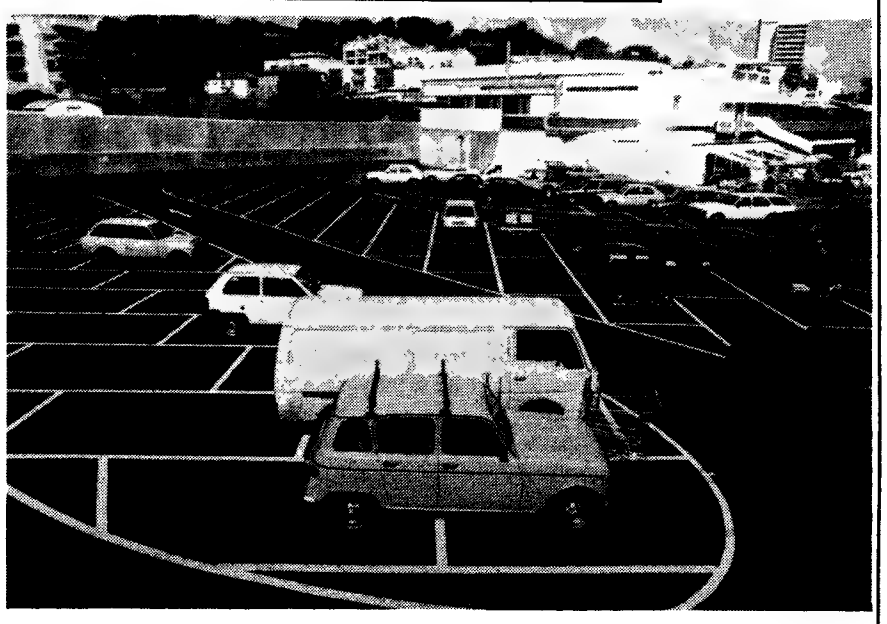
Cento e dois anos depois da apresentação das primeiras sopas prontas a cozer, a **Maggi** introduz no mercado português duas novas variedades: **Sopa do Mar** e **Sopa Chinesa**. Com efeito, foi em 1866 que a empresa suíça, fundada por **Julius Maggi**, iniciou a comercalização de sopas numa altura em que a revolução industrial aumentava substancialmente a oferta de emprego feminino, alterando, por isso, os hábitos domésticos então vigentes.

Juntamente com estas duas novas variedades de sopas, o mercado português passa ainda a dispor de um outro produto da **gama Maggi**: a **Mayonese**. Com estes lançamentos, a centenária marca helvética oferece agora ao consumidor português **2 variedades de caldos** (carne e galinha), **16 variedades de sopas**, o internacionalmente famoso **Aroma Maggi** (condimento líquido com mais de 100 anos), **puré de batata em flocos** e a nova **mayonese Maggi**.

A responsabilidade pela comercialização destes produtos em Portugal é, desde 1950, da **Nestlé**, três anos depois de se ter dado a fusão da **Alimentana S.A.** (fundada por **Julius Maggi**) com a **Nestlé** (fundada por Henry Nestlé). Produzidos em **Avanca**, no complexo fabril da **Nestlé**, desde 1977, os produtos **Maggi** só começaram a ser importados directamente da Suíça em 1957, mal-grado as **sopas Maggi** já serem conhecidas aqui desde 1910. Na realidade, o **poeta Guerra Junqueiro está directamente ligado à vinda da Maggi** para Portugal, já que, desempenhando funções de ministro da República em Berna, a «Alimentana, S.A.» lhe solicitara que «advogasse junto do seu Governo a inclusão das **sopas Maggi**, nas nossas pautas alfandegárias».

Guerra Junqueiro, duvidando que num invólucro de 3cm3 pudesse estar uma terrina de canja, exigiu uma demonstração, tendo depois comentado: «Esplêndida! Sopa desta o que pede no fim de a tomarmos é um cálice de bom vinho português». Tendo regressado a Lisboa, consegue, junto do ministro das Finanças, que as **sopas Maggi** pudessem ser importadas, o que passou então a suceder de modo indirecto.

Entretanto, a **Maggi** cresceu em Portugal, prevendo-se que, para o ano corrente, a **Maggi** atinja um volume de negócios de 710 000 contos, correspondentes a 1000 toneladas de produtos da prestigiada marca colocados no mercado. Estes volumes representam aumentos superiores a 20% relativamente ao ano anterior. De realçar, no entanto, que a tonelagem prevista para o ano corrente representa mais do dobro da comercializada em 1982. Em termos de produtos comercializados, os caldos representam a fatia mais considerável e serão responsáveis por cerca de 75% do volume total.



Pão de Açúcar de Cascais melhorou a sua qualidade

A **Loja Pão de Açucar de Cascais,** 6 meses depois de ter iniciado a fase de gestão autónoma, acaba de proceder a alterações no seu interior com vista a uma maior capacidade de resposta às exigências dos clientes e obedecendo a critérios de melhoria de qualidade. As principais alterações operadas registaram-se nas áreas de frio, charcutaria e talho.

No que diz respeito ao **frio,** destaque-se um considerável aumento de capacidade, que permite colocar uma maior e mais variada gama de produtos à disposição do cliente, nomeadamente lacticínios e produtos congelados. Quanto à **charcutaria,** o novo espaço, dispondo de novas unidades de conservação, para além de ter aumentado a oferta de produtos embalados, dispõe de uma zona de atendimento personalizado, onde se destaca um variadíssima gama de queijos estrangeiros.

A secção de **talho,** completamente remodelada e equipada, apresenta um sistema de corte de carne completamente inovador, fruto da permanência de um técnico francês que se deslocou a Portugal para minsitrar acções de formação. Finalmente, registe-se a preocupação com que foi encarado o problema do **estacionamento,** tendo o **parque sido aumentado para o dobro** da capacidade.

Hipismo: saltos no Vimeiro

Em Miraflores, no decurso de uma conferência de Imprensa, foi apresentado o Concurso de Saltos Nacional do Vimeiro. Na ocasião, estiveram presentes o eng.º Pedro Dória (chefe da organização do concurso) e Luís Salema (Soténis), com o eng.º Dória declarando:

«Nesta 5.ª edição do Concurso, vão estar cavaleiros que foram campeões nacionais de saltos de obstáculos, nomeadamente: João Azevedo e Silva (nos anos de 1986 e 1987), Francisco Caldeira (1973 e 1982) e Jorge Mathias (1983) e, ainda, António Vozone, que nas últimas temporadas equestres tem sido vice-campeão nacional. «A equipa técnica deste 5,º Concurso de Saltos Nacional do Vimeiro é constituída por Jorge Mathias, Simões Pereira, Luís dos Santos e Neves Veloso, com a colaboração do dr. José Manuel Carvalho Martins. Quanto ao futuro deste certame do Vimeiro pode adiantar-se que em Setembro se realizará o 1.º Concurso de Saltos Internacional do Vimeiro.

O Concurso do Vimeiro, que teve o seu início em 1979, parou durante alguns anos para recomeçar em 1985.

Realce-se que não há dois «Concursos de Saltos iguais. cada um tem as suas características, as suas dificuldades, tudo dependendo do critério estabelecido pelos juízes de campo. O certame do Vimeiro (nesta 5.ª edição) pretende ser ainda melhor que os anteriores. Há condições para isso, dado que o hipódromo do Hotel Golf-Mar tem bom piso e é seu timbre os traçados das provas serem bem postos. Nem fáceis, nem cheios de dificuldades.

Para cada tipo de provas as condições ideais, consoante se trate de uma prova pequena, média, ou grande. A Soténis promove o Concurso e a Empresa das Águas do Vimeiro apoia o certame: oxalá o tempo também colabore, pois trata-se de competição integrada no calendário oficial da Federação Equestre Portuguesa, com provas destinadas a cavaleiros iniciados (8 aos 12 anos) cavalos novos e, para os restantes cavaleiros, duelos médios e grandes, diferindo pelas dificuldades que oferecem. Uma certeza: os melhores cavaleiros nacionais vão participar.

Nomes como João Azevedo e Silva (campeão nacional de Saltos de Obstáculos em 1986 e 1987), Francisco Caldeira, Jorge Mathias, José Manuel Nunes de Carvalho, António Vozone, Vasco Ramires, João Maria Bravo, Luís Sabino Gonçalves, Francisco Geraldes, Filipa Xara Brasil, Graça Nunes de Carvalho, Ana Maria Costa e Melo, Rrafael Ramos de Melo (um jovem calção cheio de talento) são o garante do êxito que se espera. São nomes de um lote de 180 inscrições feitas no Centro Hípico do Vimeiro, para as quatro jornadas, entre 7 e 10 do corrente, para um «prize-money», que ascende a 1250 contos, com taças e laços para os mais destados conjuntos.

FUTEBOL: NOTÍCIAS

MIRANDA E VATA ASSINAM PELO BENFICA

As saídas de Rui Águas e de Dito para as Antas provocaram a intensificação da actividade dos dirigentes do Benfica com vista ao revigoramento do seu plantel futebolístico. Gaspar Ramos abalou para o Brasil para arrumar a questão relacionada com Valdo e tentar a contratação de outros elementos de alto gabarito, falando-se em Romário, Amarildo, Zinho, Fernando Lima e Ivair como aqueles que reúnem a preferência do líder do departamento do futebol da colectividade da Luz. Por cá, a nota de maior impacto consiste na contratação dos varzinistas Miranda e Vata.

Diamantino: Recuperação acelerada

A recuperação de Diamantino tem excedido as expectativas, disse o preparador físico que acompanha o jogador benfiquista, cerca de mês e meio após a operação a que foi submetido.

«A flexão do atleta já se encontra a cento e dez graus, a um nível bastante aceitável e para isso tem contribuído o grande investimento de Diamantino em força interior, querer, vontade e diligência, factores invisíveis mas muito importantes», referiu Manuel Jorge.

Juniores: convocações

O seleccionador-treinador Carlos Queiroz (que recusara convites para integrar os quadros técnicos do Sporting e do FC Porto) escolheu os seguintes 16 elementos para o campeonato da Europa de juniores (categoria «A») que terá lugar na Checoslováquia de 22 a 28 do corrente: **Guarda-redes** — José Bizarro e Fernando Brassard (ambos do Benfica); **defesas** — Abel Silva e Pedro Valido (Benfica), Fernando Couto e Mário Morgado (FC Porto); **médios** — Jorge Couto (FC Porto), António Pereira «Tozé» (Leixões), Hélio Sousa (V. Setúbal), Filipe Ramos (Torreense) e Paulo Sousa (Benfica); **avançados** — António Folha (FC Porto), António Resende e José Xavier (Benfica), Jorge Amaral (Sporting) e João Pinto (Boavista).

Marítimo confirma: Nunes tem contrato válido por um ano

O presidente da direcção do Marítimo, António Henriques, afirmou ontem que o ex-benfiquista Nunes tem compromisso válido por uma época com o clube madeirense.

O responsável pelos verde-rubros desmentia informações segundo as quais o centro-campista que alinhou no Benfica poderia transferir-se para as Antas, acompanhando os seus antigos colegas Rui Águas e Dito.

A contratação de Nunes pelo Marítimo já foi anunciada pela direcção do clube há um mês, não tendo o clube madeirense, ainda segundo o seu presidente, qualquer indicação de alteração da situação.

Miguel Catela confirma: Manuel José está fora da «agenda»

O vice-presidente do Sporting, Miguel Catela, afirmou à agência Lusa que Manuel José **«é um nome que já está fora de causa»** para integrar a comissão técnica para o futebol profissinal do clube.

Pouco antes do início de uma reunião da direcção leonina, que decorreu no Estádio José Alvalade, apesar da ausência no estrangeiro, do presidente Jorge Gonçalves, Miguel Catela declarou **«não estar à espera de qualquer imposição»** no que se refere ao «caso Manuel José».

Após sublinhar que a Jorge Gonçalves cabe a superintendência em tudo que respeita ao futebol profissional, Miguel Catela referiu que apesar da indicação de Manuel José ter partido do novo presidente isso não deu à questão um carácter definitivo e decisório.

Na sua reunião em Alvalade, a nova direcção verde-e-branca debruçou-se sobre problemas financeiros e de organização do clube, bem assim como outros directamente ligados ao departamento de futebol.

Sobre esta última questão, talvez a de maior impacte público, de quantas os dirigentes sportinguistas terão de solucionar, Miguel Catela garantiu não estar prevista a abordagem de outros nomes para ocupar o cargo de treinador do Sporting. **«Mas temos de tomar rapidamente uma posição sobre o problema do treinador, porque isto está a arrastar-se demasiado e para nós há contratações e perspectiva no futebol nacional, que estão a ser prejudicadas por esse atraso»** – salientou.

Vitória de Setúbal pretende contrapartidas para saída de Maside

A transferência de Rui Maside do V. Setúbal para o Sporting ainda não se encontra formalizada, aguardando-se que Jorge Gonçalves informe Fernando Oliveira quais os dois elementos que estará disposto a ceder em troca. A reunião entre os dois presidentes ainda não se efectuou dado o facto do líder sportinguista se encontrar nos EUA.

Farense: regresso ao trabalho

Os futebolistas do Farense regressam hoje a S. Luís, onde serão submetidos a inspecções médicas. Quanto a reforços há a destacar os sportinguistas Tony Sealy e Silvinho e dos jovens benfiquistas Gonçalves, Resende e Eugénio e, enquanto José Augusto irá ao Brasil na tentativa de trazer um avançado, Fernando Barata espera que Jorge Gonçalves lhe ceda Germano e Morato.

Raul Águas elogia os árbitros

Os árbitros de futebol estão sujeitos a «muitas pressões» que partem dos clubes de maiores recursos e os obrigam a um condicionamento do seu trabalho em campo, afirmou em Faro, o treinador Raul Águas.

Aquele técnico, que se encontra em férias numa das praias do Algarve, na zona de Vila Real de Santo António, manifestou a opinião de que os árbitros portugueses são dos melhores do mundo mas ganham mal e têm poucas regalias.

Raul Águas, conhecido também por alguma «irreverência» e crítica polémica em relação aos árbitros, reconheceu que «a missão deles é muito difícil» devido ao sistema actual.

O actual técnico do Chaves defendeu para a arbitragem portuguesa melhores condições salariais e regalias, assim como uma permanente actualização e fiscalização do trabalho em campo.

«Compreendo e reconheço que os árbitros portugueses têm muitas dificuldades, mas gostaria também que eles me compreendessem quando algumas vezes me exalto», concluiu Raul Águas.

Salão: título para o GD Quintinha

O Grupo Desportivo Quintinha tornou-se campeão nacional de futebol de salão da I divisão ao averbar vitórias nas duas últimas jornadas da prova, disputadas no fim-de-semana.

O Quintinha, que bateu o Académicos por 7-3 e o Freixieiro por 6-4 nas derradeiras jornadas, terminou com um total de 24 pontos, seguido do Páteo, com 20 pontos, e do Freixieiro, com 18.

Arco-Íris (15 pontos), TCR (11), Crea (8), Académicos (8) e Santa Eulália (8) finalizaram nos lugares seguintes da geral.

Artistas também jogam

Organizado pelo Teatro ABC, realizou-se a 1.ª jornada do torneio de futebol salão entre artistas teatrais tendo-se registado os seguintes resultados: Teatro ABC, 2-«Os Gatos», 2 e Teatro Nacional, 7-Albinax, 0. A 2.ª ronda deste «apaixonante» torneio terá lugar no domingo no «palco» Magalhães de Lima, no típico bairro de Alfama.

Jorge Nuno Pinto da Costa usando da palavra durante a conferência de Imprensa promovida pelo FC Porto

Visão azul da "guerra"

O FC Porto contratou Rui Águas e Dito porque eles eram dois pesos mortos que não faziam falta ao Benfica — afirmou, ironicamente, Pinto da Costa em conferência de Imprensa.

O presidente portista disse não ser apologista da «guerra» Norte-Sul, mas justificou o conflito dizendo: **«não aceitamos que qualquer clube de Lisboa nos venha comer por provincianos.»**

O médio Nunes poderá ser outros dos benfiquistas a transferir-se para as Antas, estando o FC Porto em negociações com o Marítimo, clube que Pinto da Costa prometeu não prejudicar.

Na conferência de Imprensa, o presidente portista fez uma minuciosa resenha do caso Ademir, numa tentativa de provar que o Benfica foi o responsável pela ruptura do «acordo de cavalheiros» que perdurava há vinte anos.

«Há três anos ofereceram-nos o Carlos Manuel de graça, mas dadoo que o presidente do Benfica se recusou a ceder-nos, acabámos por não o contratar» — revelou Pinto da Costa para provar a sua conduta.

O líder portista confirmou que houve uma empresa suíça envolvida no negócio de Rui Águas e Dito, mas não divulgou o seu nome, **«para que os inteligentes de Lisboa não aprendam alguma coisa com os parolos do Porto».**

Pinto da Costa referiu-se ainda a uma conversa que teve com um sócio benfiquista que lhe afirmou que **«o novo treinador do Benfica iria ser o Papa, pois melhor do que ninguém sabe lidar com anjinhos...»**

Relativamente às notícias que têm vindo a público e que dão como certas as contratações dos brasileiros Branco e Edu, Pinto da Costa não as confirmou, limitando-se a dizer que esses «foram apenas dois dos duzentos jogadores oferecidos ao FC Porto».

Pinto da Costa historiou longamente os contactos (e acordos) estabelecimentos com o presidente do Vitória de Guimarães acerca de Ademir e, segundo a sua versão dos factos, considera que o Benfica surgiu a intrometer-se no negócio, provocando, com tal atitude, o rompimento das boas relações entre as duas colectividades. Gaspar Ramos é o principal visado pelo líder portista que não poupou elogios a Fernando Martins. Quanto a João Santos, manda-lhe um «recado»: **«aos insultos vamos responder com boa educação, porque uma virtude dos provincianos é serem bem educados».**

Bem, quanto a este tamanho imbróglio espera-se pelo prometido comunicado do Vitória de Guimarães e pelas reacções do Benfica às denúncias formuladas pelo presidente portista.

Nuno Bonneville revela o rumo do clube de Alcântara

Atlético: novos rumos

O Atlético Clube de Portugal promoveu ontem, uma reunião com os jornalistas que teve lugar no aprazível Páteo Alfacinha dos nossos amigos Vítor Seiço e José Eduardo e que contou com a presença de dezenas de adeptos da grande e muito prestigiosa colectividade alcantarense, dirigentes do Belenenses (Barcínio Pinto), Sporting (dr. Abrantes Mendes) e da Associação de Futebol de Lisboa (dr. João Rodrigues e Armando Carmezim).

O presidente da direcção (Orlando Jesus) delegou no «substituto» Nuno Bonneville o anúncio dos objectivos do novo executivo e este defendeu, como linha prioritária de actividade, a sensibilização da juventude da zona Santo Amaro/Alcântara para a prática desportiva e para isso o Atlético pretende alargar o seu parque. Nuno Bonneville aproveitou para enaltecer a acção dos vereadores drs. Vítor Gonçalves e Carlos Robalo no apoio que têm vindo a dar às colectividades.

Seguiram-se outros oradores. João Rodrigues (AFL), Fernando Cordeiro, (Belenenses), Abrantes Mendes (Sporting) e o antigo futebolista Baptista. Tema comum: «Atlético — uma colectividade que se deseja cada vz mais engrandecida e prestigiada.» É esse, também, o nosso voto.

SOVIÉTICO CAMPEÃO OLÍMPICO CHEFIA NOSSA PEDALADA

Fernando N. de Sousa
e Serviço Lusa/«Diário de Lisboa»

Aí está a classe dos ciclistas soviéticos apresentada em pleno: dois homens da URSS dominam o Troféu Joaquim Agostinho (Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras) após chegada da caravana a Vila Franca de Xira. A tirada teve início pelas 11 e 35 (em Torres Vedras) e abriu com 89 ciclistas em competição.

As primeiras escaramuças ocorreram aos 10 quilómetros (próximo de Silveira, onde residiu o infortunado Joaquim Agostinho): treze ciclistas fizeram uma tentativa de escapada, fugindo ao pelotão liderado por homens da Sicasal/Torreense e Louletano/Vale de Lobo. Os «aventureiros»: José Santiago e Manuel Zeferino (Boavista), Eduardo Correia e Jorge Silva (Sicasal/Torreense), Fernando Carvalho e José Ovando (Teka), Jacinto Paulinho e Paulo Ferreira (Louletano/Vale de Lobo), Manuel Grilo (Feirense/Ruquita), Jorge Corvo (Ginásio Clube de Tavira), Oleg Logvimol e Antonovich (Belarus/URSS) e Pedro Silva (Vigor/Lousa).

A avaria que carece de reparação urgente

Fernando Carvalho: uma cartada da Teka

Em Santa Cruz, este bloco tinha um minuto e 30 segundos de avanço sobre o pelotão, tempo que aumentaria para dois minutos em A dos Cunhados. No «prémio de montanha» de 3.ª categoria, a ordem de passagem foi a seguinte: 1.º José Santiago; 2.º Jacinto Paulinho, 3.º Antonovich.

Quando se passou em Campelo, a dianteira dos fugitivos era já de quatro minutos, ampliada para cinco ao km 53. No pelotão, os chefões da Sicasal/Torreense e Louletano/Vale de Lobo controlavam a marcha. Não deixando mais ninguém fugir. E, lá adiante, os treze «magníficos» iam prosseguindo na arrancada: oito minutos de avanço em Espinheira, treze em Óbidos. Aí, sacudiu-se o bloco de perseguidores, aumentando o ritmo da pedalada e, a 50 quilómetros da meta, a distância entre os fugitivos e os seguidores baixou para oito minutos e trinta segundos.

Perto do último risco branco (instalado em Vila Franca de Xira) quatro atletas do grupo em fuga adiantaram-se à companhia mais directa, ganhando cerca de cem metros aos parceiros. Os nomes: Jacinto Paulinho, Oleg Logvimol, Eduardo Correia e Fernando Carvalho. Atrás, «furava» a bicicleta de Pedro Silva (Vigor/Lousa) que vinha no lote de fugitivos e teve de efectuar uma louca cavalgada ao longo de dez quilómetros para fazer a junção aos companheiros.

Entretanto, aumentava o ritmo do andamento do pelotão mais extenso. Mas a meta em Vila Franca de Xira foi discutida ao «sprint» pelos treze fugitivos que, entretanto, tinham ficado agrupados. Ganharia Pedro Silva (Vigor/Lousa) em 3 horas 44 minutos e 6 segundos, logo seguido por Paulo Ferreira (Louletano/Vale de Lobo), Oleg Logvimol (Belarus/URSS), Manuel Grilo (Feirense/Ruquita), Jorge Silva (Sicasal/Torreense), Antonovich (Belarus/URSS), Fernando Carvalho (Teka), Jacinto Paulinho (Louletano/Vale de Lobo), António Alves (Boavista) e Jorge Corvo (Ginásio C. Tavira).

Com uma diferença de três minutos e 56 segundos chegou o grosso do pelotão, encabeçado por Paulo Pinto (Sicasal/Torreense). O controlo fecharia com 4 horas 15 minutos e 28 segundos.

No termo da etapa, Pedro Silva estava naturalmente alegre pelo seu triunfo:

— Tive sorte ao entrar na fuga. Não sei o que se passou no pelotão, acho que o Louletano e a Sicasal deveriam ter atacado mais cedo mas isso não me compete criticar, porque afinal o beneficiado fui eu. Tenho 21 anos e o meu objectivo neste Troféu Joaquim Agostinho é para já conquistar a camisola verde, da melhor classificação por pontos. Mas, para isso, é preciso ter sorte e que as pernas não me falhem.

Por seu lado, o novo «leader» o soviético Oleg Logvimol afirmaria:

— Pensava realmente ganhar a etapa e também conquistar a camisola amarela. Mas o que mais interessava logicamente era mesmo ficar à frente da classificação geral. Porém, o pior ainda está para aparecer. Conto defender este «jersey» até ao fim da corrida, sempre com o óptimo apoio dos colegas de equipa, onde existem outros valores igualmente capazes de conquistarem o Troféu Joaquim Agostinho.

Oleg Logvimol tem 29 anos e foi campeão olímpico, nos Jogos disputados em Moscovo. Foi ele quem arrancou

CLASSIFICAÇÃO

Na etapa: 1.º Pedro Silva (Vigor/Lousa), 3.44,06 (média de 39,892 km/h); 2.º Paulo Ferreira (Louletano/Vale do Lobo); 3.º Oleg Logvimol (URSS); 4.º Manuel Grilo (Feirense/Ruquita); 5.º Jorge Silva (Sicasal/Torreense); 6.º Antonovich (URSS); 7.º Fernando Carvalho (Teka); 8.º Jacinto Paulinho (Louletano/Vale do Lobo); 9.º Manuel Zeferino (Boavista); 10.º Jorge Corvo (Ginásio de Tavira/Stand Custódio), todos com o mesmo tempo do vencedor. Desistiu: Valdemar Moninhas (Vigor/Lousa).

Geral individual: 1.º Oleg Logvimol (Belarus/URSS), 10.49,33; 2.º Antonovich (Belarus/URSS), a 7s; 3.º Jacinto Paulinho (Louletano/Vale do Lobo), a 13s; 4.º Manuel Zeferino (Boavista), a 41s; 5.º Eduardo Correia (Sicasal/Torreense), a 51s; 6.º José Ovando (Teka), a 1m; 7.º Fernando Carvalho (Teka), a 1m 1s; 8.º Jorge Silva (Sicasal/Torreense), 1.37; 9.º José Santiago (Boavista), a 1.42; 10.º Joaquim Gomes (Louletano/Vale do Lobo), a 3.21.

Geral equipas: 1.ª Louletano/Vale do Lobo, 32.32,09; 2.ª Teka, 32.33,21; 3.ª Sicasal/Torreense, 32.33,23; 4.ª Belarus/URSS, 32.33,40; 5.ª Boavista, 32.34,38; 6.ª Feirense/Ruquita, 32.39,34; 7.ª Vigor/Lousa, 32.42,08; 8.ª Sangalhos, 32.44,04; 9.ª Selecção da Polónia, 32.44,59; 10.ª Centro Ciclismo Loulé, 32.46,15.

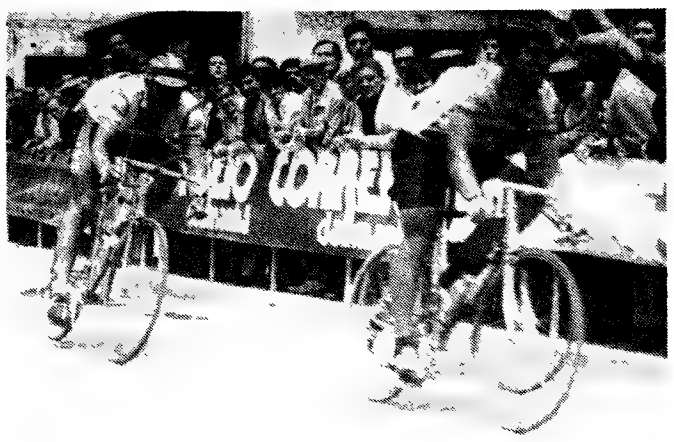
Líderes das restantes classificações:

- Volantes: 1 (94) Pedro Silva (Vigor/Lousa) — 5 pontos; 2 (83) Antonovich (Belarus/URSS) — 3 pontos; 3 (34) João Cerol (Ginásio Club Tavira) — 3 pontos.
- Montanha: 1 (23) Joaquim Gomes (Louletano/Vale do Lobo) — 10 pontos; 2 (101) José Santiago (Boavista) — 6 pontos; 3 (56) Peter Hilse (Teka) — 6 pontos.
- Pontos quentes: 1 (11) Paulo Pinto (Sicasal/Torreense) — 6 pontos; 2 (28) Paulo Ferreira (Louletano/Vale do Lobo) — 5 pontos; 3 (83) Antonovich (Belarus/URSS) — 4 pontos.
- Pontos: 1 (81) Oleg Logvimol (Belarus/URSS) — 15 pontos; 2 (84) Igor Novikov (Belarus/URSS) — 11 pontos; 3 (56) Peter Hilse (Teka) — 10 pontos.
- Juventude: 1 (8) Jorge Silva (Sicasal/Torreense); 2 (101) José Santiago (Boavista); 3 (11) Paulo Pinto (Sicasal/Torreense).

HORTÍCOLA DO OESTE
DE RAUL P. DUARTE
PRODUTOS P/HORTICULTURA
EM ABRIGO (ESTUFAS)
• AGROQUÍMICOS
• SEMENTES
• ADUBOS
• PLÁSTICOS INDOFIL
• REGA GOTA A GOTA
— TECIDO RAFIA
QUIMIPLÁS — PRECINTA
— QUEBRA VENTOS
TELEF. 97392 - TELEX 13501 - HORTIC P — SECARIAS — SILVEIRA

PAVITORRES
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E TINTAS, LDA.
DISTRIBUIDOR tintas VACOR
cozinhas Sintra
Sede, Exposição e Vendas
Avenida General Humberto Delgado 45-D
(frente ao terminal da Rodoviária Nacional)
Telef. 2 48 82
Armazém – Quinta do Salgueiral
Telef. 2 26 43
2560 TORRES VEDRAS

ferragens Bacalhau
• SOCIEDADE DE FERRAGENS E FERRAMENTAS, LDA
PARAFUSOS • ELECTRODOS
FERRAMENTAS • MÁQUINAS MANUAIS E ELÉCTRICAS
TUDO EM FERRAMENTAS
Av.ª General Humberto Delgado, 20C - 20D - 22B R/C
Telefone 24 932
2560 TORRES VEDRAS



O último «sprint» para Vila Franca de Xira

Oleg Logvimol já com a camisola amarela, que lhe foi envergada pelo vereador torriense Francisco, Manuel Fernandes

Pódio em Vila Franca de Xira

LOULETANO/VALE DE LOBO: EQUIPA NO PÓDIO

hoje, para a etapa Azambuja-Benavente (217 quilómetros) com a «amarela» no tronco. A corrida decorre à hora em que encerramos esta edição do «DL», devendo a meta ser atingida cerca das 15 e 26.

Na etapa de ontem desistiu o dorsal 99: Valdemar Moninhas (Vigor/Lousa).

Uma nota aborrecida: o enfermeiro Duarte, que participava na marcha cicloturística de homenagem a Joaquim Agostinho, sofreu uma aparatosa queda, de que resultou traumatismo craniano, estando internado no Hospital de S. José (Lisboa). Toda a caravana faz votos pelo seu pronto restabelecimento.

Pedro Silva (Vigor/Lousa) triunfante na meta em Vila Franca de Xira

Joaquim Gomes já foi «camisola amarela»

Holandês domina o "tour"

O holandês Teun Van Vliet, beneficiando da vitória da Panasonic no contra-relógio por equipas, arrebatou a camisola amarela ao canadiano Steve Bauer, na Volta à França, após a segunda etapa da prova.

A Panasonic venceu o contra-relógio por equipas (na distância de 48 quilómetros) com o tempo de 55 minutos e 31 segundos, conseguindo uma média de 51,876 quilómetros-hora.

A equipa do canadiano Steve Bauer (que detinha a camisola amarela, após a etapa da manhã de ontem), terminou na 2.ª posição, com 55 minutos e 55 segundos, logo seguida da Hitachi-Bosal-BCE, com 56.07 minutos.

«Estou muito satisfeito por conseguir esta proeza para a minha equipa» — comentou Van Vliet no final da tirada, mostrando-se esperançado que os seus colegas o ajudem a conservar à liderança da prova.

Van Vliet, que esteve muito tempo inactivo, devido a uma lesão nas costas, pretende conservar a camisola amarela pelo menos até ao termo da terceira etapa, que se disputa hoje entre Nantes e Le Mans, na distância de 213,5 quilómetros.

Um dos grandes favoritos à partida do «Tour», o francês Laurent Fignon, vencedor das edições de 1983 e 1984, perdeu cerca de um minuto e meio na etapa disputada (por equipas) dando mostras de não estar no seu melhor momento de forma.

Bauer estava desolado no final da etapa, comentando: **«Estou muito desapontado. É sempre triste perder a camisola amarela quando se acabou de a conquistar poucas horas antes».**

A classificação dos 10 primeiros, é a seguinte: 1.º Teun Van Vliet (Holanda), 3:11.59 horas; 2.º Eric Vanderaerden (Bélgica), a 14 segundos; 3.º Henk Lubberding (Holanda), mesmo tempo; 4.º Eric Breukink (Holanda), m.t.; 5.º Guy Nulens (Bélgica), m.t.; 6.º Peter Winner (Holanda), m.t.; 7.º Eric Van Lacker (Bélgica), m.t.; 8.º Theo de Rooy (Holanda), m.t.; 9.º Steve Bauer (Canadá), a 24 segundos e 10.º Frederic Vichot (França), a 38 segundos.

A equipa de Acácio da Silva (KAS) perdeu um minuto e nove segundos para a vencedora (Panasonic)

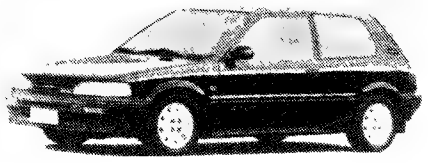
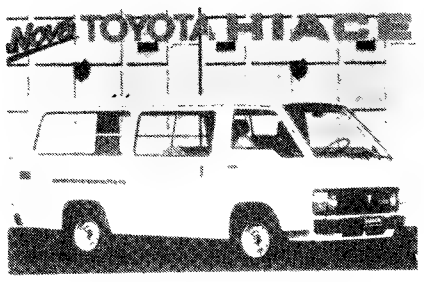
Acácio da Silva pretendido na Colômbia

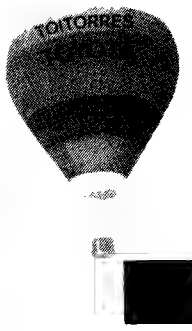
Nota frisante: Acácio da Silva é pretendido pela equipa Café Colômbia para a próxima temporada — revela hoje o jornal espanhol «Marca». Luis Herrera, o melhor ciclista colombiano da actualidade e chefe de equipa do Café Colômbia, tem como meta um único objectivo: ganhar a Volta à França, mas para isso terá de contar com uma equipa que lhe ofereça as maiores garantidas. Acácio da Silva (KAS) e o holandês Mateo Hermans são os dois primeiros nomes com fortes possibilidades de ingressarem na equipa colombiana para o próximo ano, de acordo com a informação hoje publicada na «Marca». A firma colombiana está disposta a pagar tudo quanto seja necessário para dar a Luis Herrera a possibilidade de ganhar o Tour.

O carro em que o nosso jornal se transporta, no Troféu Joaquim Agostinho, foi gentilmente cedido ao "DL", ao nosso prezado colega "A Capital" e para o repórter fotográfico Óscar Saraiva (do companheiro "Gazeta dos Desportos") pelo Stand Fonsêat (Torres Vedras). Aqui vemos o nosso colaborador desportivo Fernando Neves de Sousa junto ao Seat-Ibiza OJ-80-88, que tem tido magnífico andamento

Banix
BMW
HONDA
pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

Banix
BMW
HONDA
pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

COROLLA





Telefones: 25171/2/3/4 - 25646 - 24288
Estrada Nacional N.º 8, Km 43,9
EDIFÍCIO TOITORRES
Apartado 64
2561 TORRES VEDRAS Codex

TOITORRES
O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE
TOYOTA
uma FORÇA para o FUTURO

TOITORRES novas instalações novos espaços novos serviços

TOITORRES um projecto para a EUROPA

Aí está o "Xira Cup-88"

Vila Franca: capital do andebol

«Xira Cup/88» promete ser um êxito em toda a linha. Promete ser e, segundo os seus principais responsáveis — que contam com todo o apoio dos amigos da Comunicação Social —, será mesmo. Pela esperança, em tal falam, se outros atributos não houvesse nesta prova, as 94 equipas que nela participam. Um problema se põe: onde alojar milhar e meio, no mínimo, de pessoas?

«Não sabemos ainda, lá muito bem, como é que isso será, tanto mais que, à última hora, nos puseram alguns problemas, nas escolas primárias da cidade Mas estasmos em crer que os entraves levantados serão, com bom senso, ultrapassados», disse o principal responsável pela iniciativa, José Casimiro, vice-presidente da União Desportiva Vilafranquense (UDV) para as actividades amadoras.

Vila Franca vive já a sua prova anual de andebol. Depois do «Colete Encarnado», no último fim-de-semana, é a grande atracção desta cidade de mais de 25 mil habitantes, sede de um concelho que há muito ultrapassou os cem mil, apostando na prática desportiva (amadora) e no turismo. Porque, quanto a fundamentos industriais e desenvolvimento económico, os impostos que a Repartição de Finanças recebe vão para cima das marcas que se possam imaginar.

São 34 as equipas estrangeiras que este ano participam, entre 19 e 23 deste mês, na VI edição da Xira Cup-Torneio Internacional de Andebol de Vila Franca de Xira, prova que se vem impondo com o tempo e hoje «faz parte, já, dos calendários internacionais», diz-nos José Casimiro».

Ele explica: **«Há equipas que saem para Itália e apontam para a Madeira, pensando em Vila Franca de Xira. Aliás, se não tivéssemos «cortado», de acordo com o regulamento e as indicações dadas, as inscrições, teríamos, neste momento, muito mais equipas, com todos os riscos que isso comportaria quanto a alojamento e ordenação dos jogos», acrescentou aquele dirigente ao «DL».**

«Xira Cup/88» será apresentada amanha **, aos jornalistas, na Casa do Ribatejo, em Lisboa, a partir das 19 e 30 horas, encontro que a organização promove pela forma — segundo um comunicado da UDV — «a Comunicação Social tem acompanhado, de uma maneira geral, esta iniciativa».**

Porque, como também se refere no mesmo texto, «há muito que está esgotado o número de participantes». Daí que, segundo José Casimiro e o presidente do Vilafranquense, José Mário Cerejo, se trate de uma reunião, em parte, de cortesia. Mas só em parte, uma vez que, durante a conferência de Imprensa, serão indicados os nomes das equipas participantes, num total de 94, sobre as quais haverá natural curiosidade. Em especial em torno das estrangeiras.

Pode dizer-se que, além de Espanha, Itália, Bélgica, França e Tunísia, haverá representações da Coreia do Sul (a grande atracção do torneio), República Popular de Angola, República Popular de Moçambique, RFA (com cinco equipas), Suécia e Dinamarca, este país com mais de dezena e meia de equipas, em várias categorias — desde iniciados a juniores.

Note-se que suecos e dinamarqueses gozam de bom cartel em Portugal e em Vila Franca, uma vez que têm vencido várias provas, algumas delas mais publicitadas que a Xira Cup, muito embora não reúnam os mesmos atractivos nem tenham a mesma envergadura. **«O Torneio Internacional de Andebol** — diz-nos José Casimiro — **está implantado extrafronteiras, faz parte do calendário europeu dos clubes, mas, infelizmente, não conta com devido apoio, penso eu, de alguns meios da Comunicação Social. Gostaria de saber a razão ou razões que preponderam e influenciam tal critério»**, ajuntou.

Está dito: Xira Cup-88 espera todos desde o amante e o praticante ao profissional da comunicação, no qual, obviamente, se inclui quem tece a teia da informação desportiva da RTP. É elucidativo este convite do UDV, nesse aspecto: «Contamos com a presença, em força, da Comunicação Social, na conferência de Imprensa de quarta-feira e no torneio, com a promessa de que este é um dos poucos pedidos que lhe fazemos. Venha conversar connosco, saborear um pitéu ribatejano que ficaria bem em qualquer parte do mundo, pois temos muito que lhe(s) dizer».

Júlio Rodrigues

Hoje, em Estocolmo

Gémeos Castro correm a légua

Domingos e Dionísio Castro e os italianos Alberto Cova, Stefano Mei e Francesco Panetta lideram o lote de corredores que hoje vai alinhar na légua de luxo de «meeting» de Estocolmo em atletismo, pontuável para o Grande Prémio.

Domingos e Dionísio, que na passada quanta-feira participaram no «meeting» de Helsínquia, voltam de novo à competição em confronto com os melhores valores num dos mais conceituados encontros mundiais.

O «DN Gala» de Estocolmo, onde há quatro anos Fernando Mamede bateu o recorde mundial do 10 000 metros.

TÉNIS: QUATRO GRANDES DE WIMBLEDON VÃO ESTAR NA "OPORTO CUP/SOGRAPE"

A poucos dias do seu início, Oporto Cup/Sogrape tem já os contornos competitivos perfeitamente definidos. E ao invés do que pressagiaram alguns profetas profissionais da nossa praça tenística, o quadro oficial de participantes é de qualidade mais que suficiente para assegurar a continuidade, a nível elevado, do já famoso torneio portuense.

Michiel Schapers (a cabeça coroada do ténis holandês) é, naturalmente, e como foi antecipadamente anunciado pela organização, o n.º 1 dos 24 tenistas com acesso directo à ronda de abertura do quadro principal, constituído (obrigatoriamente) por 32 jogadores. O campeão holandês, líder da sua equipa na Taça Davis, tem feito este ano resultados brilhantíssimos, e o seu lugar actual (n.º 42, no «ranking» mundial) não corresponde à realidade da sua excelente forma. Depois de um brilharete em Roland Garros, em Wimbledon fez suar o campeoníssimo Lendl, obrigando-o a uma «negra» espectacular. E, para quem tem a memória curta, aqui ficam os resultados desse belo encontro, que fez vibrar intensamente o fleumático público britânico: 7-6 (9-7); 6-8 (2-7); 4-6; 7-5 e 3-6. Recorde-se (ainda) que Michiel Schapers é um velho conhecido do público portuense: bem pode dizer-se que foi nos «courts» do Lawn Ténis da Foz, há uma boa meia dúzia de anos, que esse «gigante» louro ganhou as esporas internacionais, vencendo um «open» do circuito satélite que João Lagos lançara, na época, e que tão bons frutos deu. Oficialmente, Schapers é o n.º 1 da prova, sem que isso signifique que esse lugar lhe estivesse de antemão reservado. Em devido tempo, a organização (que pauta a sua conduta por interesses desportivos e turísticos: a promoção do ténis portuense e da cidade do Porto são o objectivo fundamental) tentou nos meios internacionais, assegurar a presença de mais duas vedetas. Sejamos justos: não enganou ninguém, não vendeu gato por lebre. Corajamente, diligenciou, fez toda a «forcinha» possível no complexo mundo da «raquete» para fazer jogar no Porto mais duas «estrelas» de «Grand Prix». Tudo isso, com a plena consciência de que esse esforço seria meramente complementar. E porquê? Porque o êxito do torneio tem sido construído ano após ano, pelos jovens «lobos» que vêm aos «courts» do Clube de Ténis do Porto conquistar o passaporte para a fama e para a fortuna. A título de exemplo citamos Bergstron, o sueco vencedor da edição/87, subiu vertiginosamente na escala de valores e hoje é o 94.º do «ranking»; Mark Woodforde (que foi eliminado nos 1/4 de final por Cancellotti) igualmente fez furor em Wimbledon/88, ocupando a 56.ª posição, antes de somar os pontos correspondentes ao brilharete de resistir a Lendl (recorde-se que o checo só tiunfaria ao cabo de quatro horas, tendo salvo um «match-point» quando o australiano vencia por 7-6 no «tie-break» do último e decisivo jogo, que o n.º 1 no Mundo venceria pro 10-8, não ganhando para o susto). Continuando a citar nomes que foram revelação do Oporto Cup/87, refira-se que Alexander Volkov (presentemente 66.º ATP) teve de disputar o «qualifying» e ficou pelo caminho. Nem sequer entrou no quadro principal!

Por esta amostra se vê que o Oporto / Cup quase prescindiria de nomes muito sonantes para se manter no «top» nacional. O torneio constitui (inegável e irrefutavelmente) um «viveiro» do ténis mundial. Os resultados provam-no, mas, mais do que isso, importa salientar o testemunho inequívoco do número de inscrições vindas de toda a parte do Mundo. Exacto! nada mais nada menos do que 136 tenistas: 22 deles no quadro principal (determinado pela ATP) e que fecha com Frank Denhardt, classificado em 302.º lugar.

Aparentemente, o «challenge» portuense terá sido altamente desfavorecido pela data, já que de modo algum podia concorrer (em cabeças de cartaz) com os «Grand Prix» que se disputam no mesmo período, entre 10 e 17 de Julho. Ainda por cima, o Mercedes Cup (Estugarda) monopolizou tudo quanto é vedeta. O quadro é encimado por Yannik Noah (8.º ATP), Kent Carlsson (9.º), Andre Agassi (11.º) e encerra com o argentino Franco Davin (82.º). Além do elevado «prize-money» (cerca de 300 mil dólares), o vencedor ainda terá, como prémio especial, um «Mercedes» de luxo, último modelo... E em Bastad (Suécia) o Swedish Open ficou com parte da boa prata da casa que é (como se sabe) ouro de lei no mercado tenístico. A título de curiosidade, revela-se que Nystrom (23.º ATP) é o cabeça de série n.º 1, seguindo-se os também suecos Michael Pernfors (24.º), Magnus Gustafsson (47.º), fechando com Johan Anderson (159.º ATP).

Comprova-se (assim) que, à partida, o quadro oficial da Oporto Cup/Open Sograpе não é tão mau como o pintaram alguns especialistas, até porque competições do seu nível, já com prestígio firmado, tiveram de contentar-se com um leque de jogadores classificativamente muito inferior. O «Open» de Tampere (na Finlândia) abre com Christer Allgardh (157.º ATP), seguindo-se Massimo Cierro (186.º) e terminando com Marco Flilippeschi (324.º). Em S. Paulo, a famosa prova «Rainha Classic» não tem muito melhor: Luiz Mattar, o n.º 1 brasileiro e 39.º ATP, é, naturalmente, o cabeça de série principal, logo seguido por Cassio Motta (115.º) e José Daher (146.º). O último da lista oficial é Hugo Chapaly, classificado no 401.º lugar. Assim, apenas por má-fé se poderá insinuar que o quadro principal da prova portuense é inferior ao previsto devido ao «provincianismo e desconhecimento» dos responsáveis da organização.

Por uma questão de elementar justiça, importa salientar que o Oporto Cup dispõe do melhor «staff» técnico nacional, com ligações aos organismos internacionais. Se assim não fosse, era impossível trazer à Cidade Invicta conceituados dirigentes e «managers», tais como o inglês Paul Svehlik (administrador europeu do Men's Tennis Council) e Erik Bergelin, o «patrão» das vedetas suecas, entre elas o célebre Edberg, e conselheiro técnico da prova portuense. Também presente o sueco Lennart Bergelin, o homem que positivamente «fabricou» o lendário Bjorn Borg, que vai realizar durante o Oporto Cup/Open Sograpе — uma «clínica» (aula prática) dedicada aos mais jovens.

Reconhecido além-fronteiras o empenho e a qualidade promocional da Oporto Cup, impõe-se (desde já) uma nova dinâmica da equipa de patrocinadores, liderada pela Sograpе. Com mais um «andamento», a Oporto Cup poderá chegar muito mais longe na próxima época, impondo-se definitivamente como «challenge» de cinco estrelas ou «Grand Prix».

Voltando às raquetes que vêm aí, diremos que os três primeiros do quadro são homens que deram cartas em Wilbledon. A seguir a Shapers, temos Andrew Castle (91.º ATP e n.º 2 de Inglaterra) e Andrei Olkhovski (151.º ATP e n.º 3 da União Soviética) que se bateu brilhantemente contra Pat Cash nos oitavos de final (6-3; 6-3; 6-3). A «fúria» espanhola também estará presente, e em força: além de Juan Aguillera (168.º ATP, mas que foi, há 4 anos, o 7.º) teremos Jorge Bardou e Jesus Colas, finalista do «open» de Portugal de 1987.

Como é natural, a entrada directa de Nuno Marques e de Cuhna e Silva (os nossos dois «mosqueteiros») não será novidade, dada a elevada cotação que já atingiram. O terceiro «mosqueteiro» afinal será Marco Seruca, que entrará com o «wild card» da organização, que tem reservado igual convite para o n.º 1 inglês e 68.º do «ranking» Jeremy Bates, que igualmente brilhou, este ano, em Wmbledon. Em princípio, Bates não deverá faltar à chamada, embora o seu técnico (por razões desconhecidas da organização) tenha manifestado uma certa indisponibilidade para a deslocação ao Porto. Um breve relance pela lista dos principais candidatos permite ainda constatar a presença de Hans Bautel («carrasco» de Cunha e Silva na edição transacta), Van Bocakel (n.º 2 da Holanda), Alexander Zverev (n.º 4 da União Soviética) que faz deslocar uma selecção com dois técnicos), Srinivasan Vasudevan, componente da selecção da Índia que se bateu com a Suécia no final da Taça Davis/87) e Antony Emerson, filho do famosíssimo e inesquecível Roy Emerson, o australiano que dominou na década de 60, com relevo para os seus triunfos em Wimbledon e em finais da Taça Davis.

A escassos dias da abertura da 3.ª edição é este o ponto da situação da Oporto Cup, que já faz mexer meio mundo nas instalações do Clube de Ténis do Porto, a passar por retoques decorativos imprescindíveis, e onde a azáfama é já grande, principalmente na vizinhança do renovado «court» central.

Edberg vence em Wimbledon

O tenista sueco Stefan Edberg fez voltar a imagem do seu compatriota Bjorn Borg ao «court» central de Wimbledon, ao derrotar Boris Becker na final do torneio, ontem concluída devido a chuva. Edberg venceu o antigo campeão (4-6, 7-6, 6-4 e 6-2) baseando o seu jogo em «volleys» e numa cobertura do campo que teriam deixado Borg orgulhoso, dando à Suécia o primeiro triunfo no torneio desde 1980, ano em que Borg ganhou a prova pela 5.ª vez consecutiva.

Durante a apresentação à Imprensa da Taça Sport Goofy, que conta para o Troféu Nabisco

Sport Goofy: mau tempo

A chuva persistente que caiu durante toda a manhã de ontem atrasou o início da primeira jornada de mais uma edição da Taça Sport Goofy (campeonato nacional de iniciados e infantis de ténis) que decorre no Estádio Nacional. A competição movimenta 175 jogadores do continente e ilhas, apurados nas fases locais e regionais e, dadas as precárias condições meteorológicas, a organização optou apenas pela realização da primeira eliminatória de infantis/rapazes. Não se verificaram surpresas nos resultados das partidas efectuadas, registando-se o apuramento dos principais cabeças de série. Hoje, terão lugar os primeiros encontros das provas de infantis/raparigas e iniciados/raparigas, além de prosseguirem as eliminatórias de infantis/ rapazes.

HÁ 20 ANOS

Rendição sem incidentes de dois baluartes dos estudantes de Paris

Dois dos últimos baluartes parisienses da revolta dos estudantes universitários renderam-se, esta manhã, sem incidentes — a Faculdade de Ciências, perto do Sena e o Centre Censier, dependente da Sorbonne.

Pela madrugada, a Polícia cercou os dois edifícios e deu ordem de prisão aos ocupantes: uns 50 na Faculdade de Ciências e perto de cem no Centre.

Assim, dois meses depois do início da «revolta da Academia» e da ocupação pelos estudantes universitários de quase todos os centros do ensino superior, a nova Faculdade de Medicina, no bairro de St. Germain-des-Près, é o único centro que se encontra ainda nas mãos dos estudantes parisienses. Todos os outros locais «ocupados» foram «despejados», uns a seguir aos outros, pelas forças da ordem.

E, se o despejo da Sorbonne, em Junho, deu ocasião a incidentes violentos e a manifestações no Quartier Latin, as duas operações de hoje decorreram com ordem.

Crescente vigilância russa das bases navais dos Estados Unidos

As autoridades norte-americanas estão cada vez mais preocupadas com a crescente vigilância russa das bases navais de que dispõem em Espanha e noutros pontos do Globo.

Nos círculos da Armada norte-americana da grande base de submarinos «Polaris» de Rota, perto de Cádiz, embora se mantenha segredo oficial, já se manifestou particularmente a maior apreensão, devido a dois incidentes recentes, com submarinos nucleares norte-americanos.

A base de Rota, com quase oitenta quilómetros quadrados de superfície, é considerada a maior da Europa e a mais importante posição-chave dos Estados Unidos no Atlântico e no Mediterrâneo.

Nasser em Moscovo

O presidente Nasser iniciou hoje as suas trocas de impressões oficiais com três membros do governo soviético, no Kremlin, ao mesmo tempo que surgem indícios cada vez maiores de uma nova e importante iniciativa para acabar com a crise do Médio Oriente.

Nasser avistou-se hoje com o chefe do Partido Comunista da URSS, Leonid Brejnev, o primeiro-ministro Alexei Kossyguine e o presidente Podgorny.

EFEMÉRIDES

1556 Henrique II, rei de França, retoma a guerra contra os Habsburgos em Itália.

1682 A czariana Sofia torna-se regente da Rússia na sequência da morte do czar Feodoro.

1796 Forças britânicas tomam a ilha de Elba.

1811 A Venezuela torna-se a primeira nação sul-africana a declarar-se indenpente da Espanha.

1830 Forças francesas inciam a invasão de Argélia, capturando a cidade de Argel.

1852 Em Portugal, Setembristas e Cartistas moderados, unidos contra a ditadura de Costa Cabral, introduzem o primeiro acto adicional à Carta Constitucional.

1932 Em Portugal, toma posse o primeiro Governo chefiado por Salazar.

1943 Com a batalha de Kursk, inicia-se a ofensiva alemã na Frente russa, durante a Segunda Guerra Mundial.

1969 Tom Mboya, comissário queniano do Planeamento Economico e provável sucessor do presidente Jomo Kenyatta, é assassinado em Nairobi.

1973 Na Ruanda, pequeno país da África Central, o Governo é derrubado por um golpe militar.

1975 O arquipélago de Cabo Verde ascende à independência, ao cabo de 500 anos de domínio português.

1977 O exército paquistanês, num golpe sem derramento de sangue, derruba o primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhutto.

1983 A Reserva Ecologica Nacional (REN) é criada por decreto-lei publicado no «Diário da República».

1984 O antigo ministro soviético dos negócios estrangeiros Yacheslav Molotov é readmitido no Partido Comunista soviético com a idade de 94 anos, duas decadas depois de ter sido afastado do poder (na sequência de uma tentativa frustrada para derrubar Nikita Krutschev).

1985 Tropas da Guiné-Conackri leais ao Governo abortam uma tentativa de golpe de Estado liderada por Diarra Traore, antigo-primeiro-ministro.

1986 A mulher do presidente norte-americano, Nancy Reagan, reabre a estatua de liberdade ao público, depois de dois anos de obras de renovação.

1987 O presidente egipcio, Hosni Mubarak, é nomeado, pelo grupo Parlamentar do seu partido, para um segundo mandato de seis anos.

EM PORTUGAL

	Max.	Min.	Prec	As 13 h.
Bragança	10	10	0,0	M. nub.
V. Castelo	15	15	0,0	Chuva
Vila Real	12	12	0,0	M. nub.
Porto	14	14	0,0	Aguac.
Coimbra	13	13	0,0	M. nub.
C. Carvoeiro	17	14	0,0	M. nub.
C. Branco	11	10	0,0	Neblina
Portalegre	11	10	0,0	Neblina
Lisboa	14	14	0,0	P. nub.
Évora	12	12	0,0	Neblina
Beja	13	12	0,0	Neblina
Faro	15	15	0,0	M. nub.
Sagres	15	15	0,0	P. nub.
P. Delgada	16	16	0,0	M. nub.
Funchal	17	17	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 21, Porto 18, Faro 23, Ponta Delgada 20, Funchal 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

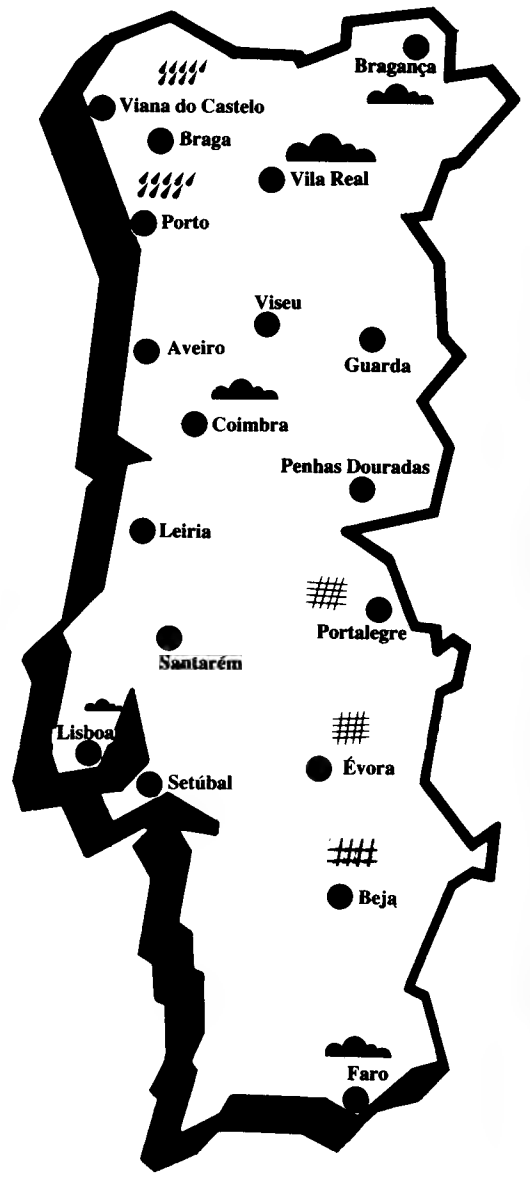
	Max.	Min	As 18 h.
Madrid	10	10	Pouco nub.
Londres	13	12	Bruma
Paris	14	13	Chuva
Bruxelas	14	14	Chuva
Amesterdao	15	12	Chuva
Genebra	14	10	Muito nub.
Roma	24	20	Muito nub.
Oslo	16	15	Neblina
Copenhaga	19	16	Muito nub.
Estocolmo	20	16	Pouco nub.
Berlim	18	14	Muito nub.
Viena	20	16	Muito nub.
Varsovia	21	12	Pouco nub.
Atenas	31	25	Limpo
Moscovo	24	18	Muito nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	19	26	Nublado
Joanesburgo	6	17	Limpo
Los Angeles	18	26	Limpo
Montreal	15	26	Nublado
Nova Deli	26	38	Nublado
Nova Iorque	16	31	Limpo
R. de Janeiro	17	31	Limpo
S. Francisco	11	17	Nublado
Sao Paulo	–	–	—
Toquio	17	27	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

Regiões do Norte: Céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste. Aguaceiros.

Estado do mar: Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de três metros.

Regiões do Centro: Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco de sudoeste e aguaceiros fracos.

Estado do mar: Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de dois a três metros.

Regiões do Sul: Céu geralmente pouco nublado. Vento em geral fraco.

Estado do mar: Mar encrespado com ondulação noroeste de dois metros na costa Ocidental e ondulação sudoeste de um metro na costa Sul.

Açores:

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte.

Grupos Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte, soprando por vezes com rajadas.

Estado do mar: Mar cavado. Ondulação de norte de dois a três metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de norte.

Estado do mar: Costa Norte: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

AMANHÃ

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado, nas regiões do Norte onde ocorrerão aguaceiros fracos. Vento em geral fraco e neblina ou nevoeiro matinal.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de noroeste.

MARÉS

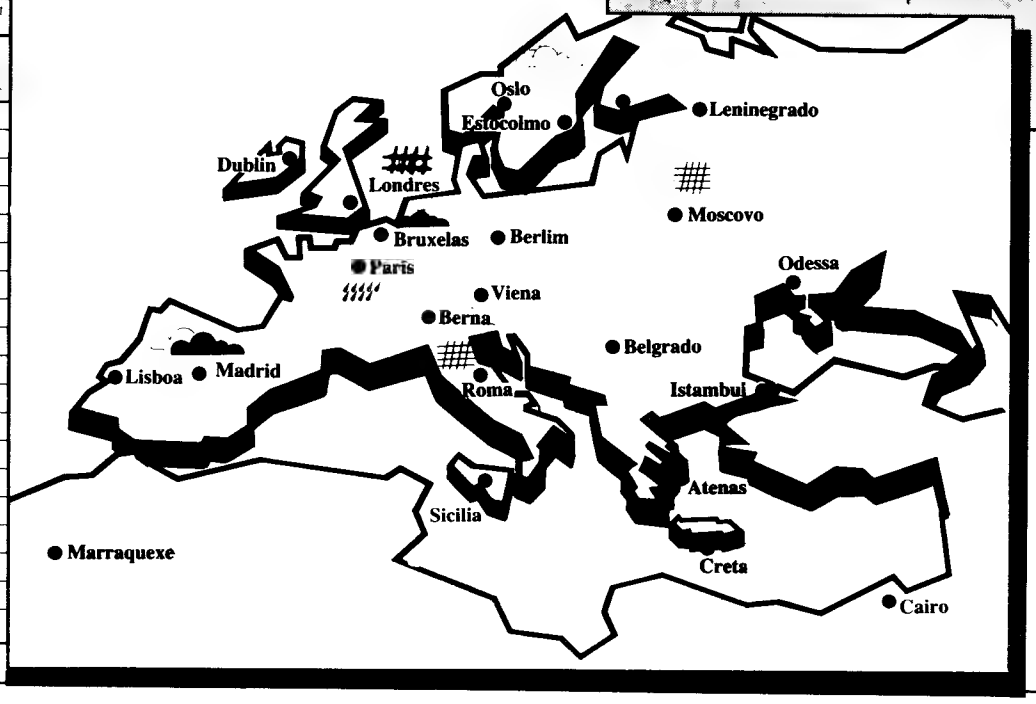
Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
05.53	3,8 m	11.22	0,9 m
18.08	4,1 m	23.57	0,7 m

Amanhã

06.39	3,8 m	11.10	1,0 m
18.54	4,1 m	00.47	0,8 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



Vencedores num concurso contestado

K4 Quadrado Azul e Duplex Longa são os novos valores da música moderna

Os dois grupos musicais portugueses «escolhidos» como as grandes novidades do momento são os K4 Quadrado Azul e os Duplex Longa, o primeiro com um estilo claramente filiado no pós-punk, o outro encadeando referências tradicionais e clássicas numa linguagem rock. Foi sob uma insistente chuva, que molhou os poucos interessados que assistiram no Parque da Cidade de Viseu, no passado fim-de-semana, ao concurso de novos valores de música moderna portuguesa organizado pelo Gabinete do ministro da Juventude e a Secretaria de Estado da Cultura: uma iniciativa mal publicitada e que teve alguns acidentes de percurso.

O terceiro prémio e aquele que seria concedido pela melhor composição não foram entregues, em consequência da consideração feita pelo júri de que entre as restantes bandas concorrentes (cinco num total de oito seleccionadas, tendo desistido uma) «não existiam novos valores e nem valores sequer». António Sérgio, da Rádio Comercial («Som da Frente»), o crítico João Lisboa e José Arimateia, de Viseu, estão a ser contestados pela maior parte dos agrupamentos.

António Sérgio, afiançaram-nos, «não assistiu à maior parte dos concertos», estando a Hipolab, responsável pelo «management» de três dos concorrentes, os Morituri, os Agitação Clandestina e os Cândida Euforia, disposta a contestar formalmente a má organização do festival e as ocorrências que se foram verificando.

Um dos grupos que tocou, o de Elsa Bruxelas, era formado por músicos profissionais, o que a organização do concurso permitiu, para desagrado geral e contra os regulamentos.

Principalmente criticado, apurámos junto de uma das bandas, foi o facto de durante as intervenções musicais de sábado se ter utilizado um sistema de som deficiente e que colocou em pé de desigualdade os intervenientes nessa primeira sessão com os que tocaram no domingo, servidos com o PA dos UHF. Vítimas da diferença de tratamentos foram os Duplex Longa, que se sentiram prejudicados em relação aos primeiros vencedores devido aos problemas acústicos.

FERNANDO PINTO COELHO
Na posição do antropologista

Lourdes Feria

Das muitas maneiras de pintar, das diferentes propostas criativas, a de Fernando Pinto Coelho é uma delas. Por uma questão de comodidade coloquemos-lhe o rótulo de hiper-realista, coisa que ele, de resto, não aceita pacificamente, «Julgo estar interessado no contrário disso.» Pois bem: para apaziguarmos o artista, chamemos-lhe «enganosamente hiper-realista». E pronto, em matéria de concessões, não cedemos nem mais um milímetro. Ou, então, diremos que recria a realidade, transfigurando-a através do exarcebamento.

Fernando Pinto Coelho

Mas não será o mesmo?

Como definir a sua última exposição, e que esteve patente, em fins de Maio, na sala **Atlântica** de galeria **Nasoni?** Flores gigantescas, jarros e rosas, misteriosamente perturbantes. «**Não foi a primeira vez que abordei o tema das flores, só que estas são enormes... cresceram imenso.**» De qualquer modo, os seus quadros não exigem grande esforço de compreensão, produzem impacto logo ao primeiro olhar. Trata-se de algo evidente, de uma energia vital que se torna contundente depois de demorada contemplação. «Não me sinto como aqueles que têm ideias e as impõem, agora apetece-me fazer coisas que há anos atrás achava reaccionárias e académicas. A fase das desmontagens já me passou.»

Raramente o conceito de «**mimésis**», ainda que com variações ao longo dos séculos, foi considerado simplesmente sinónimo de reprodução fiel. Sempre pressupôs o desejo secreto de **superação** da natureza, de uma certa transcendência ideal. «Pretendo ser eficaz, mais vale dizer pouco, mas que toda a gente entenda, do que dizer muito e ninguém perceber.» Todavia, a pintura de **Fernando Pinto Coelho** não se confunde, nem de perto nem de longe, com o academismo realista, «Claro, que não sou uma máquina fotográfica, até acredito que a realidade seja fantástica. Buscando um sentido de teatralidade na pintura, limito-me a mostrar que um pigmento, ao lado de outro pigmento, pode criar uma certa ilusão.»

Contudo, afirma-se próximo dos **impressionistas,** elegendo **Henrique Pousão** como o pintor português que mais aprecia. O que também não o impede de admirar Andy **Warhol** e David **Hockney,** dois nomes cujas atitudes face à arte são de completa divergência. «Nesta exposição das flores quis eternizar o momento visto que os objectos de que me ocupei são algo de muito perecível. Só me atrai a realidade como veículo de uma ideia ou, ainda, como pretexto para a formulação de um discurso. Confesso que tenho receio de encontrar estes trabalhos daqui a uns anos, não sei se me vou reconhecer neles.»

O murchar das rosas

À semelhança das rosas, que fenecem rapidamente, as modas também se caracterizam pelo que tem de efémero. De passageiro. Submetem-se a leis implacáveis, prendem-se com fenómenos que as ultrapassam.

Já no apogeu dos da **bad-painting** ou dos **jovens selvagens,** Fernando Pinto Coelho, indiferente ao protagonismo destes movimentos, pintava sapatos, caras e flores. «Sim, resolvi pintar os rostos das pessoas que viviam em minha casa, espécie de colectividade que era fruto de uma determinada maneira de estar no princípio dos anos setenta.» Juntamente com a família, mulher e amigos, surge o rosto de Nina **Hagen** ou de Grace **Jones.** Desta mistura de gente comum e de mitos resultou uma galeria de heróis «**pintada com o mínimo de tinta**».

Poupança e gestualismo contido? «Fi-los apolíneos à maneira dos deuses, na medida em que correspondiam a ideais abstractos. Em presença do modelo vivo declarava-se uma luta com o real, quando pintei o auto-retrato sobrecarreguei-lhe o rosto com tudo aquilo que imaginava existir em mim. Quanto aos retratos dos amigos funcionam quase como caricaturas, doteios de uma dimensão terrena com todos os defeitos do retrato de **Dorian Gray.**» Segue-se a série das mulheres inventadas que não se parecem com ninguém, provavelmente são a representação paradigmática do sexo feminino. Misteriosas e feiticeiras, traduzindo uma visão fantasiada, no fundo idêntica atitude à de pintar flores.

De Fernando **Pinto Coelho** impressionou-me especialmente o quadro «**Macau**». retrata um guarda vermelho com a cruz de Cristo no boné, simbiose de culturas, cruzamento de causas, tela concebida dentro dos princípios dos cartazes de cinema. Hiper-realismo? Ainda não desisti da minha tese. Influências do realismo socialista, em certa medida? Talvez. «**Não, o realismo socialista implica manipulação.**»

Nasceu em Coimbra (1951) e com catorze ou quinze anos, aderiu à **vanguarda.** A todas as vanguardas, não exclusivamente à da pintura. Era importante naquela época, os artistas reclamavam-se das vanguardas e de um espírito de ruptura. Impunha-se abanar tudo, pulverizar o que as gerações anteriores tinham criado. No Porto, onde tenta ingressar na Escola de Belas Artes, deixa-se tomar por um sentimento de decepção. «**Achei a cidade um atraso de vida**». Decide matricular-se em arquitectura, curso que acabaria por concluir.

«Aí fui envolvido no processo das escolas, andava toda a gente muito preocupada com as alternativas pedagógicas.»

Esbatidas as fronteiras artísticas, tudo se assemelhava a tudo: a música parecia escrita e esta também penetrava no mundo da pintura. Uma confusão perigosa de caligrafias e de domínios. «**Até se contestava a profissão de arquitecto, enquanto funcionário do Poder.**» Por ocasião do 25 de Abril, Fernando Pinto Coelho pertencia ao grupo ecológico do Norte, pessoal que abriu um restaurante macrobiótico no Porto. Era o auge das massagens, do **relax,** da saúde mental e física. «Hoje, repegou-se nisso, embora com outra perspectiva. O lado poético e contestatário desapareceu, o culto do corpo e do bem-estar desenrola-se num contexto diferente.

A morbidez da assinatura

Esteve ligado ao SAAL, foi professor, tarefa que «**ia dando comigo em maluco**». Engrenar na profissão de arquitecto custou-lhe um bocado, tanto mais que, percorridos diversos **ateliers,** no desespero, se ofereceu para trabalhar de graça. Em Dezembro de 1976, funda, com outros artistas, o grupo **Puzzle** que se dedicava, sobretudo, a intervenções tendo como suporte a pintura. Abreviando: a partir de certa altura, começa a acreditar em si, a assumir-se na qualidade de pintor. «**Compraram-me quadros e agora sou pintor,... peguei nos bonecos desconexos que fazia e passei-os a acrílico.**»

Com a mudança que se operou nos anos oitenta, ele (pode-se garantir) também já não se mantém igual ao que era. «Fui militante, pensava que o amor nada tinha a ver com a imagem tradicional do casal, era até um pouco intolerante. Actualmente aceito as pessoas, independentemente das suas ideias, coloco-me na posição do antropologista. «Olhar o mundo com frieza? «Não, apenas rompi com os raciocínios esquemáticos e já não me atiro para o desconhecido só porque é desconhecido.» Atingiu um estado de pacificação? «Exacto, embora guarde princípios de que não abdico. Olho, por exemplo, para a família, com um certo encanto. Tenho vontade de compreender o mundo, apercebi-me de que há discursos antiquados. Pode-se dizer que privilegio mais as relações humanas, para além das operações políticas e ideológicas.»

E com a **natureza,** pelos vistos. Assim se justifica, a história das flores, «**dos jarros e rosas que crescem no meu quintal**». Trabalha, gerindo e assimilando o que acontece fora de si. «Se gosto de uma ideia porque não hei-de usá-la? De facto, distanciei-me bastante das posturas egocentristas. Até nem acho fundamental assinar os quadros, vejo nesse gesto alguma morbidez... é como se estivéssemos a contar os tostões.»

Mas que estética é a sua? Que matizes o distinguem de outros pintores modernos? Sem dúvida que **Fernando Pinto Coelho** propõe um profundo compromisso com a realidade. «Aliás, segundo os mestres do pensamento oriental «**o universo inteiro pode reflectir-se num grão de areia.**» Nas flores, nos rostos de Grace Jones e Nina Hagen e até no que há de mais trivial.

JOVEM VIOLINISTA À CONQUISTA DA EUROPA

Rodrigues Borges

Pedro Teixeira da Silva, 16 anos, violinista, dois primeiros prémios este ano: o regional de Lisboa e o nacional, da Juventude Musical Portuguesa. Esta noite, nas Ruínas do Carmo, actua como solista com a Sinfónica da RDP sob a direcção do maestro Silva Pereira. Amanhã parte com «destino à Europa», para uma série de concertos e festivais com a Orquestra Mundial da Juventude, a realizar na Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda e Alemanha. Mas há mais...

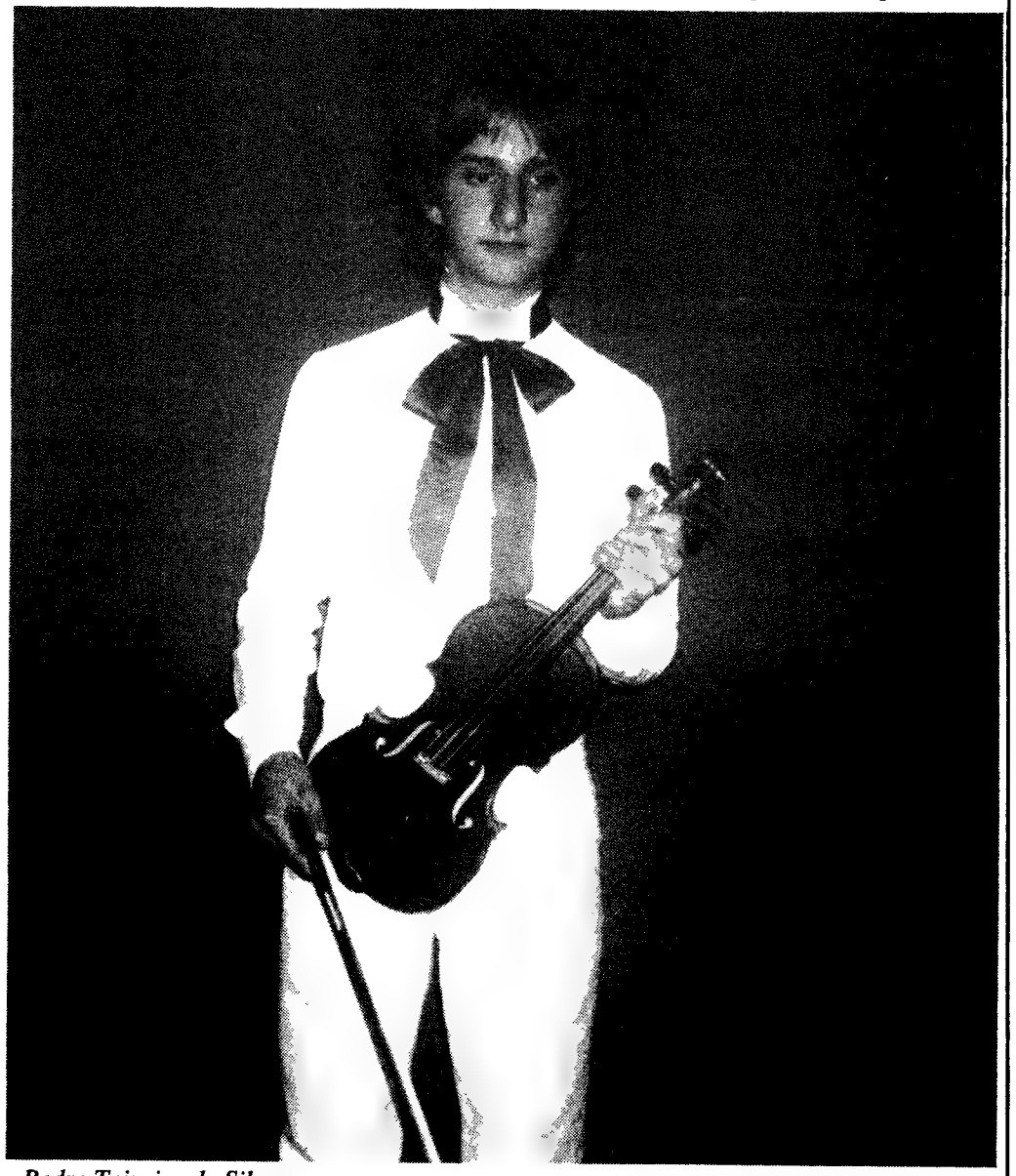
O jovem violinista, natural de Lisboa e oriundo de uma família ligada ao meio musical, começou a tocar piano aos 4 anos, mas logo se «sentiria atraído» pelo violino, ou «fascinado pelos sons agudos» deste instrumento, tendo iniciado os seus estudos com o prof. Manuel Gomes. A seguir vem o Conservatório, depois uma bolsa de estudos da Gulbenkian, Fundação que lhe oferece o primeiro violino.

Posteriormente, o jovem Pedro Teixeira da Silva frequenta cursos de interpretação e técnica violinística na Gulbenkian sob a orientação do prof. suiço Alberto Lysy e os cursos internacionais com o violinista e pedagogo Tibor Varga, da Hungria, país onde realizou várias audições que lhe proporcionaram um Diploma de Classe passado pela Associação Internacional de Música. O ano passado, participou nos Encontros Musicais de nível superior (master classe) sob a direcção do maestro violinista Max Rabinovitsj.

Actualmente, faz parte da Orquestra de Câmara Collegium Musicum dirigida pelo maestro Fernando Eldoro, como solista concertino. Efectuou vários concertos e recitais a solo em centros culturais de Lisboa, Porto, Beja, Algarve, Santo Tirso, Espinho, Setúbal, Santarém, etc. A convite do Ministério da Cultura actuou no Dia Mundial da Música e ainda no auditório do Instituto Alemão com a pianista polaca Anna Tomasik, na Fundação Gulbenkian e no Teatro S. Luís. Gravou para a RDP, Rádio Renascença, RTP e TV Espanhola sob a direcção dos maestros Gunter Arglebe, Costa Santos e Garcia Asensio. Foi distinguido pela Radiotelevisão Portuguesa para representar Portugal no Festival Internacional de Jovens Solistas, organizado pela União Europeia de Radiodifusão, com a participação de 12 países. Foi laureado pela Televisão espanhola.

Só mais algumas achegas a este impressionante curriculum: em 86/87, por concurso público a nível nacional, foi designado concertino português da Orquestra Portuguesa da Juventude, com concertos em Lisboa e nos Açores, dirigidos pelo mastro Miguel Graça Moura. Mais recentemente, conquistou o prémio Fundação Engenheiro António de Almeida e foi convidado a participar na realização de um filme rodado em Portugal (em que representou a personagem de Paganini), mais concretamente em «Canibais» de Manoel de Oliveira.

Pois é este jovem violinista, geralmente apontado pela crítica como «revelação nacional, com personalidade vincada, talento e estilo, que amanhã parte à conquista da Europa.



Pedro Teixeira da Silva

Chuva adia Tristão e Isolda

A reconstituição da lenda medieval «Tristão e Isolda», espectáculo programado para esta noite nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, foi adiada para a próxima quinta-feira, às 21.30 h. Na origem deste adiamento estão obviamente as condições atmosféricas dos últimos dias, pouco propícias para espectáculos ao ar livre.

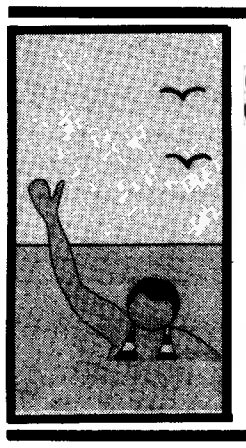
O espectáculo contará com a participação do grupo de música antiga The Boston Camerata (de Joel Cohen) e a receita reverte a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro. As fontes literárias utilizadas para esta recriação da famosa lenda procuram ser muito próximas do original do século XII e o reportório musical baseia-se nos cancioneiros trovadorescos.

Festival da Eurovisão 89 em Lausanne

A cidade de Lausanne, nas margens do lago Leman, será o cenário em 1989 do Festival Eurovisão da Canção, anunciou a televisão suiça.

Na sequência da vitória da canção suiça no Festival de Dublin, cabe agora à TV helvética a organização do próximo concurso, que se realiza no dia 6 de Maio de 89.

A escolha de Lausanne para palco do Festival ficou a dever-se ao facto de a capital do cantão de Vaud estar próxima de um aeroporto internacional - o de Genebra-Cointrin - e de possuir a necessária infraestrutura logística.



SE
estiver cansado
procure boiar
e não hesite
em pedir socorro

Snoopy: um cão que teve a sorte de nascer cão

«Alguns nascem homens, outros nascem cães, e eu tive a sorte de nascer cão». É assim, numa simples frase, que um canino contemplativo e individualista chamado Snoopy, resume toda a sua filosofia.

Ele e os amigos estão por aí, nas bancas, em mais dois álbuns de Charles M. Shulz, lançados pela Meribérica/Liber, uma editora sempre atenta às preferências do leitor português de banda desenhada.

Autor de grande prestígio internacional, Shulz volta a debruçar-se sobre Charlie Brown, sempre cheio de boa vontade, apesar da sua habitual pouca sorte; Schroeder, que interpreta a obra toda de Beethoven num piano a brincar, com as teclas pretas pintadas nas brancas; Linus e o seu pequeno cobertor; Lucy, irmã mais velha de Linus, uma pequena peste com péssimo feitio (ela ama Schroeder, mas não é correspondida e não se resigna); Sally apaixonada por Linus e inimiga feroz das matemáticas modernas; e sobretudo Snoopy, aquele cão soberbo, contemplativo e individualista, com uma filosofia muito própria.

Snoopy é, sem dúvida, o mais realista do grupo. Ele bem gostaria de dar uma dentada numa canela, uma vez por outra, mas o receio de ser castigado leva-o a controlar os seus impulsos. Adoraria dar uma lição ao gato do vizinho, mas, como Charlie Brown, ele aprendeu que a violência gera violência e prefere ficar quieto.

Para obter um pedaço de chocolate ou uma bolacha, Snoopy não se importa de fazer o papel de sedutor. Sabe que isso é necessário e que tem de haver sempre uma troca, mas tudo tem um limite e a gulodice não justifica o servilismo. Um pouco de lucidez, muito realismo e um amigo para os maus momentos chegam para vencer as fases mais difíceis.

Quanto ao desporto, a palavra de ordem dos Peanuts corresponde ao que deles se espera, ou seja, o importante é participar. Mas a prática, a finalidade, a razão de ser do jogo é ganhar. Por isso, os Peanuts investem na luta toda a sua coragem.

O desejo de vencer nunca chega a transformar-se numa obcessão para ninguém, a não ser para Charlie Brown, que fica desesperado por nunca ganhar um desafio de «base-ball».

«NUNES & ALEMÃO, LIMITADA»

Certifico que, por escritura de 9 de Junho do corrente ano exarada de folha 22 a folha 28, verso, do livro de notas para escrituras diversas n.º 47-F, do 1.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo da notária licenciada Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas, com a firma em epígrafe, que tem a sua sede em Lisboa, na Rua Sampaio e Pina, número dezasseis, terceiro andar, freguesia de São Sebastião da Pedreira, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 49 491, titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 500390282, de cinquenta mil escudos para três milhões de escudos, e admitidos como novos sócios António Brás Monteiro, António Alexandre Pires Brás Monteiro, António Pedro Pinto de Ruella Ramos e António Manuel Câmara Leal da Silva. Aumento este de dois milhões novecentos e cinquenta mil escudos que foi levado a efeito mediante as seguintes novas entradas, em numerário:

– Uma de quatrocentos e cinquenta mil escudos do sócio Francis Trevor Gatefield, em aumento da respectiva participação social;
– Uma de quinhentos mil escudos, que passa a constituir uma quota do valor nominal igual ao montante da entrada do novo sócio António Brás Monteiro;
– Uma de quinhentos mil escudos que passa a constituir uma quota de valor nominal igual ao montante da entrada, do novo sócio António Alexandre Pires Brás Monteiro;
– Uma de um milhão de escudos, que passa a constituir uma quota de valor nominal igual ao montante de entrada do novo sócio António Pedro Pinto de Ruella Ramos;
– Uma de quinhentos mil escudos, que passa a constituir uma quota de valor nominal igual ao montante de entrada do novo sócio António Manuel Câmara Leal da Silva.

Pela mesma escritura foi ainda alterado totalmente o contrato da aludida sociedade substituindo-o pelo seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade continua a adoptar a firma «Nunes & Alemão, Limitada» e passa a ter a sua sede em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, número três, quarto andar, sala quatro, freguesia de São Jorge de Arroios.

ARTIGO SEGUNDO

O seu objecto é a importação, exportação e distribuição de bens e serviços, comércio e indústrias gráficas, editoriais de comunicação social e afins.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade poderá adquirir, livremente, participações como sócia de responsabilidade limitada em sociedades com objecto diferente do seu, designadamente em sociedades reguladas por leis especiais e em agrupamentos complementares de empresas.

ARTIGO QUARTO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e noutros bens e valores constantes da respectiva escrituração, é de montante de três milhões de escudos e corresponde à soma das seguintes quotas: quatro, do valor nominal de quinhentos mil escudos cada, pertencentes uma a cada um dos seguintes sócios, António Manuel Câmara Leal da Silva e Francis Trevor Gatefield e uma do valor nominal de um milhão de escudos do sócio António Pedro Pinto de Ruella Ramos.

ARTIGO QUINTO

A cessão de quotas depende do consentimento da sociedadee a esta e aos sócios, sucessivamente, é atribuído direito de preferência na cessão onerosa das mesmas.

ARTIGO SEXTO

A sociedade poderá amortizar quotas se estas forem arrastadas, penhoradas ou sujeitas a qualquer providência judicial ou administrativa.

ARTIGO SÉTIMO

Um – A gerência da sociedade competirá a três ou mais gerentes para o efeito eleitos, trienalmente, em assembleia geral.

Dois – Para a sociedade se considerar obrigada basta a assinatura de qualquer um dos gerentes.

Três – A gerência não será remunerada se tal foi deliberado em assembleia geral, podendo a sua eventual remuneração consistir, total ou parcialmente, em participação nos lucros da sociedade.

ARTIGO OITAVO

Ficam designados gerentes para o triénio de mil novecentos e oitenta e oito a mil novecentos e noventa e um os sócios António Brás Monteiro, António Manuel Câmara Leal da Silva e Francis Trevor Gatefield.

Está conforme ao original.

1.º Cartório Notarial de Lisboa aos 1 de Julho de 88, Rasurei «Trevor, Pedreira, milhões Alemão, se tal»

O Ajudante
Alberto Vila Rodrigues

«DL» – 5/7/88

Rui Veloso dá uma ajuda

Dois novos grupos portuguess de rock surgiram há dias no mercado discográfico, curiosamente ambos sob a sombra tutelar de Rui Veloso que, embora o negue, é considerado o pai do rock português.

Trata-se do «Café Lusitano» e de «Johnny Johnny», este último um trio oriundo do Porto que, apesar do nome inglês, canta na língua de Camões. Revelando pouca imaginação, ambos os grupos titularam os seus albuns de estreia com os nomes próprios, tendo ambos sido editados em empresas diferentes.

«Café Lusitano» é um conjunto de 10 canções fáceis de ouvir com destaque para «Nazaré», «Já estou farto» e «O último peixe do Reno», entre outras.

Os «Café Lusitano» são um quinteto formado por Orlando Mesquita (voz e guitarras), Jorge Mesquita (voz), Zé Rato (bateria e percussão), Jorge Fidalgo (baixo) e Luís Portugal (teclas).

Com produção de Tó Zé Brito, «Café Lusitano» tem a participação de Rui Veloso em «Já estou farto» (voz e harmónica). Carlos Té, o letrista de Rui Veloso, compôs parte da letra de «Já estou farto» e é co-autor de «O último peixe do Reno»

Rui Veloso participa também no album de estreia dos Johnny Johnny, tocando guitarra e piano na faixa «7 Cores».

O album é constituído por 11 faixas da autoria do trio formado por Álvaro Pilar (voz, baixo e piano), Eduardo Mont´Alverne (guitarra) e Miguel Pais)bateria e percussão).

Carlos Maria Trindade, dos Herois do Mar, toca sintetizador em «Johnny Johnny» (um instrumental) e em «Primeiro Amor», enquanto Rui Reininho, dos «GNR», fez a letra de «Volto já».

João Perry

Ricardo Pais

Filipe La Féria

OS PRÓXIMOS 12 MESES NO D.MARIA II

«Zerlina», ou «O Relato da Criada Zerlina», de Hermann Broch, vai ser, em Setembro, no Teatro da Trindade, a próxima produção do Teatro Nacional de D. Maria II, que já tem programação elaborada até Julho de 1989.

Trata-se de uma encenação de João Perry, o inesquecível intérprete de «Tango» e de «O Pecado de João Agonia».

O cenário é de Manuel Reis e a interpretação de Eunice Muñoz e Alexandre Melo.

A representação vai ser no Trindade porque em Setembro, após as férias, o D. Maria II ainda deverá repor, no Rossio, «O Fidalgo Aprendiz», estreado a semana passada.

Entretanto, para o período de Novembro a Janeiro, anuncia-se o «Fausto», de Fernando Pessoa, numa encenação de Ricardo Pais, com cenário de António Lagarto e interpretação de João Perry, Fernanda Alves, Maria Amélia Matta, António Rama, Luís Madureira e Rogério Zamora.

Depois, em Março de 1989, o Teatro Nacional leva à cena «Figaro», de José Ramon Encinar, com encenação e cenografia do espanhol Simon Suarez, que na mesma empresa já apresentou os cenários e figurinos de «Romance de Lobos».

Em Abril será a vez de «Olga e os Moradores», com Filipe La Féria — o responsável pela Casa da Comédia — a encenar e cenografar novamente Agustina Bessa-Luís, depois do êxito obtido com «A Bela Portuguesa».

Por último, no calendário elaborado pela companhia para os próximos doze meses, o D. Maria II leva à cena em Junho/Julho do próximo ano «Escola de Mulheres», de Molière. Encenação de Jean-Pierre Tailhade e cenografia de Nuno Carinhas.

Informação COMERCIAL

INTERCIDADES

LISBOA (T. P.) ⟷ ALGARVE

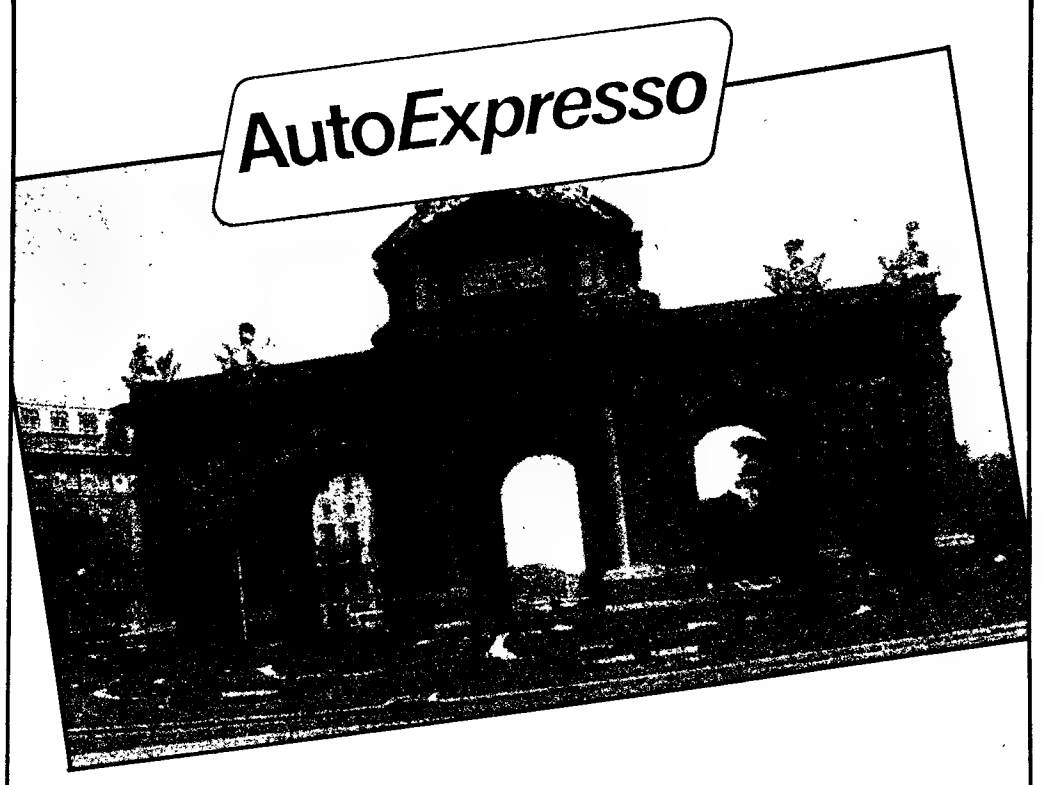
TRANSFER RODOVIÁRIO DE LIGAÇÃO:

ESTAÇÃO DE TUNES → ALBUFEIRA-AÇOTEIAS
ARMAÇÃO DE PERA

De 88.7.1 a 88.9.15

Caminhos de Ferro Portugueses

AutoExpresso



Lisboa/**Madrid**/Lisboa

Agora diariamente de 4/6 a 18/9

Informe-se na sua agência de viagens ou nas principais estações da C.P.

MODOS DE ANDAR

Carlos Porto

ANDANDO, ANDANDO..., de Teresa Rita. Dramaturgia: Pedro Barbosa/Maria João Reynaud. **Encenação:** João Luiz. **Cenografia:** Rui Aguiar. **Música:** Cândido Lima. **Interpretação:** Paula Seabra e Pedro Sant'Ovaia. Grupo **Pé de Vento.** TEARTO/12-06-1988.

O Pé de Vento continua a cumprir a sua vocação de realizar espectáculos de pequena dimensão, baseados em textos, normalmente de grande qualidade literária. Escrevi acima vocação, contudo, a pensar que às vezes as vocações são impostas por quem tem o poder de impor.

«Andando, Andando» é a dramatização de um conto de Teresa Rita que ela, justamente, diz ser para «pequenos e grandes sem distinção». Como o próprio espectáculo: espectáculo bonito, com um cenário que os próprios intérpretes manipulam, pela música de Cândido Lima, mas sobretudo pelo jogo de palavras e de gestos, esse caminhar por um mundo desconhecido à procura do que não se conhece. Ele e Ela, naturalmente, cada um com a sua razão de procura, cada um com as suas histórias e a sua ausência de histórias, as suas máscaras e a sua procura da máscara verdadeira.

Como os seus actores, jovens e pouco experientes, é um espectáculo sem grandes voos mas que chega à nossa mão como um pássaro que sai do ninho e, ainda hesitante, ensaia os seus primeiros voos. O facto do Pé de Vento existir há anos não o impede, e ainda bem, de experimentar.

Pintura Naif nos Coruchéus

Continua patente até ao próximo dia 7, no Palácio dos Coruchéus, uma exposição colectiva de pintura «naïf» subordinada ao tema «Lisboa», uma inicitiva da Câmara Municipal que conta com a presença de 33 artistas que responderam ao convite público formulado pelo município de Lisboa.

Esta mostra, inaugurada no passado dia 7 de Junho, privilegia no seu conjunto os edifícios históricos, os miradouros, praças e os bairros populares numa visão plástica de «pintura de domingo», de pureza e fantasia, de ingenuidade e fascínio que nos revela uma cidade espontânea, directa ou, se quisermos, uma Lisboa «naïve».

A exposição está patente ao público todos os dias úteis, das 14 às 19 horas.

Morre cantor inglês

O cantor e «dee-jay» ing... Steve Walsh, 29 anos, morreu num hospital de Londres depois de ter sido operado a uma perna em consequência de um acidente de viação em Ibiza, Espanha.

Walsh, muito popular em Inglaterra pelo programa que emitia duas vezes por semana na Radio London, sofreu o acidente na semana passada quando se encontrava em Ibiza a rodar o vídeo do seu novo disco «Ain't no Stopping Us Now».

O cantor, que pesava mais de 150 quilos, morreu pouco depois da intervenção cirúrgica nc Hospital St. Mary de Londres.

«Foi-lhe dito que era necessária uma operação para que voltasse a andar, mas havia um risco grande devido ao seu enorme peso», disse o seu representante, Simon Porter.

Em Setembro último, Walsh, que era casado e tinha 3 filhas, chegou ao oitavo lugar das listas de êxitos em Londres, com uma versão da canção «I Found Loving».

Interior do Teatro Luís de Camões: saúde-se a recuperação !

Câmara de Lisboa salva velhos teatros

Uma boa notícia para os amantes da Cultura: a Câmara Municipal de Lisboa vai dispender 493 mil contos, oitenta por cento dos quais a partir de um empréstimo a contrair na Caixa Geral de Depósitos, no restauro e conservação de imóveis e equipamentos de interesse cultural, entre os quais dois velhos teatros da capital, em estado de degradação.

No referido empréstimo à CGD, aprovado na última reunião da Assembleia Municipal de Lisboa, esão incluídas as seguintes obras: recuperação do Teatro Taborda (zona do Castelo) - 80 mil contos; recuperação do Teatro Luís de Camões (Calçada da Ajuda) - 24 mil contos; recuperação e adaptação do Palácio da Rosa (Mouraria) - 104 mil contos; recuperação e adaptação do Palácio do Contador Mor para Centro Cultural dos Olivais - 20 mil contos; conservação do Museu da Cidade (Campo Grande) - 68 mil contos; apoio à recuperação e conservação de sedes de colectividades de Cultura e Recreio - 48 mil contos.

Este financiamento da Caixa Geral de Depósitos destina-se a suportar em 80 por cento, como se disse, o conjunto de obras acima descriminadas, que ascende a 493 mil contos e cuja diferença será directamente suportada pelo orçamento municipal de 1988 e 1989.

Entre outras deliberações, o executivo camarário aprovou também a adjudicação da empreitada de remodelação da rotunda do Aeroporto pelo montante de 55 mil contos e os adicionais às empreitadas de «trabalhos diversos em arruamentos e colectores nas zonas oriental e ocidental», que totalizam cerca de 108 mil contos.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ROGÉRIO DA SILVA E SOUSA, MERITÍSSIMO JUIZ DE DIREITO DO 11.° JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA.

FAZ SABER QUE, pela 2.ª Secção do 11.° Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm ÉDITOS de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu JOSÉ MANUEL LAMPREIA CAMACHO DA SILVA, que teve a sua última morada na Rua Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, n.° 4 – 2.° Dt.°, em Lisboa, para no prazo de vinte dias, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito nos autos de acção ordinária que contra o citando e outros move MANUEL JOÃO DE OLIVEIRA GARCIAS, o qual consiste na entrega a este do valor do débito correspondente à fracção, objecto do contrato e os respectivos juros.

Para constar se passou o presente edital e mais dois de igual teor que vão ser devidamente afixados.

Lisboa, 20 de Junho de 1988.

O Juiz de Direito
Rogério da Silva e Sousa

A Escrivã Adjunta
Custódia Maria Ramalho Ramires dos Santos

«DL» 5/7/88 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TOMAR

ANÚNCIO

FAZ-SE saber que na Acção de Divórcio litigioso, pendente neste Tribunal com o n.° 4094/88 2.ª Secção 2.° Juízo, em que é Autor Jorge Manuel Luís dos Santos, a residir na América do Norte com residência eventual em Linhaceira, Asseiceira, Tomar e ré MARIA DA CONCEIÇÃO DA GRAÇA COSTA SANTOS, casada, com última residência conhecida em Rua Padre Cruz, n.° 4 Linhaceira, Asseiceira, Tomar; fica desta forma citada a referida ré, para no prazo de vinte dias, finda que seja a dilação de Trinta dias, contestar, querendo, o pedido formulado nos presentes autos, com a cominação de que a falta de contestação, não importa a confissão dos factos articulados, pelo autor. Os duplicados da petição inicial ficam na secretaria deste Tribunal à sua disposição, no processo acima indicado.

Tomar, 29 de Junho de 1988.

O Juiz de Direito
Eduardo Manuel Batista Martins Rodrigues Pires

O Escrivão Adjunto
José Luís Faria Marques

«DL» 5/7/88 — 1.ª Pub.

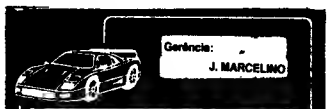
TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.° JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio. Citando o réu MANUEL MATEUS AFONSO para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a autora pede a condenação do réu na quantia de 72 000$00 e respectivos juros à taxa legal, desde a citação, tudo em conformidade com a petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição do citando. Acção Sumária n.° 1789 2.ª Secção, autora SYSTEMS PUBLISHING (PORTUGAL) EDITORES, LDA., com sede na Rua Arco de Cavalhão, n.° 1-5.° andar em Lisboa. Réu MANUEL MATEUS AFONSO, industrial da construção civil, ausente em parte incerta e teve a sua última residência conhecida na Portela de Sacavém – Lote 51-12.° Dt.°.

Lisboa, 24 de Junho de 1988
O Juiz de Direito,
Jaime Manuel Belém Santana Gaspo
P/o Escrivão de Direito,
Carolina I. Loureiro Almeida Pinto

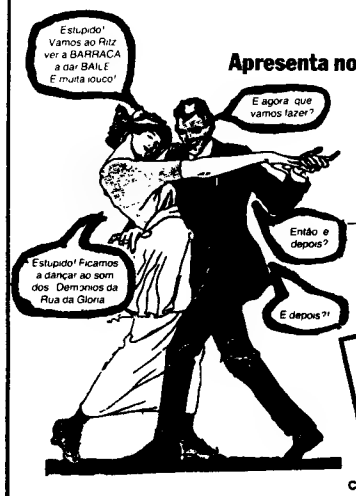
«DL» 5/7/88 — 2.ª Pub.



Fiat Uno Turbo	1986
Opel 1.3S Cup	1987
Fiat Uno 45 S	1987
Seat Marbella GLX	1987
Fiat Uno Diesel	1986
Renault 5 GL	1986
Renault 4 GTL	1986
Ford XR 2	1985
Fiat Uno 55 S	1984
Citroën 2 C/V Club	1984
Alfa Romeo Sprint	1984
Peugeot 305 GL	1984
Fiat UNO 45	1984
Fiat 127 900 C	1980
Mini Mil GT	1974

Juros Bonificado
ACEITAMOS TROCA
FACILITAMOS PAGAMENTO ATÉ 30 MESES
AVENIDA DE MADRID, 14-B
1000 LISBOA
TEL: 88 83 26

A BARRACA



Apresenta no RITZ CLUB

Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

— a partir da ideia de J.C. Penchenat e do filme de Ettore Scola

Horário: de terça a dom. às 21.30
Dom. matinée às 16 horas
Às segundas não há espectáculo

DEFENDA-SE DE LOTAÇÕES ESGOTADAS. COMPRE BILHETES COM ANTECEDÊNCIA

6º MÊS

Com: Maria do Ceu Guerra, Maria João Luis, Paula Sousa, Teresa Faria, Antonio Cardoso, Luis Tomar Vitor Torres
e
Leonor Alcacer, Margarida Barão Marta Tereno, João Carneiro José Oliveira Miguel Rodrigues Paulo Oom

Guião e encenação — Hélder Costa

Depois de triunfal temporada no Rio de Janeiro regresso a partir do dia 28/6/88

DL CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ACADEMIA DE POLÍCIA 5 — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30 h

Alfa 3

ALGUÉM MUITO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

GAVIDADE ZERO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

A MORTE CHEGA DE MADRUGADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 1

MAURICE
(maiores 16 anos)
14.15, 18.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 2

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3

A MORTE CHEGA DE MADRUGADA
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

QUEM CHAMOU A CEGONHA?
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

NAS TEIAS DA MAFIA
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

ALGUÉM MUITO ESPECIAL
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 15.30, 17.15, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

BEN-HUR
(n/acons. m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

ACADEMIA DE POLÍCIA 5 — Em exibição nos cinemas ALFA – ÁVILA – S. JORGE – 7.ª ARTE – TERMINAL em Lisboa e BABILÓNIA na Amadora

Capitólio

— T. 372358

PECADOS SEXUAIS
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

T. 530194

DOUTOR JIVAGO
(n/acons. m. 13 anos)
15.00 e 21.30 h

Cinebolso

MULHERES PREVERSAS
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

OS GANSOS SELVAGENS II
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

HEMAN — MASTERS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A CIDADE CORRUPTA
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Ampaio

QUE GRANDE BRONCA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

ESPERANÇA E VITÓRIA
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

HEMAN — MASTERS DO UNIVERSO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

MALUCOS NO DIVÃ
(maiores 12 anos)
14.15, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

POTÊNCIA MÁXIMA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

DANÇA COMIGO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

JEAN DE FLORETE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

QUEM CHAMOU A CEGONHA?
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

RAIVA DE VENCER

22.00 h

Gemini

— T. 734009

NAMORADA ALUGA-SE
(maiores 6 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

MALUCOS NO DIVÃ
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

TIRO PELA CULATRA
(maiores 16 anos)
14.15, 16, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império

— T. 555134

DOUTOR JIVAGO
(n/acons. m. 13 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

MAURICE
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

QUEM CHAMOU A CEGONHA?
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

MANON DAS NASCENTES
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

O IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

JOGO DE SOBREVIVÊNCIA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

LOUCAS ORGIAS
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

ENTRE O AMOR E O MEDO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

LOJA DE BIKINIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES
(Int. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
LONGE DO APOCALIPSE
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

AS HEROINAS DO MAL
(Int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 3

A BELEZA DO PECADO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
S. FRANCISCO, CIDADE NUA
(n/acons. men. 18 anos)
23.30 h

Sala 4

O JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
NOITES ESCALDANTES
(maiores 18 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

A LOJA DOS BIKINIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
15.30, 18.00 e 21.30 h

Sala 2

HEMAN — MASTERS DO UNIVERSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.30 e 21.00 h

Sala 3

ALGUÉM MUITO ESPECIAL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 15.30, 17.15, 19.15, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

JEAN DE FLORETTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
13.15, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

WEST SIDE STORY — AMOR SEM BARREIRAS
(maiores 14 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Turim

T. 706666

IMPÉRIO SOL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

NAM — CUMPRIMENTO DO DEVER
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «A Insustentável Leveza do Ser», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícias V», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Esquadrão Antivício», às 21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — ENCERRADO PARA DESCANSOSO PESSOAL.

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Clube para Cavalheiros», às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Manon das Nascentes» às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Que Mal Acompanhado», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «A Viagem no Tempo»,às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «A Cidade do Vício», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Quem Chamou a Cegonha», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Masters do Universo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Malucos no Divã», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Tiro pela Culatra», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Feitiço da Lua», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 12 anos).
ALMADA — Cine-Estúdio de Almada — «Missão: Matar», às 15.30, 18.15 e 21.30 h, (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Arma Explosiva», às 21.30 h (maiores 16 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Viagem no Tempo», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «O Renegado», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Convento do Pecado», às 15.00 e 21.15 h (maiores 18 anos).

CULTURAL

IRMA LA DOUCE NA CINEMATECA

Prossegue até dia 9 na Cinemateca Portuguesa (Sala Dr. Félix Ribeiro à R. Barata Salgueiro, 39) um ciclo dedicado a Billy Wilder. Depois do «Apartamento», exibido ontem, segue-se «Irma La Douce» (esta noite às 21,30) com a particularidade de ser protagonizado pelos mesmos: Jack Lemmon e Shirley McLaine. Até final do ciclo, podem ainda ser vistos (revistos, para a maioria dos casos) «Amor à Italiana» e «A Vida Íntima de Sherlock Holmes».

Trata-se - e os apreciadores de bom cinema sabem-no bem - de uma mostra da obra de um dos mais lúcidos analistas da sociedade contemporânea. Servindo-se especialmente da comédia, Wilder põe a nu uma série de tabus, de carácter sexual, político, etc. Os filmes seleccionados para este ciclo da Cinemateca serão, talvez, das suas películas mais amargas: desde a confrontação com os tabus sexuais através da história da prostituta Irma La Douce(filme proibido pela censura antes do 25 de Abril) até ao tranquilo pessimismo e desespero da história de amor do «Apartamento» ou à desencantada visão dos amores do maior detective de sempre em «A Vida Íntima de Sherlock Holmes».

Quem for à Cinemateca (re) vêr Billy Wilder, pode crer que não vai perder o seu tempo.

Jack Lemmon e Shirley McLaine em «Irma La Douce»

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições «Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa», «O Traje na Dança», «Traje de Ópera-Guarda-Roupa de Tomás Alcaide» e «Colchas de Ermelinda Cargaleiro.
MUSEU DE ETNOLOGIA: as exposições «Timor de Ruy Cinatti», «Índios da Amazónia» e «Têxteis: Tecnologia e Simbolismo».
FUNDAÇÃO GULBENKIAN: a exposição comemorativa dos 80 anos de Maria Helena Vieira da Silva. Patente às quartas e sábados das 14 às 19,30 e terças, quintas, sextas e domingos das 10 às 17.
GULBENKIAN (CAM): até 16 de Julho, exposição de pintura (25 óleos e colagens) da jovem pintora alemã Silvia Quandt.
INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bivar, 91): até 29 de Julho, a exposição «Bretanha-Modernidade e Regionalismo 1918-1945».
GALERIA ALVES REDOL (Vila Franca de Xira): até 10 de Julho, pintura e desenho deJosé Noel Perdigão.
GALERIA S. MARCOS (Oleiros-Azeitão): até 31 de Agosto, diariamente das 10 às 22 , uma exposição individual de pintura de Luís Aniceto e uma colectiva de pintura, cerâmica, tapeçaria, trapologia e escultura.
GALERIA ARA (Centro Com. Libersil, loja 48-Av. da Liberdade): até 9 de Julho, pintura de Oskar Pinto Lobo e escultura de João Fragoso.
GALERIA MUNICIPAL (Vila Franca de Xira): para inauguração desta galeria, uma exposição de arte contemporânea portuguesa.
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRÁFICA (R. das Chagas, 17): até 29 de Julho, fotografias de António Melão. Às terças e sextas das 18,30 às 22,30.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. Cruz dos Poiais, 111):até 30 de Julho, de terça a sábado das 15 às 19, uma exposição colectiva de escultura com trablhos de Alberto Carneiro, José Pedro Croft, Xana, Graça Costa Cabral e Miguel Branco.
SALÃO VITÓRIA (CT do PCP na Av. da Liberdade): até 8 de Julho, uma exposição colectiva de Escultura de António Trindade, João Duarte e Virgílio Domingues, no quadro do encontro distrital sobre desenvolvimento cultural «Mais Cultura mais Democracia», iniciativa dos artistas plásticos do PCP e da DORL.
FORUM PICOAS: O Forum de Arte Contemporânea.
CLUBE DO COLECCIONADOR (Forum Picoas): até 22 de Julho, Pintura de Lino António.
GALERIA BARATA (Forum Picoas (Forum Picoas): Pintura do moçambicano Samate até 6 de Julho.
GALERIA 12 A (Costa do Castelo 12-A): até 7 de Julho, exposição de 10 fotografias de António Duarte, intitulada RIP (Requiescat In Pace).
GALERIA A GRADE (Aveiro): até 10 de Julho, de segunda a sábado das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, domingos das 15 às 19, pintura de António Neves.
GALERIA S. BENTO (R. do Machadinho, 1 ao Quelhas): até 16 de Julho, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20, desenhos de Mário Rita com o título «Desastres».
GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivns, 40): até 30 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13, pintura e escultura de Gil Teixeira Lopes.
GALERIA JOSÉ LUÍS MONTEIRO (Faculdade de Arquitectura-Largo da Academia Nacional de belas Artes): até 15 de Julho, nos dias úteis das 9 às 20, a exposição de desenhos de Augusto Pereira Brandão.
GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): até 17 de Julho, uma exposição-venda de brinquedos da 1ª metade do século XX.
GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 11 de Julho, de segunda a sábado das 16 às 20, esculturas em cristal de Erga Fosman.
HOTEL ESTORIL-SOL: até 2 de Julho, das 11 às 23, exposiçõ de quadros em relevo com flores secas naturais, da autoria de Maria de Lurdes Bolota.
HOSPITAL CURRY CABRAL (corredor da consulta de Fisioterapia): até 6 de Julho, das 8 às 17,30, desenho e pintura de Álvaro Machado.
HOTEL D. PEDRO GOLF (Vilamoura): até 3 de Julho, pintura em vidro de Olinda Colaço.
GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 14 de Julho, exposição dos sócios.
MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 7 de Julho, Pintura de Hélio Cunha.
HOTEL MERIDIEN PORTO: por ocasião do seu 104º aniversário, a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha expõe até 3 de Julho reproduções de peças da Casa-Museu e novas linhas de serviços de mesa, que representam uma evolução da produção tradicional dentro do estilo inconfundível do grande ceramista Bordalo Pinheiro. esta exposição tem por título «Conviver com a Imaginação - A Arte do Insólito».
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): «Os Trabalhos da terra». cerâmica de Eduardo Azenha, Patente até 20 de Julho, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20.
GALERIA OGIVA (Óbidos): até 8 de Julho, Pintura e Desenho do artista brasileiro Jair Mendes com o título «Carmela e o Lobisomem».
CORROIOS (Moinho de Maré): até 3 de Julho, a Câmara do Seixal apresenta a exposição de cerâmica dos profs. da Escola Preparatória da Amora.
POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): uma exposição de pintura de Isabel Augusta.
PALÁCIO DE S. BENTO: até 1 de Julho, a exposição evocativa de Afonso Costa, patente de segunda a sexta das 10 às 17.
MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: até finais de Julho no claustro superior, «Belém - o Teu Bairro, a Nossa História» (parte desta exposição está patente na Torre de Belém); até 31 de Julho, no Refeitório do Mosteiro, «Exposição de Imagens de Nossas Senhora». De terça a domingo das 10 às 18,30.
CASA DAS ARTES (Tavira): até 5 de Julho, pintura de Matthias Eichbaum.
FARO (Museu Arqueológico): »Amor-Pintura-Guerra», Pintura de Fernando Pinheiro.
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA : em exposição o «Núcleo Romano do Museu de Mértola».
TONDELA (sede do ACERT): até 6 de Julho, a exposição de pintura «20 Postais» de Eduardo Araújo.
ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 20 de Julho, de segunda a sábado das 10 às 19, pintura de Wessel Dijkstra.
REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA: em colaboração com o Instituto Franco Português, até 1 de Julho, a exposição «A Arte e a Ciência».
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Julho, de terça a sexta das 9às 12 e das 14 às 17, sábados e domingos das 10 às 13 e das 14,30 às 17,30, exposição de fotografia com o tema «Na Fotografia, a Diferença»
CASINO ESTORIL: até 3 de Julho, diariamente das 15 às 24 horas, a exposição de pintura portuguesa «De Columbano aos nossos dias» com obras de 38 artistas desaparecidos.
ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 12 de Julho, dias úteis das 9 às 19, domingos e feriados das 10 às 18, a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta a exposição «Infoarte 2» de Cecília Melo e Castro.

LIVROS

CASA DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): às 18.30 a Editorial Caminho lança o livro «Os Negros em Portugal - Uma Presença Silenciosa» de José Ramos Tinhorão. Apresentação por António Borges Coelho e Arnaldo Pereira.

TEATRO

ALMADA (Teatro Municipal) Prossegue a V Festa de Teatro, às 21,30 no novo Teatro Municipal, com «D. Rosinha a Solteira» de Lorca, pela Companhia de Teatro de Almada.
SETÚBAL (13º Festival de Teatro): no Teatro de Bolso às 21,30, o «Théâtre Le Globe» de Nantes com «Le Tigre»; Nos Claustros às 21,45 0 «Teatro Maizum» com «Lisboa Monumental» de Fialho de Almeida»; em Azeitão na Soc. Perpétua, às 21,30 o Teatro Ibérico com «Os velhos não devem namorar» de Castelao.

BAILADO

GULBENKIAN (anfiteatro ao ar livre): às 21,30, «Lago dos Cisnes», pela Companhia Nacional de Bailado. Versão coreográfica de Armando Jorge, segundo as coreografias originais de Marius Petipa, Lev Ivanov e Ninette de Valois. Música de Tchaikowsky.

MUSICA

RUÍNAS DO CARMO: às 21,30, Concerto de abertura do Verão com a Orquestra Sinfónica da RDP sob a direcção do maestro Silva Pereira, com o violino solista Pedro Teixeira da Silva. Obras de Beethoven e P. Sarasate.
GRÉMIO LITERÁRIO: às 22 horas, mais um recital pelo Quinteto Rossini - Ottoni, em colaboração com o Institutop Italiano de Cultura, hoje com música pop, jazz e ragtime.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às 18,30 «Prémios Louis Delluc» com «Má Raça»/1986 de Leos Carax, com Juliette Binoche e Michel Piccoli; às 21,30 «Ciclo Billy Wilder» com «Irma La Douce» com Jack Lemmon e Shirley McLaine.
INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: às 19 horas, Ciclo Jean Renoir com o filme «Boudu Sauvé des Eaux/1932, com Michel Simon e Charles Granval

MÉDICO DE URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Frazão**, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS - LICEU D. DINIZ: Lopes Cortez**, R. Rui de Sousa, lote 65-A, loja B (T. 886565); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALCÂNTARA: Vieira Rosa**, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREEIRO: Vera Cruz**, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMÕES: Sanitas**, P. Luís de Camões, 22-24 (T. 322798); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE: Salutar**, R. Conde Redondo, 9-B (T. 533411); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Bento Lino**. Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: Parque**. Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 48 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Pernamente; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 4375566). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

DL TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Teatro Municipal de Almada

R. Conde Ferreira — Tel. 275 21 75

De 3.ª a domingo às 21.30; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.30.

«**D. ROSINDA, A SOLTEIRA**«, de Federico Garcia Lorca. Pela Companhia de Teatro de Almada — Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite. Cenografia e figurinos de Vasco Elói.

TII.

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)
Tel. 639974
(Sábados e domingos, às 16.00)

«**A NÚVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER**», de Fernando Bento Gomes.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**A RUA**«, de Jim Cartwright. Pelo Novo Grupo. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Cenografia de José Carlos Barros. Figurinos de Maria Gonzaga. Música de Eduardo Paes Mamede e Simon Wads.

Teatro do Bairro Alto

Sala Manuela Porto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 661515
De 3.ª a sáb. às 21.30; domingos às 16.00

«**COMUNIDADE**«, de Luiz Pacheco, pela Cornucópia. Encenação de José Carretas, cenografia de João Brites e música de Luís Pedro Faro. Interpretação de Cândido Ferreira (Sala Manuela Porto, de 3.ª a sáb., às 21.30; dom. às 16).

Teatro da Nova

Av. de Berna, 24, Telef. 369821. De 2.ª a sábado, ás 21.45.

PROMETEU, de Esquilo, Platão, Fernando Tavares e W. Reich, pelo grupo de Teatro da Nova e o Clube Português de Artes e Ideias. Encenação de Carlos Fogaça, música de José Júlio Lopes.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, Telef. 601866. De 4.ª a sáb., às 21.30; dom., às 16.

LISBOA MONUMENTAL, de Fialho de Almeida, pelo Teatro Maizum. Enc. de Silvina Pereira, dram. de Manuel João Gomes, cen. de Henrique Nunes, fig. de Ana Andrade, mús. de Rui Luís Pereira e int. de Alfredo Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira.

Nacional D. Maria II

Rossio. Telef. 372246
Sala Garrett: de 3.ª a sáb. às 21.30; sáb. também às 16.

O FIDALGO APRENDIZ, de D. Francisco Manuel de Melo, em versão actualizada de Norberto Varela Silva e Octávio Clérigo, cen e fig. de Octávio Clérigo mús. de Fernando Guerra, direc. mus. de Jorge Machado, apoio vocal de Luís Madureira, apoio coreog. de Vicente Trindade e int. de Raul Solnado, Ruy de Carvalho, Barroso Lopes, entre outros.

Sala Experimental: de 3.ª a sáb. ás 21.45; dom., ás 16. Estreia dia 3.
CRIMES DO CORAÇÃO, de Beth Henley. Encenação de João Canijo. Interpretações de António Feio, Margarida Rosa Rodrigues, João Cabral, Rita Blanco, Susana Borges e Teresa Corte-Real.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

«**OS VELHOS NÃO DEVEM NAMORAR**«, de Alfonso Daniel Castelao. Pelo Teatro Ibérico. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Música de Carlos Alberto Moniz.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00; domingos, às 21.30

«**OLHA A BOLSA Ó ZÉ**«. Com Carlos Miguel, Natalina José, Joel Branco, Glória Cristal, Amélia Videira, Paulo César, João Rodrigo e Rui de Sá, entre outros.

Teatro Vasco Santana

Av. da República (na Feira Popular) — Tel. 768609. De 3.ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16.

«**AS DUAS CARTAS**», de Júlio Diniz, pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Enc. de Luzia Maria Martins, e cen. de Luís de Matos. Int. de Manuel Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Setúbal — Coro Alto do Conv. de Jesus

Dias 30 de Junho, 1 e 2 de Julho às 21.30.

«**OS LUSÍADAS**», pelo Grupo de Teatro «Máscara». Versão de Rui Pisco e Pedro Wilson segundo a obra homónima de Luís de Camões. Interp. de Rui Pisco, Pedro Wilson e Pedro Alpiarça, dança e figuração de Isabel Ferreira, execução musical de Abílio Viegas e Pedro Queiroz.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Avenida Fausto de Figueiredo, telef. 2670320. De 4.ª a sáb. às 21.30; domingo às 17

«**OPERETA**», de Gombrowicz, pelo TEC-Teatro Experimental de Cascais. Enc. Carlos Avilez, cen. e fig. Paulo Seabra, mús. orig. Luís Pedro Fonseca, coreog. Sara Oliveira, apoio corp. George Stobaerts, apoio vocal Cristina Castro.

Instituto Alemão

Campo dos Mártires da Pátria, 37 — Tel. 530305

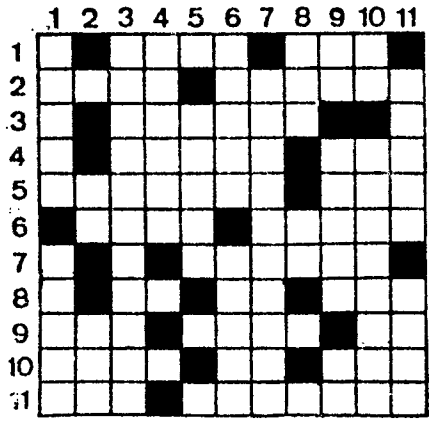
«**D. JOÃO VOLTA DA GUERRA**» de Odon von Horvath, por um grupo de finalistas do Curso de Teatro e Cinema do Conservatório, enc. de Rui Mendes.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 379

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Fértil. Recusa.
2 Fúteis. Lebres (Prov. alent.).
3 Trigueiro.
4 Aplana. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco.
5 Enfeitaram. Prefixo que designa três.
6 Mil novecentos e um em romano. Naipe das cartas de jogar.
7 Dão entrada (os barcos).
8 Cento e um em romano (inv). Preposição e artigo (inv). Um cento.
9 Contemplar. Angra. Pronome pessoal.
10 Aniversário. Batráquio. Catálogo.
11 Sadias. Receasse.



VERTICAIS:

1 Admoestação. Tempo do verbo dever.
2 Artigo definido. Antiga unidade de monetária da Alemanha. Eia!
3 Colecções de romances.
4 Separam de.
5 Escarneceria.
6 Pançuda. Indigente.
7 Apaixonaram.
8 Negativa. Satélite de Júpiter.
9 Antigo testamento. Missiva (inv). Césio (s.q.).
10 Preposição e artigo (inv). Obrigas-te a.
11 Transpirais. Introduz.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 378**

HORIZONTAIS;

1 CADA. UM. É.
2 Arredais. Ar.
3 Miarei. Urca.
4 Pá. Casam.
5 Ossarias. Ia.
6 Osa.
7 Fel. Suar. Oi!
8 És. Tromba.
9 Litão. Asar.
10 Horar. Damas.
11 Osaca. Arosa.

VERTICAIS:

1 Campo. FILHO.
2 Árias. Jos.
3 Dra. Soletra.
4 Aéreas. Caãs.
5 DE. Ras. Ora.
6 Uai! Ut.
7 Mi. Camarada.
8 SUAS. Rosar.
9 É. Rs. Mamo.
10 Açaí. OBRAS.
11 Tramaria. Sa.

PROVÉRBIO:

Cada um é filho de suas obras.

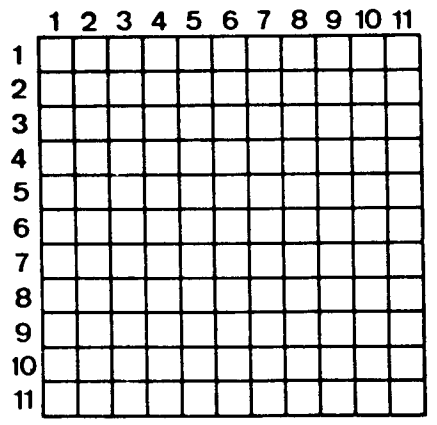
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 200

HORIZONTAIS:

1 O mais. Disfarce (fig.). Crença.
2 Suspiros. Cidade do estado de S. Paulo.
3 Rachados. Nota musical.
4 Solitário. Envolve em pão ralado (inv). Consentimento.
5 Valente (fig). Oculto.
6 Planta têxtil do Ceará (pl). O mesmo que amir.
7 Cidade da Galileia. Nome de mulher.
8 Nome de homem. Aterrorizas.
9 Ornamento que os reis medos e persas punham na cabeça. Senhores.
10 Cânhamo de Manila. Em a.
11 Planalto. Meigos.

VERTICAIS:

1 Cidade dos Países Baixos. Mil e cem em romano.



2 Cap. do dep. do Ródano na confluência do Ródano e do Sona. Um dos estados dos EUA, nas montanhas rochosas.
3 Abreviatura de Santíssimo. Trezentos e dois em romano.
4 Tombara. Prefixo de privação.
5 Desampararam.
6 Cousa nenhuma. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
7 Cada um dos corpos que constituem o Exército. Preposição.
8 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Reis.
9 Vestimenta rústica (pl).
10 Arquipélago da Malásia, no mar da China.
11 Nome de frutos. Manuscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 199**

HORIZONTAIS:

1 Jarcandá. Be.
2 Aparta. Emas.
3 Cri. Sra.
4 Kuanon. Esta.
5 Sm. Apó. Açor.
6 Ao. Re. Usam.
7 Ni. Alas. Ras.
8 Sr. Arpoara.
9 Erram.

VERTICAIS:

1 Kackson. Kul.
2 Aprumais. Li.
3 Raia. Ruas.
4 Cr. Nara. Na.
5 Atropelamos.
6 Na. Nó. Ar.
7 Uspe.
8 Aéreas. Orça.
9 Mascararam.
10 Ba. Tomara.
11 És. Ar. Samos.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Cancioneiro popular português; **17.25**: Nove transcrições, para piano, de João Sebastião Bach; **18.40**: Seis canções, de Mozart; **19.00**: Integrais; **19.33**: Pequeno concerto de câmara; **20.40**: Danças, de «A Noiva Vendida», de Smetana; **21.00**: A ciência e a vida; **21.25**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.00**: Ao serão, com Franz Liszt; **23.30**: Intercâmbio musical; **01.15**: Ao serão, com Franz Liszt; **02.00**: Disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

17.00: Média alta; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **23.30**: Tempo e resultados; **24.00**: 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Espaço Lubritex; **20.00**: Espaço Inforgal; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: Aś mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55** Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

10.00: Cem mais; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Triângulo; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço.

TELEVISÃO

RTP1

15.50 - Brinca Brincado
«Defensores da Terra» e Fábulas da Floresta Verde»

17.00 - Ponto por Ponto

18.00 - Estúdio 4

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.08 - O Tempo

20.15 - Vamos Jogar no Totobola

20.40 - Roque Santeiro
188º Episódio: Feijó chega a acordo com Terêncio em relação à marcação de uma nova data para depor. Malta, ajudado por Flô e Zé das Medalhas, combina com o padre Hipólito a melhor maneira de fazerem o enterro de Roque parecer realidade. Zé, desconfiado pelo excesso de devoção de Lulu, pergunta-lhe a razão de tantas orações, pois não imagina qual será o pecado susceptível de originar tamanho arrependimento. Pouco depois, vai ter com o matador e diz-lhe que Roque já morreu.

21.35 Primeira Página
Com o Professor Cavaco Silva

22.45 - Pulasky, Detective Privado
Último episódio: Numa festa comemorativa dos trinta anos do seu casamento, Celia confidencia que Chalers, o seu marido, está a ser objecto de chantagem por causa de um alegado incidente num clube nocturno.

Contra a vontade do sogro, Larry decide investigar o caso... e termina envolvido numa luta entre grupos de criminosos.

Realização de Christopher King

23.50 - 24 Horas

00.20 - Remate
Inclui: Volta a França em bicicleta

RTP2

16.30 - Trinta Minutos Com...
Dr. Pereira Osório

16.55 - Imigrantes
Último episódio

18.00 - Histórias Fantásticas de Ray Bradebury
2º Episódio

O último episódio da série «Pulasky, Detective Privado», no 1º canal às 22.45

No 2º canal às 22.05, «O Último Combate» em Cinemadois

18.25 - Music Box
David Bowie

19.20 - Totally Live

20.00 - Clássicos na TV
«O Fugitivo»: Kimble é descoberto por um ex-camarada na guerra da Coreia que lhe vota um ódio mortal.

20.50 - Cem Obras de Arte Portuguesa

21.00 - Jornal das Nove

21.35 - Montra de Livros

21.40 - Lá em Casa Tudo Bem
«Horácio inicia-se como pintor»

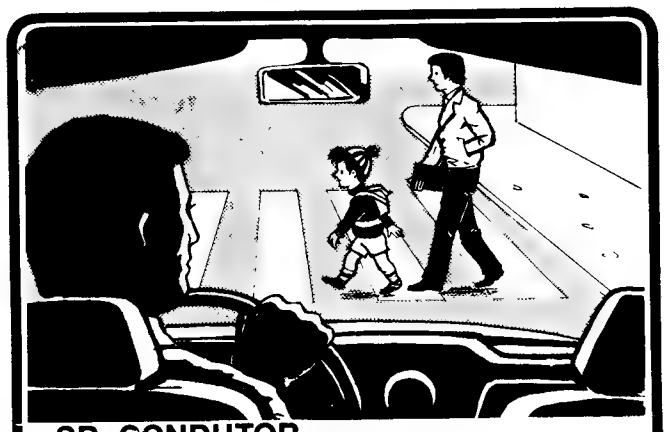
22.05 - Cinemadois
«O Último Combate»: O tempo é o futuro. Um futuro trágico: vive-se o pós-apocalipse nuclear. Um homem deambula pelo deserto à procura do que resta da civilização. Descobre um «gang» que mantém um anão prisioneiro. Acaba por conseguir fugir num avião, em direcção a uma cidade em ruínas. Aí encontra um médico que tem uma mulher fechada numa cela e pinta estranhos quadros com cenas pré-históricas.

Um filme de Luc Besson, com Pierre Jolivet, Jean Bouise, Jean Reno e Fritz Wepper.

AMANHÃ

RTP-1
09.01 - Bom dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Fama
14.20 - Animais
14.50 - Scott Jarett
15.50 - Brinca Brincando
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Estúdio 4
18.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.08 - O Tempo
20.20 - Roque Santeiro
21.15 - Lotação Esgotada
24.00 - 24 Horas
00.35 - Remate

RTP-2
14.31 - Filhos e Filhas
14.55 - Agora, Escolha!
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.40 - Viagem do Mimi
18.05 - Hans, na Maior
19.05 - Totally Live
20.00 - Clássicos da TV
20.50 - Cem Obras de Arte Portuguesa
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Joana
22.25 - Clube de Imprensa
23.10 - Fantasia e Realidade

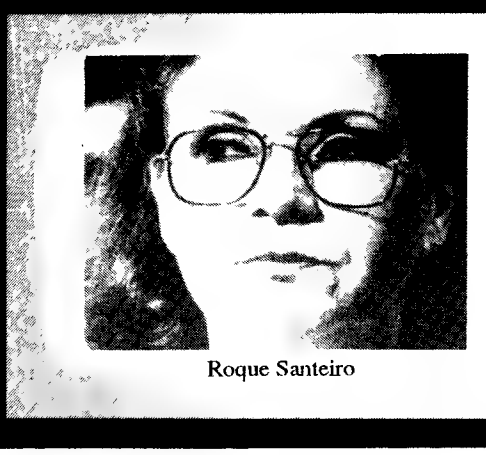


GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1 15.50 - Brinca Brincando

RTP2 22.05 - Cinemadois

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871


Roque Santeiro

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

Um caça «Phamtom» do Exército alemão federal despenhou-se hoje perto da cidade de Stade, no nordeste do país, provocando ferimentos ligeiros num dos dois pilotos que conseguiram ejectar-se do aparelho. Um porta-voz da polícia afirmou que o jacto, não armado, efectuava uma manobra de treino a baixa altitude quando, provavelmente, embateu contra a copa de alguma árvore, o que poderia ter provocado o seu despenhamento.

Preços dos medicamentos não poderão subir mais de dez por cento

O valor de venda dos medicamentos não poderá ser superior ao somatório das duas margens de comercialização definidas legalmente - informou Teresa Ricou, directora-geral de Concorrência e Preços, referindo que esta nova metodologia no aumento dos medicamentos irá permitir que os preços ou se mantenham ou só subam até uma percentagem de dez por cento.

O anúncio foi feito durante o encontro/debate sobre legislação comunitária e concorrência que no passado dia 1 reuniu cerca de 150 representantes do sector farmacêutico no Hotel Sheraton, em Lisboa, e só agora tornado público.

A propósito da legislação comunitária que vem sendo aprovada, Teresa Ricou afirmou que «Portugal não tem dificuldades de adaptação neste sector». Respondendo a dúvidas levantadas por responsáveis empresariais, a responsável pela Direcção-Geral de Concorrência e Preços frisou que aquele organismo só fiscaliza os medicamentos de uso humano, no seu preço de venda ao público, adequando-o às normas legais.

Maria da Luz Dias Costa, chefe de divisão da mesma entidade, explicou durante os debates que além das especialidades farmacêuticas de uso humano existe o regime de venda livre nos medicamentos, que confere às empresas liberdade de fixarem os seus próprios preços em qualquer dos estádios, produção, importação e comercialização, podendo a administração intervir, recomendando ou fixando novos preços.

As especialidades farmacêuticas de uso veterinário, tendo igualmente o objectivo da salvaguarda da saúde pública, estão sujeitas ao regime de preços vigiados, na produção e importação. Este regime consiste na liberdade das empresas produtoras ou importadoras fixarem os seus preços, estando a Direcção-Geral de Concorrência e Preços incumbida de fazer o acompanhamento do sector e a análise das causas que originam as alterações as alterações nos preços praticados.

LOTARIA POPULAR

1º—245230.....	1 500 000$00
2º—311892.....	500 000$00
3º—466947.....	250 000$00
4º—094963.....	150 000$00
Terminações em 230.....	60 000$00
Terminações em 892.....	10 000$00
Terminações em 947.....	2 500$00
Terminações em 963.....	1 000$00
Terminações em 19,37,48,57,63...	500$00

CENTRO PORTUGUÊS DE ENSINO PRATICO PROFISSIONAL. LDA.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL QUALIFICADA

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA CURSOS DE FORMAÇÃO DE

AUXILIAR TÉCNICO/A FISIOTERAPIA
(MASSAGEM FISIOTERAPIA ELECTROTERAPIA)

SHIATSU
(MASSAGEM DE RECUPERAÇÃO ORIENTAL)
OUTROS CURSOS CABELEIREIRA · ESTETICISTA
CALISTA · ACUPUNCTURA

CREDENCIADO COMO ENTIDADE FORMADORA POR DESP. DO SEC. EST FORMAÇÃO PROFISSIONAL)

RUA DE SÃO BENTO, 311-R/C
(Junto ao Largo do Rato)
1200 LISBOA – TEL. 67 39 60

DIPLOMA · CARTA DE CURSO · ESTÁGIO EM CENTRO DE ESTÁGIOS PRÓPRIO

DECLARAS

JOÃO MEDINA, professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, e os assistentes do departamento de História, drs. Sérgio Campos Matos e António Ventura, numa edição do Centro de História da Universidade de Lisboa (I. N.I.C.), publicaram um volume de «Estudos sobre António Sérgio». Não esmorece o interesse pela obra do ensaísta. No volume agora publicado, João Medina trata o tema «Sérgio e Sidónio — Estudo do ideário sergiano na revista 'Pela Grei' (1918-1919)»; Sérgio Campos Matos escreve sobre «Ensaísmo e doutrina social em António Sérgio»; António Ventura divulga o epistolário entre António Sérgio e o matemático e pedagogo Ferreira de Macedo.

ANTÓNIO GUTERRES, em entrevista hoje publicada no «Diário de Notícias» considera que Cavaco Silva prepara a sua candidatura a Belém, o que explicaria os conflitos que, diz, ele tem criado. «Quando Cavaco Silva vê a sua popularidade baixar, sente que precisa de destruír a de Mário Soares, com o objectivo de abrir um espaço para a sua própria candidatura, até porque não dispõe facilmente de outro candidato credível», comenta.

EUGÉNIO ANACORETA CORREIA, o novo embaixador de Portugal em S. Tomé, entregou ontem as suas cartas credenciais ao Chefe do Estado, Manuel Pinto da Costa. A cerimónia realizou-se no Palácio do Povo, em S. Tomé, e contou com a presença de membros do Governo e de altos funcionários do gabinete do Presidente da República de S. Tomé e Príncipe.

FERNANDO NOGUEIRA, na sua condição de ministro da Justiça de Portugal, assinou com o seu homólogo da Guiné-Bissau, um acordo de cooperação judiciária que englobará também os serviços de registos e notariado. «Queremos passar das palavras à acção. Ao verbo pretendemos associar a eficácia e a operacionalidade da realização concreta», disse o ministro português, salientando o facto de o sector da Justiça constituir uma das áreas prioritárias do programa bienal de cooperação entre os dois países.

STEVIE WONDER revelou que tem nos seus horizontes vir a ser presidente da Câmara de Detroit, cidade onde nasceu. «Talvez um dia concorra às eleições», referiu o cantor em entrevista que concedeu a uma rádio local. Frisou, no entanto que nunca disputará o cargo de «mayor» ao actual presidente, Coleman Young. Para ele, há questões importantes a serem resolvidas como é a droga, os «gangs» de rua e o falhanço das estruturas familiares.

ANATOLI KARPOV, lidera a classificação das Taças do Mundo de Xadrês, após o segundo torneio concluído há dois dias em Belforte, França, que foi ganho pelo campeão mundial Garry Kasparov que, de resto, só tem ainda um torneio disputado.

Socialistas da Câmara de Lisboa querem saber o que há sobre transportes

Os vereadores socialistas da Câmara Municipal de Lisboa, exigiram que a edilidade seja informada sobre medidas em preparação no sector dos transportes que terão reflexos directos em Lisboa.

Os vereadores socialistas denunciaram a «crescente governamentalização do planeamento e da gestão da cidade» e consideraram que «não é possível assistir impavidamente ao anúncio público de medidas que podem afectar grandemente a vida dos lisboetas, tomadas sem qualquer intervenção significativa da Câmara e à sua revelia».

Referindo que «a média de tempo gasto em transportes pelos cidadãos que aqui vivem e trabalham é de duas horas por dia (quase cinco anos de vida para quem viva 60 anos)», os vereadores do PS afirmaram que «decisões fundamentais quanto à rede de transportes urbanos estão a ser preparadas à revelia da Câmara».

Depois de porem em causa as prioridades estabelecidas pelo Governo ao colocar «a construção da auto-estrada de Cascais à frente da construção das circulares interior e exterior», os autarcas exigem que a Câmara de Lisboa tome conhecimento, aprecie e participe na decisão sobre «medidas que o Conselho Superior de Obras Públicas prepara, com reflexos directos em Lisboa e envolvendo os interesses de populações da margem sul e dos concelhos a norte de Lisboa».

«Novos prolongamentos do Metro, eléctricos rápidos, novas ligações dos caminhos-de-ferro, 'autocarros de luxo', são medidas que, cum surpresa, vimos referir sem conhecermos exactamente os estudos mais recentes que existem e sem que seja submetida à apreciação desta Câmara a sua oportunidade e as alternativas e as opções que se colocam», declararam os vereadores socialistas.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 361

FRANÇOIS JACOB, REESTRUTURAÇÃO, PERESTROIKA

Se esqueci, é que o mesmo já não é o mesmo

Por maior atrevimento que seja o nosso, quer–nos parecer que esta Autobiografia de François Jacob (Publicações Dom Quixote, tradução de Regina Louro), se enquadra nos tempos que, a nível universal, estamos vivendo no ir–se da presente décaca...

E porquê...? Pura e simplesmente porque o autor, biólogo de todos considerado, ponto de referência para todos quantos sobre a Biologia se debruçam, nos fala sobre *reestruturação*, se pronuncia sobre os antepassados que somos de nós próprios, sobre os muitos rostos que no decorrer da vida olhamos no espelho. Servindo–nos de um esquema simples, poderíamos dizer que em certo momento fomos «A», e depois nos vimos como «B», e finalmente (finalmente...?) nos encontramos como «Z». Porque nos fomos traíndo, ano a ano, pelas casas do calendário...? Não: aconteceu é que nos fomos adaptando ao constante parto do novo.

Esta *reestruturação* que ora nos oferece François Jacob é sinónima (porque temer o juízo da nossa audácia...?) de ***perestroika***. No sentido mais profundo do termo. Que nos lembremos (para apoio do nosso raciocínio) de uma obra clássica do autor: *A Vida da Célula*. Nesta obra, Jacob parte do particular para o universal, mostrando–nos a interdependência de todos os milímetros do corpo humano, de como todas as células se renovam, enfrentando sempre novas situações, inclusive o envelhecimento —e isso porque também o envelhecimento é uma nova maneira de ser...

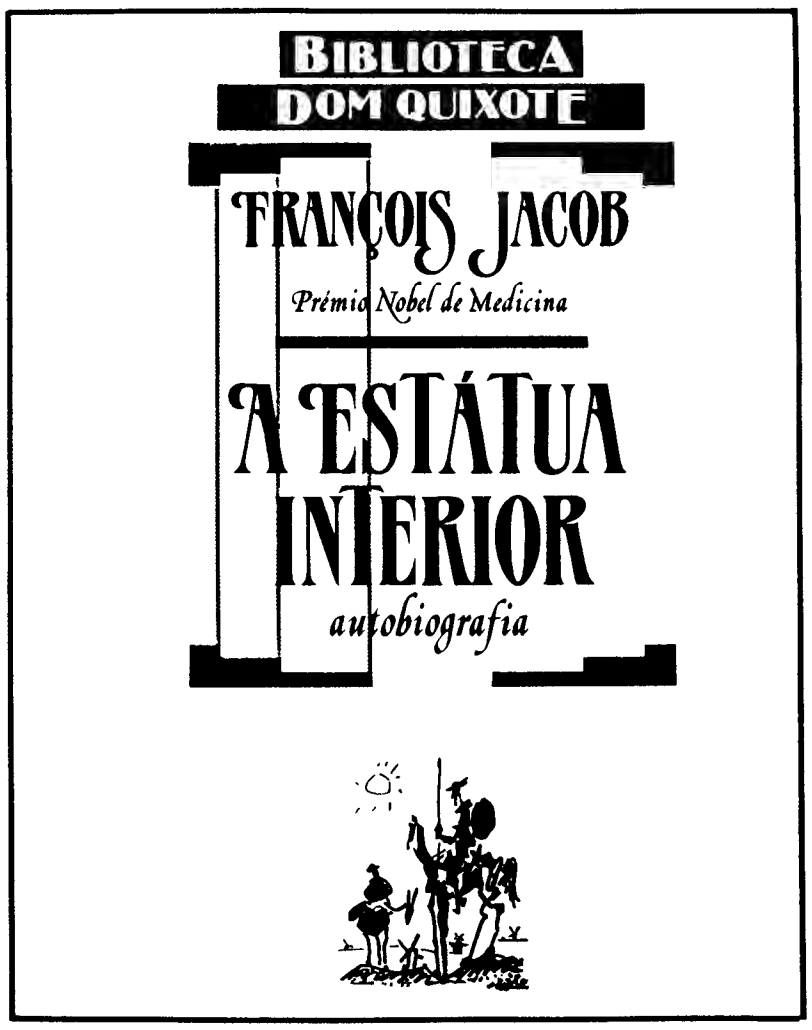
Ora se a própria vida assim se comporta, se tudo é sempre mudança, como admitir a impossibilidade de não se poder tocar numa vírgula neste ou naquele texto, nesta e naquela cartilha, nesta ou naquela inscrição histórica...? A continuidade não pode ser sempre continuidade. Escreve François Jacob: «Mais do que uma continuidade, vejo a minha vida como uma sequência de personagens diferentes, quase diria de estranhos...» Atenção, porém: esse modo de ser diferente mais não é do que a adaptação a situações concretas, a algo de novo que surge, a alguma coisa que é outra manifestação da realidade. Do ser. Temos de esquecer, muitas vezes, o que, em certo momento, nos foi querido de seguir e partilhar. Ou por outras palavras: há certos pormenores que se tansmudam em pó, e outros são os caules que surgem, outras as flores, outros os frutos. E a verdade é esta: esquece–se sempre quando o mesmo já não é o mesmo — e a alteridade irrompe como interrogação feita à nossa rotina. Que se leia, pois, alguns parágrafos de François Jacob. Ei–los...

Pedro Alvim

O que me intriga na minha vida é isto: como cheguei a ser o que sou? Como se elaborou esta personagem, eu, que reencontro todas as manhãs e à qual terei de acomodar–me até ao fim? Mas esta vida, como agarrá–la? Como descrevê–la sequer? Através de uma sequência de acontecimentos, de uma série de situações, de anedotas inseridas numa cronologia? Mas a memória não restitui a vida e o seu desenrolar. Lança fogos–fátuos sobre a fantasmagoria de uma festa breve ao mesmo tempo que envolve numa nebulosa de tristeza a tranquilidade de um trabalho prolongado. Sob um projector invisível, ilumina continentes desconhecidos. Faz surgir terras insuspeitadas. Algumas reflectem os estilhaços do imaginário. Outras, os relâmpagos do passado. Um passado que tenho de provocar pacientemente. Onde, a cada instante, devo buscar o meu caminho entre as lembranças que me perseguem e as que me fogem.

Se, então, nesta série de imagens que me oferece a memória, me é difícil encontrar a minha vida, como defini–la? Por uma continuidade? Por uma permanência? Decerto que não. Talvez, vista de fora, a vida de um ser que é habitado por uma paixão única pareça por vezes tão recta e tensa para um fim como a trajectória de uma flecha. Durante muito tempo, admirei os heróis que avançam sempre, sem falhar, pelo mesmo caminho; cuja existência pode ser resumida numa fórmula. Aqueles que não cessaram de combater por: pela grandeza do seu país, pela glória do seu Deus, pela liberdade, pela independência, pelo progresso da ciência, pela conquista do poder, para juntar dinheiro. Ou aqueles que nunca pararam de lutar contra: contra o país vizinho, contra o Deus dos outros, contra a miséria, contra a ignorância, contra os privilégios, contra a desigualdade, contra um tirano, contra o mal. Com a idade, entretanto, aprendi a desconfiar desses heróis, da sua perfeição, do seu absoluto. Em primeiro lugar porque, uma vez Homero e Plutarco revistos por Freud, já ninguém pode ignorar, após a puberdade, que atrás do herói se esconde geralmente um monstro. E também porque a história mostra bem que não há nada tão perigoso, tão assassino, como as ideologias, os fanatismos, as certezas de ter razão. Nada causa tanta destruição, miséria e morte como a obsessão de uma verdade considerada absoluta. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram perpetrados por virtude, em nome do nacionalismo legítimo, da religião ver-

cont. na pág. 4



Os filhos de que século?

«A vida é um grande mistério se repararmos bem.

Em conclusão, desde a história com o René, apesar de tudo, eu regalava-me quando as via; por um lado, tinha-lhes posto os cornos a sério, a todas elas, indo pescar um da mesma geração e fazendo-o apreciar a diferença. O pai René quando se apanhou na cama com a patroa naquele famoso sábado do armazém e do banho de frescura deve ter tido uma destas desilusões. Não sei qual delas é mas a mercadoria é a mesma e quando elas olhavam para mim como se me despissem eu olhava-as da mesma maneira e não era a primeira a baixar os olhos. Pelo menos isso tinha lucrado com o René, embora, por outro lado, ele tenha conseguido estragar uma boa recordação não se calando depois. Ora. Os dias passam. A pele é nova todas as manhãs. Os rapazes são leves e lisos e graças a Deus com eles, para se falar, é:

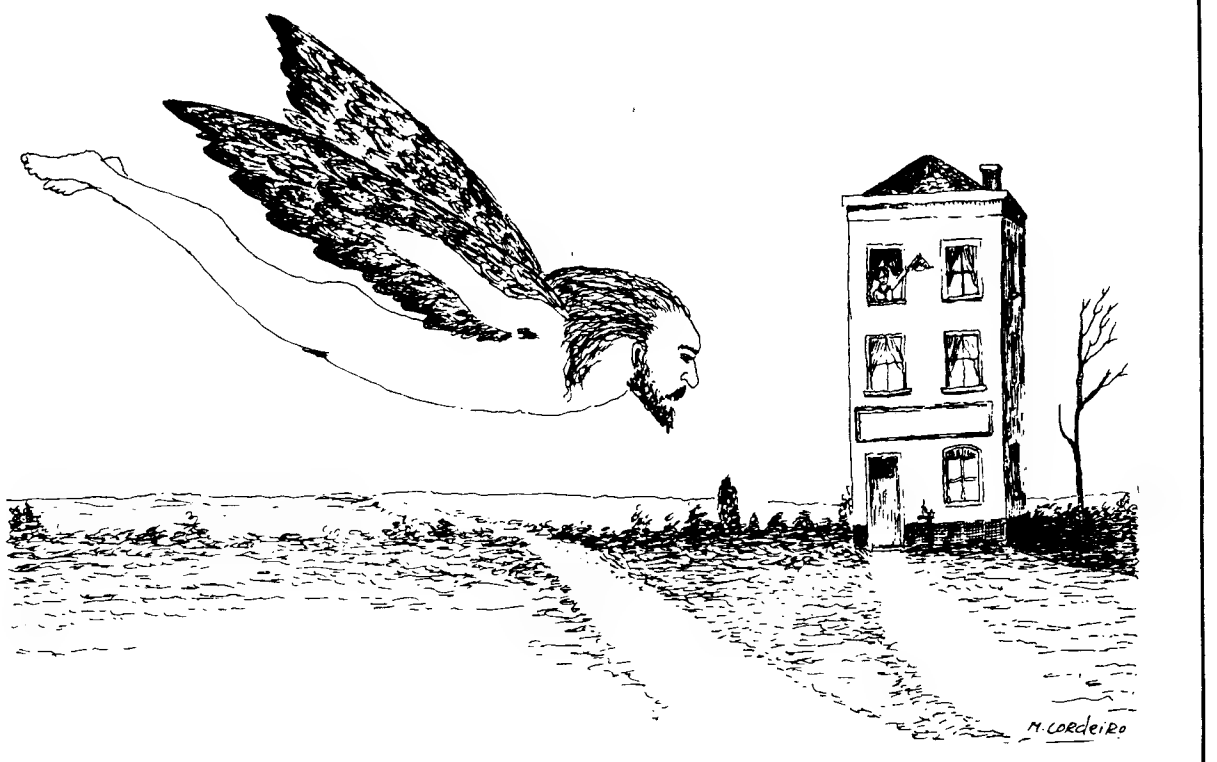
— Às nove?

— Tá.» (pág. 97).

Com o seu livro «Os Filhos do Século», Christiane Rochefort publicada pela Presença na Colecção Aura, pretende ser, como se diz na contracapa do livro agora traduzido em língua portuguesa «arauto de uma certa geração», dos mitos urbanos que presidiram à macrocefalia das grandes metrópoles, com um certo desejo nostálgico e utópico de retorno a um estado «natural», ele próprio mítico, mas nem por isso menos determinante de

cont. na pág. 2

A Cidade dos Prodígios



Onofre Bouvila chega a Barcelona. Apesar de garoto (tem treze anos), vem tentar a sua sorte num meio nada semelhante àquele em que crescera. Fá-lo por ambição. Também por ter assistido à pública exposição da miséria paterna: o pai (João Bouvila), depois de ter fracassado como emigrante em Cuba, Pregressa como um rico fingido...

Enfim! Com o dinheiro suficiente para pagar uma semana de pensão, Onofre Bouvila instala–se na do senhor Braulio. Este, aparentando ser um esposo e pai banal, tem uma outra vida - a das suas deambulações nocturnas, e vestido de mulher, por um bairro sórdido. É homossexual!

Quanto à filha (Delfina) perfilha as ideias anarquistas do grupo do namorado. De um modo discreto, pois anda sempre submersa no trabalho. Protegida pelo gato (Belzebu) que não permite a ninguém aproximar–se dela.

Ferozmente voltada sobre si mesma, Delfina arranja o primeiro a Onofre Bouvila. Que emprego? O de ir distribuir panfletos revolucionários no espaço onde se realizará a I Exposição Universal de Barcelona. O que este faz com êxito e o instrui - aprendeu a ler para explucar a papelada distribuida.

Importa a Onofre Bouvila sobreviver. Porém, não lhe interessava arriscar a vida por ideias em que não acredita. E é assim que, enquanto distribui a propaganda anarquista, começa a comercializar tónico capilar. Se torna sócio, nesse negócio, de Efren Castels...

Vai acumulando dinheiro no colchão do padre que vive na pensão por lhe parecer um bom esconderijo. Consegue conciliar a actividade revolucionária com a de usurário. Porém, quer mais, embora o obceque a imagem de Delfina. Deseja a filha de Braulio. Persegue-a. É com este estado de espírito que sai da pensão no encalço da mulher perfumada que, furtiva, se fizera à rua... Se introduz em ruelas perigosas e a vê drogar–se. Aspirar um pó branco que lhe dava bem estar e a levou a uma taberna. Aí a mulher apanha um murro e é posta na rua. Onofre Bouvila socorre-a, pois sabe que a «mulher» é pura e simplesmente o senhor Braulio.

Bom! Onofre Bouvila terá de arranjar outro processo de apanhar Delfina porque, afinal, a noctívaga

cont. na pág. 4

Os filhos de que século?

cont. da pág. 1

grandes movimentações sociais dos anos sessenta e setenta. Mas consegui-lo-á integralmente esta escritora com uma actividade dividida entre a escrita, a pintura, a escultura, o jornalismo e a frequência de cursos como a psiquiatria e a etnologia? Antes de responder a esta pergunta que coloco a mim mesma e antes de, antecipadamente, dar a conhecer para quem ainda não leu esta novela (romance?), gostaria de dar a conhecer aos meus leitores o meu posicionamento, a minha perspectiva, o ponto de vista a partir do qual um livro me agrada ou desgosta, me surpreende ou confunde, me faz sentir numa grande plenitude ou me provoca um profundo vazio. Tenho consciência de que um crítico literário ou um leitor de livros para os outros, como preferirem, não se dirige a um público homogéneo. Antes, bastante diversificado e heterogéneo (e quanto mais o for maior é a versatilidade exigida ou que se impõe a quem lê pelos outros ou, mais, pretende ajudar os outros a ver o que acabaram de ler ou virão a ler) e, consequentemente, deve ter em consideração os olhares, os juízos pré-concebidos e os valores estabelecidos dos outros que, eventualmente, constituirão o potencial público consumidor/leitor de uma determinada obra literária em referência. Sendo imparcial, o crítico não pode perder a sua individualidade intrínseca. Tendo os seus valores estéticos, éticos e literários, não pode navegar nas águas da intolerância. Em primeiro lugar, não considero a Literatura como um conceito abstracto e, logo, vagamente Universal. Antes, se presentifica nas várias Literaturas de cada País, de cada Cultura e Subcultura, do Mundo próprio que é o do escritor que reiventa o Mundo real ou imaginário que o circunda.

A Literatura presentifica-se num livro e só atinge a universalidade quando, embora com raízes, disser respeito ao fenómeno mais misterioso do Universo, o ser humano. Assim, depreende-se que haverá uma hierarquia na Literatura. Literatura de escritores maiores e literatura de escritores menores o que não corresponde bastantes vezes é contrariada tal hipótese o que num mundo de supremacia cultural seria uma constatação inevitável a que um «best-seller» seja uma obra de Literatura Maior ou Universal. Admito, respeitando as regras da própria Natureza, não

ser possível a existência do Maior sem a do menor tal como não podem existir Árvores Frondosas sem ervas ausentes de qualquer magnificência ou o Ser Solitário sem o frenesim das multidões. Tudo faz parte do Mundo e o Mundo é múltiplo. Contudo, independentemente de ser uma obra de Literatura Maior ou menor, um romance pode ser um romance de tese, pode aparecer-nos como o discurso de um grande poder de criatividade e pode ser uma história bem contada. Normalmente, um Grande conto, uma Extraordinária novela ou um Maravilhoso romance, consegue ser as três coisas ao mesmo tempo. O que se passa, o que sinto eu, com «Os Filhos do Século» de Christiane Rochefort? Situada no meio termo entre a Literatura Maior e a literatura menor, querendo ser uma novela (romance?) de tese, limita-se a um perfeito conhecimento sociológico do que se passa com uma geração despejada nas periferias das grandes metrópoles e, por último, uma história na ânsia de ser bem contada (não se tem bem em conta as cerca de três horas durante as quais se lê o que é contado) mas evidencia, quanto a mim, e apesar do prazer que certas passagens possam proporcionar, algumas irregularidades que não sei se se devem ao original ou à tradução. Não quero com isto dizer que se não trate de um livro que valha a pena ler. Mas, confesso a sensação confusa com que fiquei sem saber se tal se devia à insatisfação por intuir (ou saber?) que a autora não teria ido ao fundo do problema ou se por esta história poder ser melhor contada. Porque de facto, mais do que tratar-se de uma histórica escrita somos conduzidos à história contada pela personagem principal, Josyane, uma adolescente. É evidente que a autoria vestiu a pele de uma pele adolescente (papel ingrato já que, na adolescência, a pele parece ser renovada em cada dia que passa), pele essa traduzida aqui pela forma como fala, como vive cada situação no seio da família numerosa e no confronto com o mundo interior e o mundo exterior caracterizando, assim, essa geração perdida entre dois mundos: as fraldas e a independência, os rumances de faca e alguidar e a desorganizada liberdade sexual, a pobreza da cultura como forma de estar-no-mundo e o hedonismo consumista de uma cultura vista pelo avesso. Em certos momentos, não se sabe se estamos perante a realidade ou perante a ficção. Desejaria estar perante a ficção enquanto sublimação pela criatividade, do real. É o caso dos pais que elaboram um planeamento familiar ao avesso porquanto, ao ter mais um filho, recebem mais um subsídio do Estado generoso o que lhes permitirá substituir, finalmente, a velha máquina de lavar roupa por um modelo mais sofisticado ou comprar o tão desejado frigorífico a sério. A sério, a sério, depois de ler «Os Filhos do Século», livro que me parece destinado particularmente àquelas famílias que vão passar férias como a família de Josyane, apeteceu-me ter uma «scooter» para passear até à Brandoa ou ir a pé à Cinemateca para que me facultassem ver «Feios, Porcos e Maus». Lembrei-me, depois, e ainda a propósito destes «Os Filhos do Século» da realidade portuguesa. Lisboa não é uma grande metrópole. Mas é a que nos coube na lotaria do acaso. No entanto, veja-se uma cidade construída sobre o espelho do Tejo (bastante embaciado, diga-se de passagem), com uma Baixa agora transformada em sucursal de serviços enquanto as populações, arrastadas para os arrabaldes clandestinos, trazem às costas a província e escondem na algibeira os valores novos da «Grande Cidade» mito que não souberam nem podem saber assimilar já que de mito se trata. Há, sem dúvida, muitas Josyane, muitos Nicholas, muitos Patrick, muitos etc, etc, etc, na Pontinha, por exemplo. E lembro-me agora de uma rapariga da Presa (entre Pontinha e Caneças) invejando as vizinhas por, todas as noites, terem um Mercedes de um qualquer novo-rico empreiteiro daqueles prédios que cairão dentro de cinquenta anos. Mas não são estes os filhos do século? São uns dos filhos do século. E os outros? Para um título tão ambicioso, o objectivo não é atingido. Além disso, de que século falamos se estamos à beira do século vinte e um? Perguntas a que a autora não responde. E, apesar de tudo, prefiro a novela «Mandei-lhe uma boca» de Olga Gonçalves. — Editorial Presença.

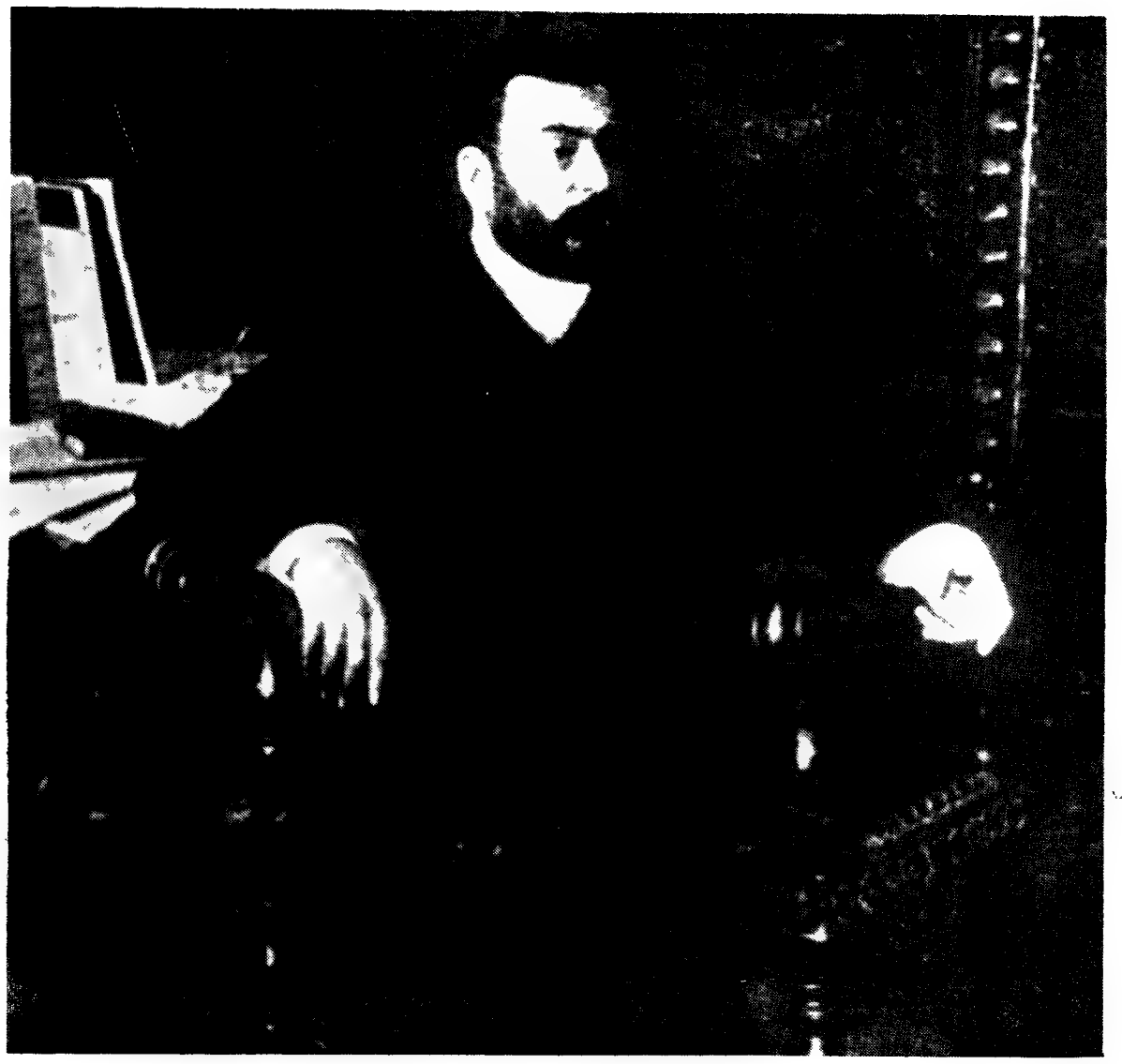
Fátima Murta

DOCUMENTOS INÉDITOS EXISTENTES NA BIBLIOTECA NACIONAL

Vitória de Oliveira Martins

Maria José Marinho

Fora em 1865, numa fria manhã de Fevereiro que Vitória de Mascarenhas Barbosa, de ascendência inglesa, se casara com Joaquim Pedro de Oliveira Martins, na igreja de Santa Maria de Belém. Ele só tinha 19 anos – faria os 20 no mês de Abril do ano seguinte – mas ela era um pouco mais velha, representando talvez, para o futuro historiador a esperança da estabilidade afectiva que a morte prematura do pai, vítima da febre amarela, o impedira de ter. Com efeito, Oliveira Martins ficara órfão aos doze anos, no início da adolescência, precisamente quando a estabilidade, dentro de célula familiar, é tão importante para o desenvolvimento harmonioso da personalidade.



Mas pelo que sabemos da relação entre ambos, Oliveira Martins teria feito escolha acertada. Tratava-se de uma mulher calma, tranquila o tipo de companheira imprescindível a um trabalhador incansável como o futuro autor de «Portugal Contemporâneo» para quem 4 ou 5 horas de sono eram suficientes para readquirir o equilíbrio físico e psíquico. Acolhedora para os amigos do marido, criava à volta dele aquele ambiente propício às longas cavaqueiras literárias e filosóficas tão do agrado da Geração de 70. Essa presença discreta e afável valeu a Jaime Batalha Reis, alguns meses depois da sua morte, em Março de 1922, um testemunho interessante em carta a Augusto de Castro de que reproduzimos alguns passos.

«Em volta do grande escritor Joaquim Pedro de Oliveira Martins – reuniu-se, por anos, um grupo de amigos – quase todos mortos já – alguns dos quais poderão, talvez, contar-se entre os mais audaciosos pensadores de Portugal. As suas discussões, versando todos os eternos problemas filosóficos, religiosos e sociais, eram, por vezes, intensamente revolucionários e, sem dúvida, à luz das crenças ortodoxas, católicas, quase sempre ímpias.

«Mas todas as discussões cessavam na presença da Sr. D. Vitória, cuja piedade religiosa todos conheciam e respeitavam. Não aparecia ela, muitas vezes, discretamente, para não constranger os seus hóspedes; ou vinha vê-los, sentar-se entre eles, oferecer-lhes uma chávena de chá, falando muito baixo e muito lento, com a inalterável tranquilidade e doçura, sob a qual se sentia a inabalável firmeza das suas crenças. [...]

«Assim atravessou a vida como que por um único caminho, que ela cobriu de boas obras, como se o cobrisse de flores, feliz sem dúvida da felicidade transcendente, que as desgraças sofridas tornam ainda mais completa, e só é possível àqueles que crêem possuir, neste mundo, a verdade absoluta.»

Lembra ainda Batalha Reis que fora a Vitória de Oliveira Martins que Antero de Quental dedicara um dos seus últimos sonetos, aquele que começa: «Na mão de Deus, na sua mão direita, descansou afinal meu coração. Do palácio encantado da Ilusão/ Desci a passo e passo a escada estreita». Homenagem que, de certo, muito a sensibilizara pois o poeta tornara-se para Joaquim Pedro o companheiro dilecto a quem Vitória, de resto, prestava uma solicitude muito especial, em virtude da paciente resignação com que Antero suportava as dores que o martirizavam.

Duas mágoas, contudo, acompanharam-na sempre. Uma, a de não ter tido filhos, situação que muito penalizava Oliveira Martins. Outra, o ver o marido persistir no seu afastamento da fé católica, defendendo princípios que ela considerava perigosos erros de doutrina.

É esta mulher sensível que escreve à esposa de Jaime Batalha Reis, Celeste Cinatti (1848-1900) a agradecer-lhe a carta de pêsames pela morte do marido, num estilo de recorte literário e eivada de expressões caras ao romantismo sentimental.

Era Celeste Cinatti a filha mais nova de José Cinatti (1808-1879), arquitecto e cenógrafo italiano que recebera, em 1836, um convite de José Lodi, empresário do Teatro de S. Carlos, para vir trabalhar para Portugal. Associando-se a outro cenógrafo que já aqui se fixara. Aquiles Rambois, fundou a firma Rambois & Cinatti que se encarregaram dos mais importantes trabalhos de cenografia da época, com especial relevo para a montagem das óperas de S. Carlos. São também de sua autoria a decoração de interiores de palácios oitocentistas, assim como o risco dos respectivos jardins. Coube, ainda, a José Cinatti a tarefa da reconstituição do templo romano em Évora, razão pela qual existe um seu busto nesta cidade.

Pelas observações que Vitória lhe dirige, ficamos a saber que Celeste se afastara, de certo por influência do marido, da fé católica em que se havia criado. Orfã de mãe muito cedo, também vitimada pela febre amarela, fora educada num colégio inglês, em Lisboa. Na época do namoro com Jaime Batalha Reis, como verificamos por uma carta publicada por Fernando Marques da Costa no seu trabalho «Um namoro na Geração de 70», Celeste tentava impor ao noivo o respeito pelas suas crenças religosas: «Pois Sr. Batalha [...] fique sabendo que quero ir todos os domingos e dias santos à missa e que quero comungar todos os domingos dos meses [...]» Concedia, todavia, ao futuro marido que podia escolher o confessor contando que não fosse nem «jesuíta nem português». Afirmação curiosa por mostrar o tipo de preconceitos religiosos que algumas jovens da burguesia alimentavam. Mantinha-se o ódio pelo jesuíta, que depois da expulsão ditada pelo Marquês de Pombal, continuara a ser alimentada pelos liberais. Mas instalara-se a moda dos confessores de congregações estrangeiras que, após a extinção das ordens religiosas em 1834, vinham interferindo insidiosamente, na vida social como representantes do ultramontanismo internacional, e denunciados com veemência tanto na Imprensa como no parlamento.

Lisboa, Calçada dos Caetanos, 30
18 de Março de 1895

Minha querida Amiga

Muito me sensibilizou a sua tão boa carta, que eu recebi em casa da minha mãe, onde estive os últimos meses da sua vida. Quando a recebi ainda ela viva; mas pouco mais durou, porque no dia 22 de Fevereiro acabou o seu longo martírio. A minha Amiga, infelizmente, já sabe o que é perder pai e mãe. Mas não os perdeu nas tristes circunstâncias em que eu perdi minha Mãe, sempre muito me havia de custar. Mas se eu tivesse o meu marido bem amado; se ele ajudasse a enxugar as minhas lágrimas ou chorasse também comigo, a minha dor havia de ser menos pungente. Agora sinto-me cada vez mais só e desolada. Todos os laços que me prendiam à vida estão quebrados. Tudo acabou! Resta apenas a esperança de ir juntar-me em breve com aqueles a quem mais amei.

Se não fosse essa esperança, que seria de mim? A fé na vida futura, a esperança de tornar a vê-los, adoça as saudades. Quando rezo por eles, parece qu lhes falo e que eles me ouvem; que vêem as minhas lágrimas que se condoem da minha soledade e que me abençoam.

Quanto a lamento, minha boa, minha querida amiga por não ter fé. Se eu pudesse transmitir-lhe uma parcela da minha! Tome este conselho que lhe dou (desculpe a ousadia) faça todos os dias uma pequena oração por alma de seus Pais e peça-lhes que lhe obtenham a fé. Quando sentir a que fé volta – porque há-de voltar – dir-me-á se eu lhe não dei um bom conselho.

Diga ao seu marido que pelo Ministério dos Estrangeiros lhe enviei o livro que o Joaquim lhe deixou. Aqui junto vai um navio para o afilhado. Foi feito pelo Padrinho há muito, muito tempo!

Adeus, abraça-a como amiga sincera.

Vitória (*)

(*) espólio Jaime Batalha Reis, Págs. 62/8

A Cidade dos Prodígios

cont. da pág. 2

é o senhor Braulio. Fará amor com ela, tal como determinou ser rico. E, assim sendo, ocorre–lhe começar a roubar os artigos guardados na Exposição Universal. Continua a ter Efren Castels consigo e mais uns garotos para ajudas e manobras. E junta uma pequena fortuna que continua a guardar no colchão do padre Bizancio.

Por momentos, atenua–se a sua vontade de acumular dinheiro. Mas acentua–se o desejo de possuir Delfina. Começa a arquitectar um plano homicida destinado ao seu guardião (o gato Belzebu) e apanha o namorado dela. Só depois é que mata o gato. Mas - e Delfina?

Consegui–la-á pelo preço que a polícia exige para libertar o pai dela. Este fora apanhado numa rusga quando andava, vestido de mulher, a levar tareia dos homens.

Possui Onofre Bouvila a Delfina e conta–lhe que Sisino (o namorado) tinha mulher e filhos. Revoltada, ela denuncia o grupo de anarquistas à polícia. E são todos presos, salvo Onofre Bouvila para quem se inicia uma nova vida. De que modo? Ao ser forçado a trabalhar para Don Figa i Morera, o advogado que defende os criminosos. Com este ficou de «1 888 até 1 898, o ano em que se perderam as colónias.» E sempre sob as ordens de Odón Mostasa. Este era um bonitão que adorava divertir–se. Também era muito apreciado nos antros por onde andavam - e isso por ser pródigo quanto a dinheiro...

Na companhia do boémio Odón Mostasa, Onofre Bouvila descobre as delícias do erotismo. «Que parvo fui - dizia de si para si nessas ocasiões -, quantos trabalhos e quantos sofrimentos desnecessários, quando tudo acaba por ser tão fácil...» - pensava ao recordar Delfina.

Onofre Bouvila embrenha–se nas cruas leis da ladroagem. É um chefe inato, o que o torna perigoso para Arnau Puncella.

Don Humbert Figa i Morera era inimigo de don Alexandre Canal i Formiga, o dominador das obscuridades políticas. Por isso, era frequente que os membros de um e de outro se envolvessem em fortes contendas. Ora, sabedor disto, Onofre Bouvila planeia uma estratégia em que aquele será morto. E também Arnau Puncella. Onofre preza muito a vida. E, uma vez pressentido o perigo, mata. Fa–lo-à sempre quando sentir a vida em perigo...

No lugar de Canals i Formiga fica o senhor Braulio da pensão, posto em liberdade por não se ter provado a sua ligação aos anarquistas. Ao atribuir–lhe aquele cargo de chefia, Onofre Bouvila dise–lhe: «Nada de ir armar em mamarracho para o bairro da Carbonera (...) Agora somos pessoas respeitáveis. Se precisar de espairecer ou se lhe apetecer um bocado de folia, pague para ela e traga-a para casa, que a pipa da massa que ganhamos é para isso.» E o senhor Braulio cumpriu.

Sempre a proliferar nos seus negócios, Onofre Bouvila apaixona–se pela filha de Don Humberto Figa i Morera. Com ela casará depois de ter morto o seu rival, o filho corcunda do assassinado Canals i Formiga.

Onofre dedica–se à especulação imobiliária com o dinheiro obtido através da hipoteca das terras e casa dos pais e irmão. Enriquece rapidamente, sempre recorrendo à vigarice. E aos vinte e seis anos é razoavelmente rico. Estamos em 1 898.

Aos quarenta anos (em 1 913), Onofre Bouvila sente o vazio familiar. A mulher já não lhe interessa e dela tem um filho maluco e duas raparigas. Destas, uma casa com um pianista cheio de dívidas que a força a fugir dos credores. A outra dá em alcoólica.

Dissolve–se a família, mas Onofre Bouvila continua rico, embora os seus bens estejam na posse de Efren Castels. E isto porque o fascista Primo o detesta...

Dedica–se então à compra de diamantes e apaixona–se pela filha do inventor Santiago Beltall. Com ela desaparece aquando da inauguração da II Exposição Universal de Barcelona.

Enfim - o percurso de um jovem do campo que, uma vez chegado a Barcelona, só pensa enriquecer é *A Cidade dos Prodígios* de Eduardo Mendoza. Mas é também o relato histórico de acontecimentos vividos no final do século XIX e princípio do século XX. Nele se dá conta do desenvolvimento da aviação, da Guerra Mundial, do aparecimento do cinema, das mudanças políticas vividas na Rússia e em Espanha. Por isso - o que dizer...?

Por isso, acabada a leitura, se fica com a impressão de termos assistido ao movimento de um actor (Onofre Bouvila) num espaço e tempo datáveis. Contrastantes com a ficção que o autor é. Com a certeza de termos penetrado um universo duplo: o da realidade e o do imaginário. Perplexos perante a sua conciliação. E por quem a fez. Ou seja: Eduardo Mendoza.

Ana Paula Portugal

INÁCIO MATSINHE

• ATELIER PINTURA • CERÂMICA • EXPOSIÇÕES

VENDA DE ARTE AFRICANA

••• GRELHA – SALADAS E VINHOS

PETISCOS AFRICANOS

COM VISTA PANORÂMICA SOBRE O TEJO

MESA FAMILIAR (PRIVADO)

MARCAÇÕES P/TEL.: 87 72 38-86 80 52

ABERTO DAS 12 ÀS 24 H

ENCERRADO À 2.ª FEIRA

SÁBADOS DAS 15 ÀS 17 H

SESSÃO DE OLARIA PARA CRIANÇAS

RAMIRES

ESCADINHAS DO ARCO DA D. ROSA, 7

ENTRADA PELO PÁTIO DOS REMÉDIOS, À RUA DOS REMÉDIOS

ALFAMA

FRANÇOIS JACOB, RE

Se esqueci, já não

cont. da pág. 1

dadeira, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra Satanás. Gosto de ideias fixas, na condição de mudar de ideias.

Mais do que uma continuidade, vejo a minha vida como uma sequência de personagens diferentes, quase diria de estranhos. Na ponta da fila, avisto o rapazinho, o filho único, acarinhado por uma mãe muito terna, amimado por todos, brincando, o mais das vezes só, mastigando palavras que ensaia e deforma até ao infinito. Depois o adolescente, inchado de vaidade, repleto de ambição, um pouco atrasado perante as raparigas. Depois o estudante de medicina, preparando–se para ser cirurgião. O guerreiro das Forças Francesas Livres, lançado através de África com um batalhão de atiradores do Chade. O apanhado, retalhado por granadas, que, de regresso a Paris, tenta sete ofícios. O estreante no Instituto Pasteur que descobre com estupefacção a pesquisa e a biologia. Todo um bando a avançar de enfiada. Custa–me imaginar que à chamada deste nome, François Jacob, todas essas personagens tenham podido levantar–se num mesmo impulso e responder: presente! Quando tropeço no meu nome ao reencontrar uma caderneta de estudante, papéis militares ou artigos de um velho jornal, parece–me que aquilo diz respeito a tipos que se chamavam como eu. Poderia ao menos reconhecê–los se me cruzasse com eles na rua? Como o bicho que contempla a concha de onde acaba de sair e pensa: «Eu, lá dentro? Impossível!»

Para reencontrar cada uma destas personagens do meu passado, preciso de tempo, de esforços. Preciso de me concentrar. De me preparar.

Quando jovem, leal a determinadas ideias. a mesma espinha dorsal: «Go de ideias.»

Um pouco como para ir visitar velhos amigos por muito tempo negligenciados. Ou, melhor ainda como para organizar uma excursã a países estrangeiros aonde não s voltava desde há muitos anos. A chegar a cada país, é preciso rea prender a geografia, os costume as maneiras. É preciso entregarmo –nos a uma implacável observaçã da existência, numa trama de tem po sempre diferente. Onde os hábi tos nam dos Ond mei gua uma prec tuar sas, Ree quer

«Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo»

REESTRUTURAÇÃO, PERESTROIKA

ci, é que o mesmo
ıo é o mesmo

ıadas ideias. Na maturidade, embora com
rGosto de ideias fixas, na con dição de mudar

ır ve -
) ne -
inda,
ursão
ão se
s. Ao
rea -
ımes,
rmo -
vação
tem -
hábi -

tos do país precedente nos abando - nam antes ainda de estarem instala - dos os outros, os do país novo. Onde se tem de reaprender aquele meio, aqueles rostos, aquela lín - gua. Assim também, para cada uma das minhas personagens, é preciso, à custa de atenção, habi - tuar–me de novo, rediscernir as coi - sas, as pessoas, o futuro de então. Reencontrar para cada uma as pe- quenas vaidades, os temores, as ra - zões de orgulho ou de mentira, o eco familiar. E as contradições. E as veleidades. E a música das ma - nhãs que nos lança para o dia. (...) Mas como reconstruir mundos de onde desapareceu a incerteza de um futuro que se tornou passado?

O que acima de tudo me interes - sa nestas personagens da minha vi - da são as suas transformações e as suas relações. Como emergiu o jo - vem homem do adolescente e subs - tituíu uma visão grosseira do mun - do pela intransigência de um ideal - ismo? Por que desvios acabou o adulto por mudar de valores, por submeter–se ao interesse geral e jo - gar um jogo que, ainda na véspera, denunciava energicamente? Intri - gam–me também as relações entre aquele que sou hoje e os seus «an - tepassados». Em que é que o pro - fessor do Colégio de França é ainda o estudante de medicina? Pode es - colher continuar a sê–lo ou não? E quer? Serei solidário do guerreiro de vinte anos ou terei traído as suas esperanças e os seus desprezos? É possível eu continuar a acreditar, ou sequer a lembrar–me do que deu sentido à minha juventude? E o adolescente, preocupar–se–ia ele simplesmente com o que hoje me importa?

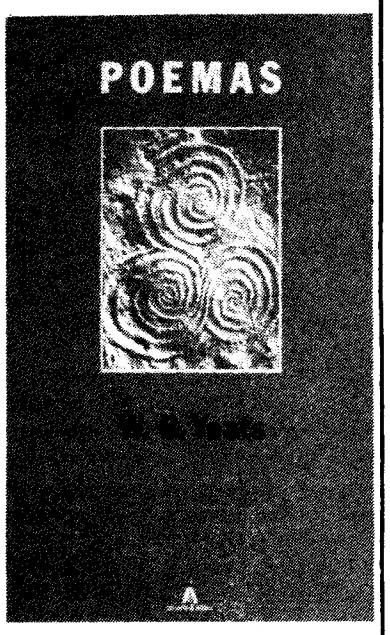
E contudo, por mais diferentes que possam surgir–me agora estas personagens que compõem a minha vida, durante mais de sessenta anos elas reconheceram–se todas as ma - nhãs, ao acordar. Reencontraram–se o mesmo, com a lembrança do mesmo nome, do mesmo passado, da mesma condição, do mesmo ros - to, dos mesmos aborrecimentos. (...) Esta esteita ligação entre a mi - nha memória e a minha excitabili - dade, entre certas lembranças con - cretas e a propriedade de lhes reagir hoje com a mesma violência, unem–me sem ambiguidade às mi - nhas personagens passadas, pois as mesmas provocações, a ocorrerem hoje, nem sequer me fariam estre - mecer. À distância, uma vez pas - sada a brutalidade da emoção mis - turada à lembrança, todas essas velhas humilhações, todas essas velhas humilhações, todas essas vergo - nhas e e essas raivas chegam a fa - zer–me sorrir. Não era assim que eu aprendia certos aspectos da vida que não se podem ensinar? Não é preciso passar por certas situações desagradáveis, e até odiosas ou ri - dículas, sentir com isso confusão ou fúria, para se gravar em nós o que nenhuma palavra pode ensinar? Não há melhor mestre que o amor - –próprio para percorrer um trajecto que ninguém pode fazer por nós.

Esta comunicação entre o meu coração e a minha memória, todas estas emoções que ressurgem sob o aguilhão da lembrança, tecem uma rede entre o que sou e o que fui. Obrigam–me à unidade. Como me obriga também o sentimento de uma velha cumplicidade com todas as personagens do meu passado nos eternos debates que formam o diá - logo interior. A certeza de que, cada uma a seu tempo, me deram a ré - plica. Que participaram nas altera - ções entre o anjo e a besta; no pas de deux que ora nos conduz às coi - sas por desejo, ora nos afasta delas por repulsa; no combate sem fim entre o que, num ser humano o de - tém, o imobiliza, o fixa, o vota ao particular, a uma mulher, a um destino, a uma velhice precoce, e o que, pelo contrário, o modifica, o renova, o faz partir, o empurra para cem existências, para mil facetas, para todas as mulheres, para o uni - versal, para a eterna juventude. O conflito das inclinações, dos hábi - tos e do nome. Se esqueci, é que o mesmo já não é o mesmo.

François Jacob

s mo...»

Poemas de Yeats



O irlandês **Yeats** que viria a ser distinguido, em 1923, com o **Prémio Nobel,** pode-se considerar, hoje, um clássico. Situa-se, esteticamente, na linha do movimento modernista que contribuiu para o desmoronamento da tradição literária do século XIX. Juntemo-lo, pois, aos poetas maiores da lingua anglosaxónica: a Elliot, a Pound, a Blake. De resto, manteve uma duradoira relação de amizade com **Ezra Pound,** tendo mesmo passado o Inverno de 1916 na sua companhia.

Exactamente, no ano em que escreveu **««Easter».**

Contudo, já, em 1893, editara «The Works of William Blake», poeta que homenageia no poema **«An acre of grass»,** incluído, agora, na edição bilingue que a **Assírio & Alvim** lhe dedica: «transformar-se em Timon ou Lear/ ou naquela William Blake/ que golpeou o muro/ até acudir-lhe a verdade». Trata-se de uma edição organizada por José Agostinho Baptista que se encarregou também da tradução. Neste livro, intitulado simplesmente **«Poema»,** surge ainda **«A ilha do Pago Innisfree»** que **Yeats** publicou, em 1890, quando tinha apenas 25 anos.

Sem dúvida que o envolvimento geográfico costuma ser essencial para a compreensão de obra de um artista. William Butler **Yeats** nasceu em Georgeville — **Dublim.** Curiosamente, no dia 13 de Junho, tal como **Fernando Pessoa.** Dublim. deve ter algo de muito especial porque dali também provêm Jonathan Swift, Thomas Moore, Oscar Wilde, George Bernard Shaw e, claro, James **Joyce.** Dividido entre Londres e a Irlanda, o poeta jamais se desligou da sua pátria que não tendo sofrido o abalo da revolução industrial se limitava a fornecer à Inglaterra produtos agrícolas e gado. Era um território deprimido pela fome, pelo desemprego, pela emigração.

Fez os estudos secundários em **Dublim,** numa altura que coincide com o seu primeiro arrebatamento amoroso. O jovem Yeats canaliza o fogo da paixão juvenil para a pessoa de uma prima, **Laura Johnsaton.** Porém, nada de grave porque a mulher da sua vida foi **Maud Goone,** a quem propôs casamento duas vezes; uma em 1891, época marcada pela febre das sociedades literárias que ajudou a fundar (a de Londres e a de Dublim) e outra, mais tarde, em 1894. Ela, não aceitou, preferindo casar-se com John MacBride, o que se traduziu, para o poeta, numa terrível desilusão amorosa.

Supõe-se que seja **Maud Goone** a inspiradora deste magnífico poema: «muitos amaram os momentos do teu alegre encanto/ muitos amaram essa beleza com falso ou sincero amor/ mas apenas um homem amou a tua alma peregrina/ e amou as mágoas do teu rosto que mudava...» De facto, esta mulher cruza-se na biografia de **Yeats** até 1938, pouco antes do poeta falecer, o que ocorreu em Janeiro do ano seguinte. Sepultaram-no em **Roquebrune,** mas os seus restos mortais seriam, depois, removidos para a Irlanda em 1939.

Yeats, poeta que atingiu a consagração ainda em vida, segundo os seus biógrafos tinha um profundo sentimento nacionalista. Isto, de certo modo, explica a recusa de um título honorífico que o governo lhe ofereceu. Falanos da passagem do tempo, do movimento que se liberta na quietude, da espuma do mar, das aves brancas, da luz, das costas sombrias, dos livros que «famosas mãos encadernaram», das constelações, dos rios e do mar, elementos simbólicos que constituem ecos dos acontecimentos históricos do século XX, embora permaneçam ainda, na estrutura do poema, conceitos dos milénios anteriores. «Fomos os últimos românticos — por temas elegemos / a tradição da santidade e de beleza...»

Lourdes Féria

Fundação Eça de Queirós

Familiares de Eça de Queirós e estudiosos da sua obra vão criar brevemente a Fundação Eça de Queirós, anunciou o catedrático Carlos Reis. Este docente, que falava na sessão inaugural da I Semana de Estudos Queirosianos, recentemente realizada, salientou que a fundação se destina a divulgar o legado cultural queirosiano.

«À Fundação Eça de Queirós caberá um relevante papel de dinamização cultural e de estímulo na continuidade dos estudos queirosianos» -salientou.

A fundação vai aproveitar o espólio existente na Casa–Museu de Santa Cruz do Douro, que serviu de cenário ao romance *A Cidade e as Serras.*

Esta iniciativa partiu da viúva do neto de Eça de Queirós, Maria Graça Salema de Castro, e de alguns estudiosos da obra do escritor, que pretendem também criar uma associação dos amigos das suas obras.

Na sua intervenção Carlos Reis falou também da edição crítica das obras dex Eça dex Queirós que está a preparar, manifestando o desejo de que ela «vá, regularmente, dando os seus frutos até à ocorrência do centenário da morte dex Eça, próximo do ano 2 000.»

Carlos Reis considera a publicação de *A Tragédia da Rua das Flores* «um acto despudorado à memória de Eça de Queirós», acentuando que este romance «não é uma obra esquecida, como se pretendeu fazer crer ao público, mas sim um texto que Eça abandonou.»

MARIA: será que há dúvidas de que José Craveirinha vive sozinho?

Maria é o singelo nome do último livro do poeta José Craveirinha, que, com o patrocínio do Instituto Português do Livro e da Leitura, acaba de ser editado em Lisboa pela ALAC–África, Literatura, Arte e Cultura. A capa é de Judite Cília, tem um prefácio, excelente, de Rui Knopfli, um posfácio de Mário Pinto de Andrade, e ilustrações, magníficas, de Chichorro.

São 46 breves, mas belos e pungentes, poemas de amor e saudade da esposa que para sempre partiu. Craveirinha, com aquele saber muito seu, recorre a metáforas que tocam no mais fundo de nós, mostrando como a poesia pode ser, sem lamechices, sentimento, solidão, amor, saudade, mèmória, quotidiano.

Homem de muito mundo e muitas experiências, José Craveirinha não consegue esconder — nem quer — o muito que sente a ausência de Maria, a única das muitas mulheres que foi sua esposa e companheira de uma vida inteira. E neste seu comovente e belíssimo livro chamado simplesmente Maria — que «entre os raros poemas de amor conjugal em Língua Portuguesa, virá a disfrutar de estaatuto ímpar», como diz Rui Knopfli — Craveirinha deixa–nos cair poemas, página a página, como quem deixa cair, uma a uma, lágrimas cálidas, sentidas e lúcidas.

Começa pela *Notícia odiada*. Diz assim:

«De mim ao teu súbito sossego / nenhum pesadelo excede / a infausta notícia. / Não aceito o teu dormir / além do sono. / Chgas de núvens amortalham esta manhã / Quantos lobos vão–nos uivando impunes? E quantos algozes à solta no/s executam? (...) / À notícia mais odiada / já sei como de repente / há–de ser a elegia de neutrões.»

Depois, bom, depois é um nunca mais acabar de poesia dorida: «No meu inesquecível dia 10 de Outubro / o mais absorto homem triste do mundo / em seco deglote ácidos grãos de açúcar / (...) Como é bizarra a cacimba que nos meus olhos / distorce a paisagem que nos diz adeus»; ou aquilo a que Craveirinha chama *Gumes de Névoa*: «Lágrimas? / Ou apenas / dois intoleráveis / ardentes gumes de névoa / acutilando–me cara abaixo?»

Os exemplos poderiam continuar. Zé Craveirinha não pára de nos surpreender com sua pungente poesia, como em *Casa de Campo*:

«Aos sábados de manhã / vou até à nossa casa de campo. / Por mais cedo que eu chegue / com minhas rosas / minha mulher está lá / Eu regresso à cidade / mas no remanso da casa de campo / a Maria e as rosas ainda ficam.»

E ao virar de cada página lá vamos encontrando Craveirinha confessando a sua dor em forma de poema, como acontece em Sábados injustos:

«Rosas / Cravos / Antúrios. / E tamb/em gladíolos. / Com minha ternura / ajeitando nas jarras / os mais injustos sábados de flores.»

Em *Solitários*:

«Primeiro uma injuriosa nódoa nas calças. / Depois a falta de um botão na camisa / E no princípio da noite / eu e a sobra do almoço / solitários na casa toda / aborrecidos um com o outro.»

Ou ainda em *Café Frio:*

«Com ninguém reparto meus sentimentos. / Nas cacimbentas manhãs de Inverno / egocêntrico vou ingerindo / meu melancólico / café frio.»

Mas o poeta lembra também o passado de liuta e sacrifício conjuntos em que a companheira deu provas de uma dedicação sem limites (caso dos poemas *Prémio e Vila Algarve*) e termina com o terrivelmente belo Zé Craveirinha sozinho:

«O fosco chão de ´parquet´desencerado. As toalhas sempore mudadas por mim. Nos cantos dos tectos o tricô das aranhas. Nas estatueatas uma indumentária de pó. Será que subsiste alguma dúvida de que o Zé Craveirinho vive sozinho?»

Ribeiro Cardoso

A ORDEM DOS FACTORES

A Lei do Me(r)cenato

O que o regime tem de violento para com a cultura leva a temer pelo regime e não pela cultura.

MAURICE BLANCHOT
(O Livro Por Vir)

SE negar é, necessariamente, por vezes, o melhor modo de afirmar, peço licença para afirmar o meu propósito (ministerial, quase solene) de negar que haja, neste país, quem ao nível do poder seja capaz de assumir que a Cultura sempre foi segundo princípio, e só ao regime político interessa, enquanto dela se podem tirar dividendos; em momentos históricos determinados, com finalidades ideológicas definidas.

Assim não fosse, que representação na farsa seria deixado à lei do Mecenato?, essa (in)sofismável Caixa de Pandora donde se espera ver sair, em profusão, essa gama de virtualidades sem as quais a criação artística não passa de um monótono diálogo de sombras.

É que, pensando melhor, não somos afinal tão pouco gregos — como dizia Constantino Cavafy, o poeta de Alexandria, nostálgico de uma pátria que só culturalmente lhe não fora negada, e onde só com a morte regressou.

Pois se os desajustamentos crescentes, entre a política cultural seguida na última década, e uma política da cultura, séria e despartidarizada, não deixam de ser humilhantes, confiar hoje à tutela capitalista privada um direito inalienável dos cidadãos não deixa de ser, pelo menos, atentatório da dignidade cultural de um povo.

Continuo a pensar que nada actualmente substitui a liberdade individual e que, se o trabalho intelectual arrisca cada vez menos colcar-se sob protecção do «estandarte marxista», nem por isso a inoperância crónica dos regimes face à cultura, se pode dispensar de voltar a aprender de Marx a necessidade de colocar a análise marxista, como pretende Alain Touraine, ao serviço da compreensão das lutas sociais.

Não têm os destratos culturais, a Leste como a Ocidente, contribuído para o acelerado declínio da cultura dos povos, das filosofias da história, ainda que por diferentes razões, mas ainda assim pela mesma incapacidade de gerir as forças criadoras do homem à revelia da autenticidade que a função cultural requer, enquanto dimensão humana?

Na linha de pensamento de Novalis, esse mago a quem o relâmpago não teve tempo de cortar a visão do que somos, é altura de repudiar que, ao abrigo das leis do mecenato, continue a Cultura a fazer proliferar **génios peculiares.** Às portas do século XXI, é chegado o momento de exigir do poder a necessária condição a que, livremente, o espírito humano se faça **génio total.**

Vergílio Alberto Vieira

NOTAS E COMENTÁRIOS

Pravda e Fenda

O número 5 de Pravda acaba de sair, em Coimbra, agora sob responsabilidade (editorial, digamos — direcção e organização) de Júlio Henriques e um tanto ao desamparo, não só de qualquer apoio financeiro, mas até de chancela editorial. Os primeiros quatros, entre 82 e 86, média de quase um por ano — tinham saído com chancela Fenda, na mesma cidade.

Calculam-se as dificuldades que manter uma publicação assim deverá implicar. Por isso não surpreendem quase dois anos de silêncio, entre o último número e este reaparecimento. Sobre isto, porém, não caberiam aqui mais do que os habituais lugares-comuns, e, de vez em quando, é preciso evitá-los. Adiante.

Este número 5 é, pois, o regresso de **Pravda,** e um regresso diz-se que «sob o signo da vida artificial». Que é isto de «vida artificial»? Teremos, pelo menos, uma vaga noção do que seja a resposta, e bem assim do que a caracterizará em termos qualitativos de gravidade. O tema — é lugar-comum, agora — muito vasto. Mas há assunções dele (assuntos) privilegiados. É de algumas destas assunções (assuntos) que neste número de **Pravda** se trata: a televisão, a igreja, as prisões, a publicidade, por exemplo (e em caixa baixa para não enfatizar).

Destaque para o texto «A Vida Artificial», assinada por Jerry Mander. É uma «introdução» ao tema, como consta do índice, e do título foi retirado. Mas não se pode dizer menor do que o deste o interesse de outros textos, na mesma área temática, uns mais teorizantes ou parateorizantes, outros menos, e mais críticos, quer dizer, aplicados, a referências concretas (o de M. J. Gomes sobre a igreja, por exemplo, e os dedicados às prisões — Alcoentre, entre outras).

Não é tudo. E aí está um assunto actual, os descobrimentos, tratado com uma desenvoltura que não é displicência e uma irreverência que também pode ser lucidez — crítica, obviamente: uma «introdução à estória dos descobrimentos portugueses». Mas o dossier é breve, e o enfoque, parece-nos feito com pouca nitidez — de processos, métodos, objectivos.

Uma anotação. Entre outras coisas que não cabe aqui referir, figura um texto, «Da aparente impossibilidade de os jornais poderem criticar o mundo», assinado J. H. É um comentário à recensão, feita num semanário, vai para dois anos, ao número 4 de **Pravda** — único comentário que houve, ao que parece.

Este número 4 era dedicado a Karl Kraus, e um dos temas fortes do dossier era o jornalismo. J. H. suspeita, e talvez com razão: os jornalistas reagiram mal, ou não reagiram. Ter-se-á dado mais a segunda hipótese. Infelizmente: parece que passou despercebido, a maior parte dos jornalistas nem viu. Não era obrigatório que vissem, mas, se vissem, não teriam perdido. Pelo menos havia aí excelentes pretextos para uma autoreflexão — sobre a profissão, o profissionalismo, o meio, eles próprios. De **Pravda** ainda haverá por aí alguns exemplares esquecidos em alguma livraria. E haverá sempre alguém que tenha um exemplar, para se lhe pedir fotocópia ou emprestado.

Fenda Edições, uma referência de topo da vida cultural (em Coimbra, desde logo) nestes anos 80, anunciou recentemente a mudança (de sede social, diríamos, se tal houvesse, ou sede editorial, pelo menos) desta cidade para Lisboa. A mudança tem a ver com a fixação, na capital, e por motivos profissionais, cremos, do principal animador de Fenda, Vasco Santos, a ajuntar à saída de Coimbra de muitos colaboradores, nos últimos anos. E ocorre ao mesmo tempo que um relançamento da actividade editorial, com quatro títulos novos: **A Fala do Índio,** de Teri C. McLuhan, **O Quilombo de Palmares,** de Benjamim Péret, **Antinoo,** de Fernando Pessoa, **A Ilustre Máquina de Ramires,** de António Pocinho (fotografias), **Deus tem caspa,** de Júlio Henriques.

Destaque, desde já, para os três primeiros títulos: um «auto-retrato da vida dos índios da América do Norte», a «crónica da República dos Escravos» (episódio da colonização portuguesa, bem pouco dela abonatório), e uma tradução, feita por Luís Nogueira, duma peça de Pessoa.

Anote-se que Fenda propõe o livro de Péret como «contributo (a edição dele, portuguesa) para as comemorações do 5.º Centenário dos Descobrimentos»'

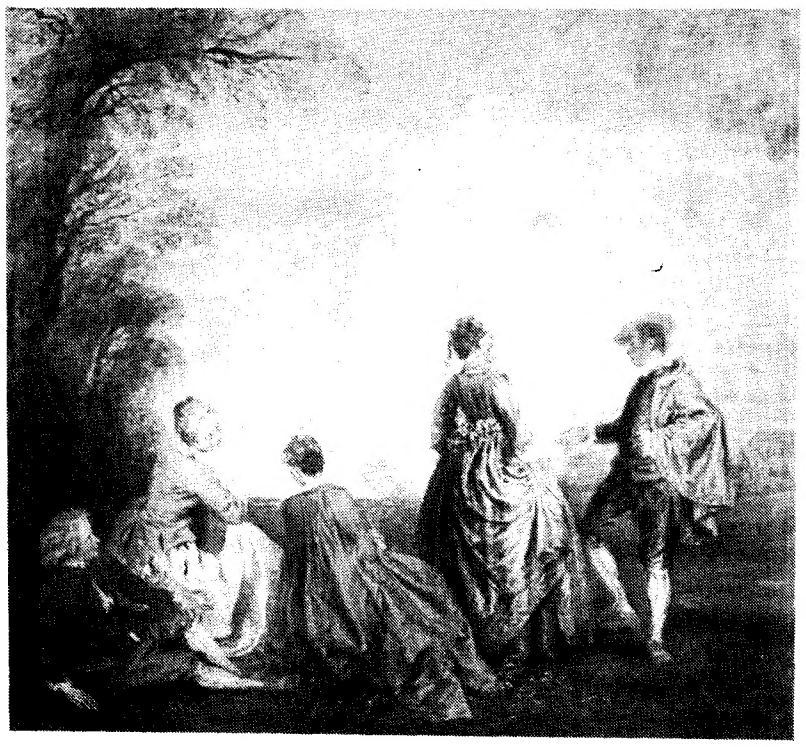
Luís de Miranda Rocha

Catarina da Fonseca

No Centro Nacional de Cultura, no passado dia 3O, efectuou–se o lançamento do livro A Malta do 2.o C, de Catarina da Fonseca, Prémio Inasset (Inéditos de Literatura Infantil 1 988).

O livro foi apresentado por Natércia Rocha.

Muito público, muitos autógrafos, muito convívio.



As virgens no prado

A terra tremeu, sobressaltando a efémera quietude
do prado. Flores choraram pétalas nupciais.
Faunos rejubilaram perante a visão dos corpos
enlaçando-se em estonteante tumulto.

Aves migradoras choveram em bandos.
Desenhos de alvíssima luz
matizando o prado com sons de prata.
Imensas vagas emergindo do solo
explodem com fragor, grito de sementeira
há muito esperada.

Com os corpos arfando percorreram o prado
procurando os assombros da volúpia.
Penetraram assim no virginal labirinto.

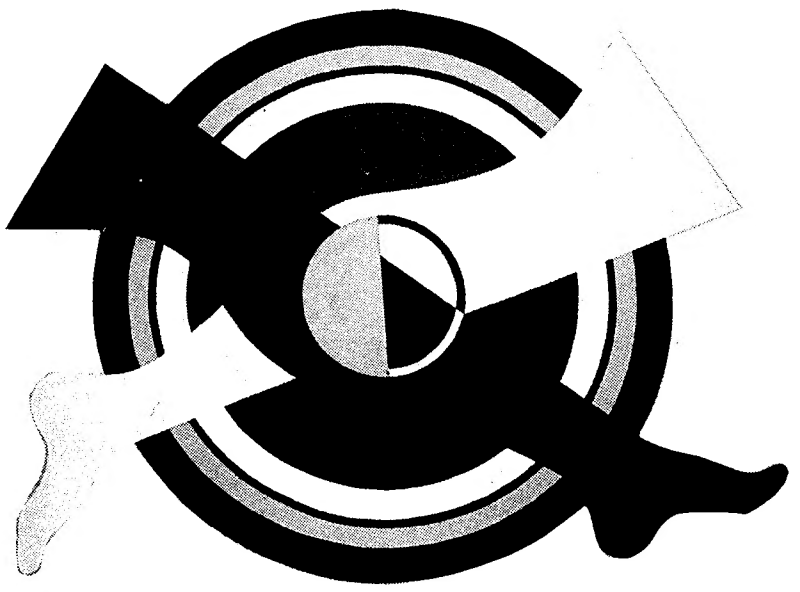
Quando o último movimento era o fremir da erva,
lhes sobreveio a lassidão do prazer inventado,
espelho azul bordado a ouro.

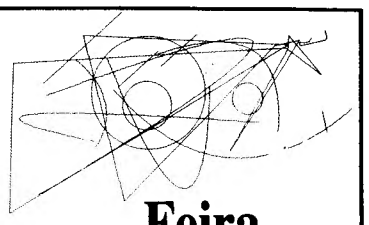
Álvaro de Sousa Holstein Ferreira

Entre-os-Rios

À primeira vista a pedra no espaço
Incólume Como um planeta roda na cabeça
Não tem cor ou a cor negra telescópica
do frio distância simples e neutra
Mas é doutro momento que falo Agora
conjugam-se os olhares que a despenham
segundo um eixo oblíquo e atraem-se
Este spray de pensamento e sílica
a fina película que enduirece o coração
Ver e ser visto O clamor mudo do existir
A esfera do olhar simples
Com as mãos nos ouvidos ressoa tudo
A distinção confunde-se Talvez o macho
fecunde a fêmea com a sua silicose
de mineiro e as pedras geradas assim
sejam as invisíveis O drama dos que não
existem O ser dos surrealistas O basalto
maleável dos pensamentos Sedimentos
simples de lamas limos e conchas de caracóis
A humidade tépida nos pés nus que se enterram
na margem do rio das brumas
A energia dos músculos que andam
é a mesma da pedra que gera o rio O coração
um baixio no leito baixo onde absurdamente
se purifica uma espécie de répteis
como nas Gálapagos O espanto será sempre
este Jornada dum dia Diário dum teólogo
herdado entre outros papeis velhos

Carlos Leite





Feira

Fico-me
aqui
nesta espera
sem espera.
Amorfos
me estão
os olhos.
Afónica
a voz
Rever-te
era ver
o que não vi!
Dizer-te
então
das palavras
não ditas!
Estar
contigo
contigo
indo:
ir até
à feira
e vorazmente
comer um frango.
Beber vinho.
Disparar
no vão «Ah!»
de receber
um prémio.
Enfiar
nos carros
e deslizar
sobre mim,
sobre ti!
E assim
permanecer
até
os beijos
não beijos
se irem
—e da feira
as lâmpadas
se fundirem...

Ana Paula Portugal

Atmosfera

SE algum dia Siena faltar à realização anual dos eventos e cortejos medievais, podem as cortes transferir-se seguramente para esta cidade e ver os seus cavaleiros derrubados ou gritando vitoriosos sobre o chão único destas ruas e praças adormecidas.

Bruges mata os que chegam para a desordem e ilumina os espíritos ressacados do movimento das grandes cidades. Todos os dias na estação de comboios chegam de Bruxelas funcionários arrependidos por terem dado tantas horas de existência aos gabinetes da Comunidade Europeia, amantes traídos por impotência ou incapacidade de se revelarem no amor, pintores vazios e cegos pelo cubismo que os seus quadros não conseguem ultrapassar, realizadores sem ideias, escritores sem mulheres, músicos sem silêncio.

Permanecer sentado à espera da sombra das grandes árvores, do sol que os grandes edifícios abrigam dos sinais da pedra gasta, das pontes sem o grito da «Queda» de Camus, dos canais que deslizam por debaixo dos nossos pés, à espera do encontro dos barcos que nos levam até ao lado das esplanadas românticas. Este o código da cidade.

O céu aqui pinta-se a seis cores. Sobra o vermelho escondido nos olhos dos habitantes e nas janelas das pensões da praça central.

Hoje só bebo café. Rejeito as mãos que se me abrem para uma ligação mais exaltada com a cidade. O desejo esconde-se debaixo das pontes. Lembro a mulher que ontem chorou sobre o meu peito. 13 000 lágrimas e braços a sufocar a vida que procuro não ter. Lembro um versículo do Tao: «A vida não é mais do que uma ponte; não construas a tua casa.» Guardanapo de papel a arder.

Pedem-me a conta.

Vou dormir a pensar na morte.

Acordei limpo. Tenho um encontro marcado com um grupo de músicos, ascetas tímidos do niilismo, segundo me disseram. Ouvi a cassete de apresentação à pressa, com medo de ter medo de me desiludir. Primeira impressão: delírio tremendo de sons, poeira branca, metais, a cabeça oca contra as paredes, sinais de fumo, superfície plausível de atingir o caos.

Falo em inglês com eles. Preferem assim. São flamengos e vomitam a língua. Não os esperava tão radicais, tão obsessivos em relação a outros domínios. Falam-me em Carlos Paredes (não acreditei sem provas metafísicas) e Nana Vasconcelos. Tem discos de. Estão a estudar John Shurman e Harold Budd. Admiram Tuxedo e Minimal Compact. Chamam-se «Niilrouge». Odeiam as importações congeladas dos nórdicos, cubos de açúcar e outras guloseimas de ritmo.

Despeço-me sem saudade mas fico com a impressão que nos olhos deles já há guitarras de Carlos Paredes.

Passei a tarde no jardim do coreto. Uma banda da Armada a animar adolescentes entre bicicletas e «croissants» trocados à dentadinha com beijos.

Na rua da igreja passam coches apinhados de turistas, batedores de fotografias sem imagem.

«É pois necessário aceitar esta lei: não posso aprofundar, apreender a fotografia. Apenas posso varrê-la com o olhar, como uma superfície tranquila» (Roland Barthes).

Fui ver um filme de Tanner, que o Pedro já tinha Amado em Lisboa. Pouco público para tanto filme. Fiquei a arder e apaguei-me em «hamburguers» e cervejas.

Instalo-me entre as fendas de ar, junto às ruínas de uma passagem subterrânea. Despejo as minhas perguntas no azul eterno do céu e respiro este pó, quimera nobremente misturada de uma quinta essência inexplicável.

Estou cansado. Amanhã vou esperar Marcy à estação. Vem de Edimburgo para a terapia. Tem ideias claras sobre Bruges. Vai ter de as guardar, aqui diluem-se nas nuvens.

Richard Evans

«Abaixo os croissants de Lisboa». Estraído de Nuvens (1), *Movimento e Edições (Apartado 235, 2675 Odivelas)*

Acabados de Chegar

A Mulher, o Leite e a Cobra, José Gabriel Pereira Bastos, Edições Rolim

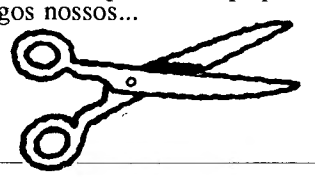
Chama–lhe o autor um breve estudo. Assim: «Neste breve estudo em que, tal como os nossos informantes, trataremos cobra e serpente como sinónimos, tentaremos, sem qualquer propósito de exaustividade, situar os *textos sociais* por Fernanda Birrento na região de Samors Correia, bem como os que levantámos junto de pessoas de diferentes regiões do país, cotejando–os, para fins constrativos, com textos significativos da literatura mitológica transcultural e da poesia dos séculos XIX e XX, de modo a podermos elaborar algumas questões centrais para a psicologia, para a análise de texto, para as ciências da cultura, para a psicanálise e para a antropologia do simbólico.» Atente o leitor nos termos seguintes: **psicologia, psicanálise, antropologia**. Indubitavelmente um grande livro de cultura. Um livro que tem cabimento em Filosofia, na cadeira de Antropologia Simbólica. Até porque se trata de um ensaio de antropologia pós–racionalista. Extratextos (belíssimos) de Fernanda Birrento. - Edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura.

Na Boca da Infância, António Damião, Caminho

António Damião é autor, sob o pseudónimo de Henrique Nicolau, de *O Trabalho É Sagrado* (Prémio Caminho de Literatura Policial, 1985), *A Escola da Verdade e Al ança Quem Não Cansa*. Todos títulos policiais. No prelo, já outro policial: *A Arca do Crime*. Agora, com *Na Boca da Infância*, inserto na colecção **O Campo da Palavra**, o autor dá–se a outros caminhos. Vamos ler e dizer das nossas impressões. Brevemente. - Capa de Henrique Cayatte.

Serpa Pinto na Travessia da África, Maria Helena de Figueiredo Lima, Civilização Editora

Infanto–juvenil. Escrita clara. Muitas ilustrações (de Teles Afonso) coloridas. E mapas também. Um album que ajuda os garotoa nossos filhos. Ou nossos sobrinhos. Ou simplesmente pequenos amigos nossos...



Passagem para a Índia, E. M. Forster, Europa–América

Grande parte das coisas da vida são monótonas e nada há a dizer sobre elas. De for ma que os livros e os discursos que pos sam fazer–se a esse respeito têm forçosamente de ser exagerados para justificarem a sua existência. O espírito humano vegeta no interior do ca sulo do seu trabalho ou das suas obrigações so - ciais, registando apenas a diferença entre o prazer e a dor, bem menos atento do que é costume pretender - –se... — eis um juízo deste romance clássico em que Forster descreve, com compreensão e discernimento, a complicada reacção oriental ao domínio britânico na Índia, e revela o conflito de temperamentos e tradições envolvido nesse relacionamento. —Tradução de Bernardette Pinto Leite.

Eu vendo tu compras, Marco Dardi, Civilização Editora

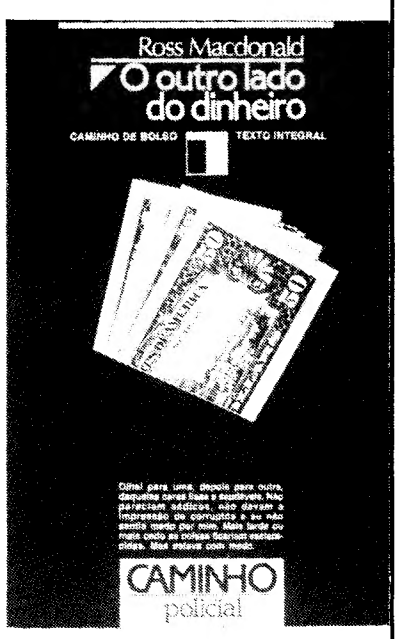
Trata–se de uma viagem ao mundo da Economia. Para gente pequenina, ou um pouquinho crescidinha, mais não. Interessa mesmo em tempo de férias. Tem tanto desenhos! E coloridos! - Desenho e arranjo gráfico de Alessandro Pacini e tradução de Maria Alice Moura Bessa. Já agora, palavras de uma nota da contracapa: «O mundo da economia é o teu mundo. Para lá viveres é importante compreender como é feito e como funciona...» Adiante

A Dama do Lago, Raymond Chandler, Círculo de Leitores

O Círculo de Leitores há já algum tempo que vem publicando as Obras Completas de Raymond Chandler, um dos mestres da literatura policial. Este é o quarto volume. Um autor a ler, sem dúvida. Quer ainda se trabalhe, quer se esteja já em férias. - A tradução é de Manuel João Gomes. Na capa, Robert Montgomery, realizador e intérprete do filme com o mesmo nome do romance de Chandler.

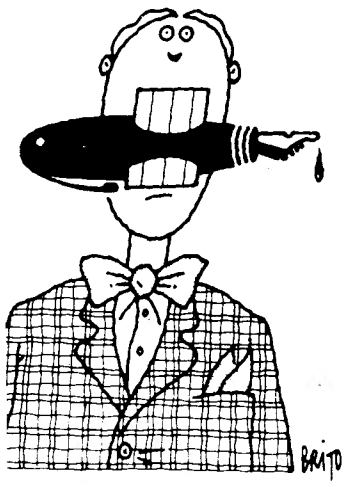
Ferreiros do Tempo, Garry Kilworth, Caminho

Garry Kilworth é um nome novo para os leitores portugueses. É um dos mais originais e mais destacados autores da recente e tão brilhante ficção científica britânica. Este *Ferreiros do Tempo* é certamente um dos seus melhores livros. Numa cidade cercada por muralhas de gelo desenrola–se uma história complexa que vai de supresa em surpresa... -Tradução de Paula Reis e capa de Henrique Cayatte.



O Outro Lado do Dinheiro, Ross Macdonald, Caminho

O Outro La do do Dinheiro é, reconhecidamente, um dos melhores romances de Ross Macdonald -e este é, por sua vez, um dos quatro ou cinco grandes nomes do policial norte–americano. Tudo isto justifica plenamente que se possa dizer: não perca este livro! Outros romances de Ross já foram publicados pela **Caminho**. O leitor que os procure. Porque a obra de Ross Macdonald é inconfundível e impõe–se de imediato à atenção. *O Outro Lado do Dinheiro* é um belo exemplo das singulares qualidades de Ross Macdonald. - Tradução de Daniel Gonçalves e capa de Henrique Cayatte.



O eu nos outros

Quem ao telefone

Era um homem a respirar, a arfar, ritmadamente, do outro lado do fio. Não dizia uma palavra: Isabel B. A. quase que sentia o sopro desse desconhecido que, já pelo fim da tarde, lhe ligara para casa.

—Estou... - dizia Isabel de quando em quando.

Mas não vinha qualquer resposta - e unicamente aquele respirar anónimo enchia os ouvidos a Isabel. Lembrou-se do mar quando, na praia, cerrava os olhos e se dava à escuta do silêncio, onda após onda, o sol num zunido pelo corpo. Arrepiou-se: aquele sopro, vindo de algures, sufocava-a, entontecia-a. Era uma respiração apossando-se da sua respiração.

—Estou... - repetia Isabel.

Nenhuma palavra, porém, lhe chegava aos ouvidos. Num desespero, as mãos suadas, pensou: «É o telefone que está avariado...»

Desligou - e logo, segundos depois, o telefone voltou a tocar, estridente, rompendo em prata o silêncio da casa. Isabel B. A. levou as mãos aos ouvidos, correu pelo corredor, a cabeça pelas paredes.

«Talvez agora seja alguém...» - encorajou-se. Dirigiu-se lentamente para o telefone, o suor pelo interior dos braços, os cabelos despenteados, a baínha da saia descosida.

—Estou... -quase que sussurrou.

De novo o mesmo respirar, o mesmo arfar, o mesmo peito de homem do outro lado do fio: e tão forte era agora o ritmo, tão escuro, que Isabel B. A. caíu redonda pelo chão, alto gritando, pelo telefone, o nome de João.

Pedro Alvim